

**VERA LÚCIA DE AZEVEDO SIQUEIRA**

**REPRESENTAÇÕES  
EM EDUCAÇÃO ONLINE:  
UM ESTUDO DAS ‘FALAS’ NA PERSPECTIVA  
DOS SUJEITOS APRENDIZES**

Dissertação  
de Mestrado  
apresentada à  
Faculdade de  
Educação da  
Universidade  
de Brasília  
como parte da  
exigência para  
obtenção do  
título  
de mestre em  
educação, na  
área de  
confluência  
Tecnologias  
na Educação,  
sob orientação  
da

Dr<sup>a</sup> Raquel de  
Almeida  
Moraes.

Aos meus alunos do curso de *Iniciação à Museologia* da Universidade Virtual do Colégio  
Albert Einstein, por me lançarem nessa estrada

### **AGRADECIMENTOS**

À minha família, por todo o apoio.

À minha orientadora, Dr<sup>a</sup> Raquel de Almeida Moraes, pela generosidade e estímulo permanente.

Às professoras Stella Maris Bortoni-Ricardo e Lenise Aparecida Garcia, que participaram da minha banca de qualificação, pelas sugestões.

Aos colegas do curso ‘Introdução à Educação Online’ que com suas preciosas ‘falas’ deram vida a este trabalho e, em especial, àqueles que colaboraram de forma efetiva para torná-lo possível.

Ao professor Wilson Azevedo, pelo incentivo.

Aos colegas de mestrado Valéria, Fábria Magali, Simone, Hélio, Garonce e Espedito, pela amável convivência.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Dra Raquel de Almeida Moraes  
Orientadora/ FE/UnB

---

Dr. Eduardo Chaves  
Examinador externo/FE/Unicamp

---

Dra Stella Maris Bortoni-Ricardo  
Membro da Banca/FE/UnB

---

Dra Lenise Aparecida Garcia  
Suplente/FE/UnB

**RESUMO:** O advento da Internet e a ampliação da oferta de serviços da rede vêm propiciando uma transição de paradigmas na área educacional, engendrando revisão nos conceitos de ensinar e aprender. Na educação a distância *online*, são formadas comunidades virtuais de aprendizagem colaborativa que se utilizam de ferramentas comunicativas síncronas e assíncronas, que ensejam interação e permitem aos alunos estabelecer trocas com seus pares e seu professor, colocar seus pontos de vista, discutir idéias, enfim construir uma série de representações. Este estudo identifica e interpreta algumas representações individuais construídas por alunos de um curso *online*, no que diz respeito à nova temporalidade e ao novo espaço; à interação social; à retomada da linguagem escrita e à questão do conhecimento. A pesquisa alerta para alguns dos problemas a serem enfrentados por aqueles que se propõem oferecer um curso *online*, pois o advento da WWW pode propiciar a democratização do saber, mas ainda representa algo a ser assimilado pelos aprendizes.

**Palavras-chave:** educação *online*; comunidade de aprendizagem; representação.

**ABSTRACT** – The coming of the Internet has broadened the rendering of services and is creating a transition of paradigms in the educational field, engendering a new approach in the concepts of teaching and learning. In online education cooperative virtual learning communities are formed which utilize synchronic and asynchronic tools, creating interaction and allowing students to establish exchange of information with their peers and teachers, show their viewpoint, discuss ideas, in other words to build a series of representations. This study identifies and interprets some of these individual representations built by an online course, in respect to the temporality, the new space, the new possibilities of social interaction, the retaking of the written word and the various aspects of knowledge. This research warns us to some of the problems to be faced by those who offer on online course, because the coming of the WWW can foster the democratization of knowledge, but it also represents something to be assimilated by learners.

**Key words:** online education; learning communities; representation.

## SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| Introdução.....   | 10  |
| Capítulo I – Educação a distância .....                   | 14  |
| 1.1 - Conceitos básicos e breve histórico .....           | 14  |
| 1.2 - Educação a distância <i>online</i> .....            | 18  |
| Capítulo II – A pesquisa .....                            | 27  |
| 2.1 – A questão das representações .....                  | 27  |
| 2.2 – O viés etnográfico .....                            | 28  |
| 2.3 – A coleta de dados .....                             | 29  |
| 2.3.1- observação participante.....                       | 30  |
| 2.3.2- registro das ‘falas’ .....                         | 30  |
| 2.3.3- entrevistas. ....                                  | 31  |
| 2.3.4- questionários. ....                                | 32  |
| 2.3.5- representações visuais.....                        | 33  |
| 2.4 – O contexto da pesquisa.....                         | 33  |
| 2.4.1 – os alunos .....                                   | 33  |
| 2.4.2 – o curso .....                                     | 36  |
| 2.4.2.1 – a concepção filosófica.....                     | 36  |
| 2.4.2.2 – desenho.....                                    | 38  |
| 2.4.2.3 – fase preparatória .....                         | 47  |
| 2.4.2.4 – cronologia .....                                | 51  |
| Capítulo III – Apresentação e interpretação dos dados ... | 55  |
| 3.1 - O questionário.....                                 | 55  |
| 3.2 - As entrevistas.....                                 | 61  |
| 3.3 - As ‘falas’ dos alunos .....                         | 66  |
| 3.3.1 - nova temporalidade e novo espaço .....            | 67  |
| 3.3.2 – interação social .....                            | 73  |
| 3.3.3 – linguagem .....                                   | 77  |
| 3.3.4 – o conhecimento.....                               | 83  |
| 4 - As representações visuais.....                        | 88  |
| Considerações finais .....                                | 103 |
| Conclusão .....   | 107 |

Bibliografia..... 109

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### **Gráficos**

- Gênero, p. 33
- Região, p. 34
- Faixa etária, p. 35
- Formação, p. 35
- Quadro interpretativo, p. 55

### **Figuras**

- Representação 1 – p. 88
- Representação 2 – p. 90
- Representação 3 – p. 92
- Representação 4 – p. 95
- Representação 5 – p. 96
- Representação 6 – p. 99



## CONVENÇÕES

A partir do capítulo II desta dissertação, serão utilizadas as seguintes convenções, seja para citação das ‘falas’ dos atores, seja para a transcrição das entrevistas:

(( )) - comentários da pesquisadora, inclusive ações não verbais

(...) - transcrição parcial ou eliminação de textos

... - hesitações e pausa no pensamento

(( )) - incompreensão de palavras ou segmentos

/ - mudança de linha num diálogo

MAIÚSCULAS – entonação enfática

Ps - Pesquisadora

Prof. - professor

Alunos citados em suas falas (de acordo com as iniciais dos respectivos nomes):

A, A1, A2, A3 e A4; C, C1 e C2; D; G; J, J1 e J2 ; M, M1 e M2

## INTRODUÇÃO

Meu interesse pela educação online nasceu em 1997 e tem crescido ao longo desses anos, em meio a algumas experiências, entre as quais a atividade que desenvolvo como professora<sup>19</sup> do curso de *Iniciação à Museologia*, promovido totalmente via Internet, desde agosto de 1997 pela Universidade Virtual - UV do Colégio Albert Einstein, de Osasco, São Paulo.

A trajetória como professora da UV tem propiciado uma experiência positiva não só em termos profissionais, levando a atualizar meus conhecimentos, mas também em termos de relacionamento pessoal, uma vez que boa parte dos aprendizes continua a manter contato freqüente, mesmo após concluído o curso, com a finalidade de buscar mais subsídios para desenvolver seus trabalhos e também divulgar seus projetos.

O curso de Iniciação à Museologia é bastante prático e tem revelado sua utilidade, já que pode atingir diferentes profissionais que se encontram dispersos e encontram dificuldades para realizar curso similar em seus locais de origem. Além disso, por ser via Internet o curso permite acesso virtual a uma infinidade de museus que os aprendizes dificilmente poderiam visitar *in loco*. Para complementar as informações, criei em 2000 o *site* Museunet.

A UV mantém um ambiente de aprendizagem no qual o aluno pode iniciar e concluir o curso a qualquer momento, sem estar vinculado a uma turma. Este modelo certamente concede flexibilidade ao aprendiz, ao mesmo tempo que libera o professor de um acompanhamento diário. No entanto, embora não seja exatamente um tutorial, já que propicia ao aluno contato com o professor por *e-mail* ou *Chat*, o modelo adotado impede a desejável interação entre os atores, no sentido de formação de uma comunidade de aprendizagem colaborativa.

A essa minha experiência como professora *online*, somam-se outras como aluna *online*. A primeira delas foi propiciada pelo *III Curso de Especialização Continuada e a*

*Distância, 1999-2000*, promovido pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, via Internet. Com cerca de 300 alunos, professores, tutores e especialistas do Brasil e do exterior, esse grupo constituiu uma ativa comunidade de aprendizagem, que interagiu por meio de fóruns e encontros presenciais. Ao final do curso, em novembro de 2000, obtive aprovação na seleção para o Mestrado da Faculdade de Educação/UnB, com pré-projeto de pesquisa cujo tema era 'Interação em ambientes de aprendizagem *online*'.

Em maio de 2001, participei como aprendiz do curso *Potencializando seu curso online*, promovido totalmente via Internet por um consórcio de universidades. O curso congregou 27 participantes, oferecendo rico ambiente de aprendizagem, com diversas ferramentas de interação e pesquisa, além de mediação por conceituada profissional em EaD. No entanto, essa experiência mostrou-se frustrante devido não só ao ritmo intenso de atividades exigidas dos aprendizes já no primeiro módulo, como à saída da professora, um mês após iniciado o curso. A tutora substituta mostrou-se ausente, levando à desmotivação e desistência do grupo.

De 8 a 15 de março de 2002, participei do evento virtual *Educação Online: a perspectiva do aluno*, oferecido por uma empresa educacional, no qual foi divulgado o curso *Introdução à Educação Online*, cujas facilidades oferecidas (curta duração, preço módico, via Internet), me motivaram a fazê-lo, tendo em vista o projeto de pesquisa do mestrado. Desenvolvido no prazo estipulado, de 19 de abril a 3 de maio de 2002, este curso contou com 23 aprendizes que, familiarizados previamente com o ambiente de aprendizagem e as ferramentas disponíveis, puderam discutir textos e explicitar sua opinião sobre o tema.

As experiências que acabo de relatar, além de deixar à mostra possibilidades e limites da educação *online*, demonstram que existe um conjunto de pontos de vista e expectativas em torno dessa nova modalidade educativa, que acabam formando representações, isto é, idéias e conceitos, e revelam como o aprendiz percebe, por exemplo, a nova temporalidade síncrona/assíncrona, o novo espaço -- virtual -- , as novas formas de sociabilidade, a retomada da comunicação escrita e o conhecimento.

A revisão de literatura sobre educação *online* mostra a existência de artigos que privilegiam o ponto de vista de teóricos, professores e administradores, esmerando-se em apresentar concepções sobre o desenho de ambientes virtuais de aprendizagem colaborativa ou em enfatizar a necessidade de capacitação dos docentes para esse novo desafio.

---

<sup>19</sup> Licenciada em Letras pela UFRJ, bacharel em Museologia pela UNI-RIO, professora efetiva de francês da

No entanto, pouco se tem dito a respeito das expectativas, satisfação ou decepção dos aprendizes que, ancorados em experiências educativas convencionais, realizam um curso *online*. Daí, o interesse que motivou este estudo, que certamente poderá vir a contribuir para aperfeiçoar essa modalidade educativa emergente.

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, investiga algumas representações que vêm sendo elaboradas sobre a educação a distância via Internet e tem como objetivo identificar e interpretar essas representações com base nas ‘falas’ dos alunos do curso *Introdução à Educação Online*, a partir das seguintes categorias: espaço-tempo; interação social; linguagem escrita; conhecimento.

Norteiam esta investigação as seguintes perguntas:

- a) a consciência de um novo espaço e de uma nova temporalidade afeta o desempenho dos aprendizes?
- b) como os alunos se sentem em relação à interação social neste novo espaço?
- c) a linguagem escrita constitui um canal efetivo de comunicação no espaço virtual?
- d) como se sentem os alunos, no novo espaço, em relação aos conhecimentos revelados por seus colegas?

A metodologia desta pesquisa buscou incorporar alguns instrumentos utilizados em pesquisas etnográficas. Daí, porque utilizei a observação participante e as ‘falas’ dos alunos -- expressas em diferentes momentos e ambientes do curso -- buscando posteriormente na triangulação com os demais instrumentos de pesquisa (questionário, entrevistas e representações visuais) os elementos necessários para interpretar as representações.

Para atingir o objetivo deste estudo, busquei respaldo nas teorias de Peter Berger e Thomas Luckmann (Escola de Frankfurt), expressas na obra *A Construção Social da Realidade* (1985).

Em vista disso, essa dissertação foi dividida em 3 capítulos.

O capítulo I apresenta alguns conceitos e um breve histórico da Educação a Distância, mostrando que o advento das novas tecnologias da informação e da comunicação vem promovendo o desenvolvimento e a disseminação dessa modalidade educativa, cujo foco se volta cada vez mais para o que se convencionou chamar de Educação Online. Nesse contexto,

inserem-se as comunidades de aprendizagem colaborativa, nas quais o diálogo entre atores pode propiciar a construção de conhecimentos.

O capítulo II introduz o conceito de representação e o quadro metodológico da pesquisa, com base em quatro categorias, presentes na obra de Peter Berger e Thomas Luckmann. Por tratar-se de uma pesquisa de viés etnográfico, busquei em Frederick Erickson (2001) e Marli André (1986) algumas referências para levar a termo este estudo. Em seguida, apresento os instrumentos utilizados para a coleta de dados, bem como o contexto da pesquisa, ou seja, o perfil dos alunos, a concepção, o desenho, a fase preparatória e a cronologia do curso.

O capítulo III apresenta a interpretação do material coletado, ou seja, o questionário, as entrevistas, as 'falas' dos alunos -- expressas por meio da linguagem escrita -- além das representações visuais. No final desse último capítulo, são tecidas algumas considerações sobre a questão do dialogismo entre os atores e da intertextualidade, com base nas teorias de Paulo Freire (1986) (1987) e Mikhail Bakhtin (2001) (2002).

# CAPÍTULO I

## EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

### 1.1 - Conceitos básicos e breve histórico

A educação a distância tem sido considerada por diferentes teóricos como ‘modalidade’, ‘forma’, ‘estratégia educativa’, ‘sistema didático’, ‘organização’, ‘método’, ‘metodologia’ ou ‘processo educativo’, e também como sinônimo de ‘instrução por correspondência’, ‘instrução a distância’, ‘teleducação’ e ‘aprendizagem a distância’<sup>20</sup>.

Autores como CHAVES consideram a expressão ‘educação a distância’ incorreta, preferindo uma outra, ‘ensino a distância’, uma vez que “A educação e a aprendizagem são processos que ocorrem dentro da pessoa -- não há como possam ser realizados a distância” (1999:2). No entanto, a terminologia ‘educação a distância’ continua prevalecendo, já que se trata de expressão mais abrangente e menos focada no professor do que ‘ensino’.

Para MOORE, citado por NISKIER

Educação a distância é a aprendizagem planejada que geralmente ocorre num local diferente do ensino e, por causa disso, requer técnicas especiais de desenho de curso, técnicas especiais de instrução, métodos especiais de comunicação através da eletrônica e outras tecnologias, bem assim arranjos essenciais organizacionais e administrativos (2002:1).

BELLONI considera que “o fenômeno da educação a distância é parte de um processo de inovações educativas mais amplo que é a integração das novas tecnologias da informação e comunicação nos processos educativos” (2002:124). No futuro próximo, para esta autora, o conceito de EaD tende a se transformar com a perspectiva de uma convergência de paradigmas que deverá unificar o ensino presencial e a distância em novas e diversificadas

---

<sup>20</sup> Ver Lorenzo Garcia Aretio, Para uma definição de educação a distância. *Tecnologia Educacional*, RJ, v. 16, n. 78/79, pp. 55-61, set. /dez. 1987.

formas que incluirão um uso intenso das tecnologias da informação e da comunicação.

A meu ver, educação a distância é um processo social, contínuo e organizado, promovido por uma instituição de apoio, que permite ao aluno flexibilidade de espaço e tempo. Nesse processo, graças à utilização de diferentes meios, é possível não só transpor distâncias geográficas -- e mesmo temporais -- como também engendrar diferentes níveis de diálogo e, em conseqüência, partilhar conhecimento e construir saberes.

Com relação ao conceito de distância, é interessante lembrar o que diz PETERS, citado por AZEVEDO (2002:1):

Por milênios, ensinar e estudar foram atos que sempre ocorreram em proximidade física. Isto se fixou firmemente na consciência das pessoas. Por isso o ensinar e estudar a distância é considerado de antemão como excepcional, não comparável ao estudo face-to-face e, muitas vezes, também como especialmente difícil... Pelo fato de se considerar a distância em relação aos estudantes como um déficit e a proximidade física, pelo contrário, como desejável e necessária, já as primeiras tentativas de estabelecer princípios didáticos específicos para o ensino a distância se propunham a encontrar meios e caminhos para superar, reduzir, amenizar ou até mesmo anular a distância física (PETERS: 2001:47).

Ainda a esse propósito, AZEVEDO acrescenta que:

Deve-se creditar a Moore e sua Teoria da Distância Transacional (...) a demonstração de que, em Educação, distância não tem sentido estritamente físico/geográfico, mas fundamentalmente relacional, afetivo, comunicacional. Esta distância ou proximidade transacional é que tem importância pedagógica. Ela não depende da proximidade física, pelo contrário. (...) Faz parte da experiência cotidiana educacional a proximidade física com significativa distância transacional. Assim como faz parte do cotidiano da Educação Online a distância física com proximidade relacional (2002:1).

Embora EVANS (2002:1), citando Holmberg, se refira a formas seculares de ensino a distância (como as epístolas de São Paulo, escritas há cerca de 2 mil anos), disseminadas com o advento da imprensa, considera-se que a EaD desenvolveu-se institucionalmente a partir de meados do século XIX, devido ao incremento dos meios de transporte, com a invenção da locomotiva, em 1825, e ao desenvolvimento dos serviços de correio, a partir da criação do selo postal, em 1840.

Esse começo, restrito à oferta de material impresso, com um serviço regular, rápido e barato, em que a interação entre aluno e professor era lenta e esparsa, é considerado por EVANS (idem) a primeira geração da educação a distância. Segundo o autor, existem uma segunda e terceira gerações, caracterizadas mais adiante, sendo que cada uma das gerações

sucedâneas foi construída a partir das outras, ao invés de substituí-las.

No Brasil, a EaD teve início com o Instituto Rádio-Técnico Monitor, de São Paulo, que, a partir de 1939, oferecia cursos de eletrônica. Na sua esteira, foi criado em 1945 o Instituto Universal Brasileiro, grande difusor de cursos profissionalizantes da América Latina, tais como eletricidade, desenho, bordado e contabilidade, entre outros. Esse tipo de instrução - que continua em voga -- popularizou-se rapidamente atingindo, graças a preços módicos e a um formato didático e simples, sobretudo a população de baixa renda, engendrando de certa forma, conforme LITWIN (2001:15), um baixo conceito para a EaD.

A segunda geração surgiu no século XX, em meados dos anos 60, com a integração dos meios audiovisuais (rádio e televisão) ao meio impresso. No Brasil, o rádio surgiu na República Velha, quando o país era predominantemente rural. Influenciado pela renovação pedagógica de educadores como Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, o antropólogo Roquette Pinto fundou, em 1923, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, cujo objetivo era 'levar a cada canto um pouco de educação, de ensino e de alegria'. Assim, a EaD se beneficiou do rádio como meio ideal para atingir regiões isoladas ou populações dispersas. Com o objetivo de 'colocar o homem de pé' -- como preconizava D. Hélder Câmara -- destacou-se a partir de 1961 o Movimento de Educação de Base/MEB, com 1.200 escolas radiofônicas espalhadas pelo Norte e Nordeste, que sobreviveria até 1965.

Embora introduzida no Brasil em 1950, a televisão popularizou-se somente a partir dos anos 60. No final dessa década, o governo implantou TVs Educativas, como a TV Cultura, de São Paulo, que em 1967 transmitia cursos de Madureza ginásial, com telepostos instalados em grupos escolares. A essas iniciativas outras se seguiram, como a da Fundação Padre Anchieta (1º curso de Madureza Ginásial), em 1969, e a do Serviço de Radiodifusão Educativa do MEC (Projeto Minerva), em 1970.

Fruto da pressão norte-americana -- com base nos acordos MEC-Usaid pós-64 -- o redirecionamento das propostas educacionais engendrou em 1970 o Mobral, cujo objetivo em plena euforia do Brasil Grande Potência era a alfabetização em massa, com base no slogan 'educação não é privilégio: é investimento'. No entanto, o movimento acabaria por fracassar, gerando boa parcela dos chamados analfabetos funcionais.

Em 1978 foi a vez da iniciativa privada: a TV Globo lançou em convênio com as TVEs para todo o país uma experiência de sucesso, o Telecurso 2º grau. No final dos anos 80, o desenvolvimento do sistema de comunicações via satélite e a vulgarização de aparelhos



receptores de TV propiciaram um processo interativo nacional voltado para a atualização de docentes do ensino fundamental, o programa ‘Um salto para o futuro’.

Apesar de tantas experiências -- muitas frustradas devido à ineficácia das estratégias ou à interrupção dos processos --, só eram reconhecidos até há pouco, em nosso país, os cursos de Madureza e o Telecurso de 1º e 2º graus. Apenas em 1996, o Art. 80 da nova LDB proporcionou novo alento ao setor.

A chamada segunda geração de EaD traduz freqüentemente uma filosofia de orientação behaviorista e industrialista -- que pressupõe pacotes auto-instrucionais dirigidos a um público de massa. De acordo com MORAES, a EaD preserva traços do chamado modelo industrial fordista, ou seja, “divisão entre pensar e fazer, hierarquização piramidal das funções, gerência científica, linha de montagem” (2001:14). Ainda hoje, este modelo continua predominante -- não só no Brasil, mas também na Europa e nos Estados Unidos -- sobretudo em universidades ditas abertas, tais como a Open University, fundada em 1969 no Reino Unido. Esse exemplo de sucesso despertou o interesse de educadores europeus e latino-americanos, impondo-se como paradigma de universidade aberta e provocando o aparecimento de outras tantas similares, a exemplo da Universidade Nacional de Educação a Distância (UNED).

Já a terceira geração, conforme veremos mais adiante, é também conhecida como pós-industrial e utiliza desde os anos 90 as redes telemáticas, que combinam informática e as telecomunicações e suas múltiplas potencialidades (correio eletrônico, sites, bancos de dados, listas de discussão, etc.), permitindo a interação coletiva entre professor e alunos, sobretudo em modo assíncrono, ou seja, fora do tempo real. Esta terceira geração ainda não se impôs como modelo, mas evidencia uma transição de paradigma.

Metaforicamente, conforme aponta MENA, “(...) a imagem social da EaD passou de a ‘bela adormecida’ para a ‘panacéia’ para todos os males e deficiências educacionais” (2002:1), lembrando ainda uma outra imagem interessante para a EaD, a da ‘porta giratória’, que tanto facilita a entrada quanto a saída, tanto democratiza o acesso, como facilita a evasão.

A EaD pressupõe uma série de facilidades que parecem convidativas à primeira vista. Entre elas, a de atingir localidades remotas e incluir faixas populacionais dispersas, além de permitir flexibilidade de espaço e tempo, propiciando ao aprendiz formar-se, atualizar-se ou aperfeiçoar-se de acordo com o seu próprio ritmo, em casa ou no local de trabalho.

Para NUNES, “o estudante é um indivíduo com características próprias, que devem ser

respeitadas; do mesmo modo, deve merecer atenção o ritmo de estudo individual” (1994:7). No entanto, essa individualidade não costuma ser considerada no ensino presencial onde, de acordo com CHAVES, “As classes enormes que existem em algumas escolas levam a um relacionamento extremamente impessoal, apesar da proximidade no espaço e no tempo” (1999:6).

A EaD possui, além de facilidades, alguns limites como a falta de interação face a face, a inadequação dos meios ao público-alvo e a desatualização dos conteúdos, fatores que podem provocar alta taxa de evasão ou desistência de alunos.

No que se refere à ausência de contato presencial com o professor e os colegas, na EaD o aprendiz se ressentido do calor humano presente num olhar, num sorriso, num gesto de aprovação, enfim, numa interação mais afetiva. Nesse sentido, LITWIN lembra que “Nenhum bom programa de educação a distância resolveu da melhor maneira, mesmo empregando tecnologia de ponta, a convivência de estudantes em um ‘*campus real*’ ou a longa e produtiva conversação face a face com um docente” (2001:21). Assim, influenciado fortemente por métodos presenciais, o aluno sente dificuldade em estudar sozinho, sem contato com seus pares, ou seja, com uma turma.

Um outro motivo de frustração para o aprendiz está relacionado aos meios utilizados. Para NUNES, “educação a distância não é necessariamente sinônimo de sofisticação tecnológica. Ela pode ser desenvolvida a partir de meios econômicos e populares” (1994:12).

Os conteúdos veiculados também podem levar à insatisfação quando, para atingir grande faixa populacional, produz-se em grande escala e de forma massificada, sem respeitar o contexto do aprendiz. Da mesma forma, como hoje a informação é constantemente atualizada, é freqüente a tendência de os conteúdos se tornarem rapidamente obsoletos.

## **1.2 – Educação a distância *online***

O modelo industrialista de EaD, de acordo com BELLONI, vem perdendo terreno desde os anos 90, “(...) no contexto das transformações políticas e econômicas e das agendas de uma nova fase do capitalismo” (2001:11). Com efeito, o surgimento de uma nova sociedade -- da informação e do conhecimento -- tem constituído um desafio para boa parte da humanidade, motivando uma transição de paradigma, com novas formas de ensinar e de aprender.

Cabe aqui uma breve digressão sobre os termos informação e conhecimento. A

informação diz respeito a tudo o que nos rodeia, o que vem de fora e que constitui, por assim dizer, um meio para o conhecimento. Conforme assinala KURZ, informação tanto pode ser “o som de uma buzina, a campainha de um despertador, as oscilações da Bolsa, a previsão do tempo” (2002:14). Já o conhecimento se dá no processo de interação entre o que está fora (a informação) e o que se encontra em nosso ‘eu’, o que inclui o processo interno da reflexão. Para esse autor, “(...) vivemos numa sociedade do conhecimento porque somos soterrados por informações” (idem). Segundo ele, o conceito de inteligência da chamada sociedade da informação -- ou do conhecimento -- é modelado pela chamada ‘inteligência artificial’, ou seja, por máquinas eletrônicas que simulam atividades do cérebro humano e tornam-se sistemas com vida própria<sup>21</sup>.

Essas máquinas tiveram sua origem em 1946, quando cientistas da Universidade da Pensilvânia, Estados Unidos, reuniram um grupo de pessoas para assistir ao desempenho do Eniac, o primeiro computador eletrônico e digital automático. Na época eles previram que, em futuro próximo, os cérebros eletrônicos seriam tão acessíveis e populares quanto um eletrodoméstico. Um pouco mais tarde, as grandes empresas se valeram da publicidade para mitificar essa nova tecnologia. Assim, um anúncio da Borroughs se referia à ‘capacidade intelectual’ da máquina. Por sua vez, a IBM descrevia em minúcias seu modelo 40, do sistema 360, que podia ‘resolver 63 problemas ao mesmo tempo’<sup>22</sup>.

A rede mundial de computadores, ou Internet, teve sua origem nos Estados Unidos. Considerada uma espécie de filha da Guerra Fria, já que nasceu para atender a necessidades militares de defesa do país no caso de ataque nuclear pela União Soviética, por razões estratégicas, a rede não tem um centro, um diretor, nem pertence a nenhuma empresa.

MATTELARD (2002:63) informa que, em 1958, o Pentágono criou a Darpa -- *Defense Advanced Research Projects Agency*, uma agência de coordenação de contratos de pesquisa federais. Dez anos mais tarde, esta agência inaugurou a rede Arpanet, ancestral da Internet, que começou a funcionar em 1969, conectando a ela quatro universidades americanas. Em seguida surgiram os diferentes protocolos e, em 1981, a Bitnet, com grupos de discussão, correio eletrônico e transferência de arquivos entre universidades americanas.

No Brasil, em 1987, pesquisadores e técnicos se reuniram na Universidade de São Paulo (USP) para discutir a montagem de uma rede que interligasse universidades brasileiras

---

<sup>21</sup> Cf. o filme de Stanley Kubrick, ‘2001, uma odisséia no espaço’, no qual o computador ganha vida própria.

e estrangeiras. Em 1988, o Laboratório Nacional de Computação Científica -- LNCC, no Rio de Janeiro, fez a primeira conexão com uma Bitnet americana. Em 1989, foi criada a Rede Nacional de Pesquisa (RNP).

Em 1991, o pesquisador inglês Tim Berners-Lee criou a linguagem HTML, uma maneira de estruturar dados em multimídia e hipertexto: surgiu então a World Wide Web, também conhecida como Web ou WWW, e suas múltiplas possibilidades de navegação. A partir de 1993, graças à criação e difusão de mecanismos de navegação como o Mosaic e o Explorer, a rede cresceu e se popularizou, atraindo cada vez mais aficionados<sup>23</sup>.

A palavra Web significa rede. Atraído por essa imensa teia e estimulado pela diversidade de ferramentas de interação disponíveis, o internauta passa de mero receptor a emissor de informação, tem a chance de criar seu próprio site, ‘surfa’ ou ‘navega’ por hipertextos, freqüenta salas de *chat* e retoma o esquecido hábito da escrita, materializando um dos ideais da Revolução Francesa, o de que qualquer cidadão tem direito de publicar suas idéias. Na visão de Richard Barbrook, professor da Universidade de Westminster, em Londres, estamos diante de um ‘cibercomunismo’, da retomada da cultura do ‘faça você mesmo’<sup>24</sup>.

#### Para LÉVY

As páginas Web expressam as idéias, os desejos, os saberes, as ofertas de transação de pessoas e grupos humanos. Atrás do grande hipertexto está borbulhando a multidão e suas relações. No ciberespaço o saber não pode mais ser concebido como algo abstrato ou transcendente. Está se tornando cada vez mais evidente – e até tangível em tempo real – que esse saber expressa uma população. Não só as páginas Web são assinadas, igualmente às páginas em papel, como também costumam desembocar numa comunicação direta, interativa, via correio digital, fórum eletrônico ou outras formas de comunicação por mundos virtuais, como os MUDS ou os MOOs (1998:3).

O conceito de ciberespaço<sup>25</sup> tem sido discutido por diferentes autores e pode ser definido como um local virtual, criado graças ao encontro de diferentes tecnologias de telecomunicação e telemática, sobretudo as mediadas por computador. Esse *locus* complexo, inserido na cultura contemporânea, oferece diferentes ambientes e diversas modalidades de interação, além da possibilidade de transpor barreiras físicas, com um novo conceito de

---

<sup>22</sup> Ver *Realidade*, ‘Por que os computadores Burroughs são mais inteligentes’, São Paulo, Ed. Abril., ano II, n.18, set. 1967, p. 54. *Realidade*, ‘O que ela vai pensar?’, São Paulo, Ed. Abril, ano II, n. 24, mar. 1968, p. 77 - 92.

<sup>23</sup> Pesquisas indicam que dos 173,8 milhões de brasileiros, 17 milhões têm contato com o computador e 13 milhões são usuários da Internet. Fonte: <http://www.cdi.org.br>

<sup>24</sup> Ver *Folha de S. Paulo*, Caderno Mais!, 30 out. 1999, pp.5-5 e 5-6.

temporalidade.

Já o termo virtual é frequentemente oposto ao conceito de real, o que, segundo LÉVY, não é correto. Para este filósofo, “A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes” (1999:15).

É nesse espaço virtual, o ciberespaço, que desde os anos 90 a educação a distância encontra novas possibilidades que a têm revigorado. Com efeito, a chamada terceira geração da EaD só foi possível graças ao advento do computador pessoal, definido por LÉVY como “a potência de cálculo arrancada do Estado, do exército, dos monstros burocráticos que são as grandes empresas e restituída, enfim, aos indivíduos” (1993:45), à eficiência e ao baixo custo dos modernos sistemas de telecomunicações, bem como à amplitude e ao custo acessível de redes como a Internet e as Intranets.

Assim, em meio a demandas impostas pela nova sociedade, fruto da dinâmica das transformações tecnológicas atuais, empresas e instituições educacionais vêm aderindo à chamada educação *online*, ou seja, a que é realizada por meio de redes informatizadas, dentre as quais a Internet.

No Brasil, buscando suprir as necessidades de formação, treinamento, aperfeiçoamento e atualização de profissionais, diante de um mercado cada vez mais exigente, competitivo e também excludente, os cursos a distância de graduação e pós-graduação universitária vêm se multiplicando. Além disso, consórcios firmados entre universidades federais, como a Universidade Virtual Pública do Brasil (Unired), ou universidades privadas, a exemplo da Rede Brasileira de Ensino a Distância/Instituto I-UVB.br, sinalizam não só a crescente demanda, como o interesse cada vez maior na disseminação dessa nova modalidade de ensino-aprendizagem.

No entanto, essa disseminação está sendo vista com reservas por alguns educadores. Com efeito, o chamado *e-learning* apresenta, no mais das vezes, interesse meramente comercial, ou seja, perfil auto-instrucional em que predomina o texto, classes virtuais com grande número de alunos, mediadas por um só tutor, sem possibilidades de diálogo entre os atores.

Nesse sentido, MORAES considera que existe um mero ajuste aos interesses de mercado. “No momento em que a educação e o conhecimento convertem-se em forças

---

<sup>25</sup> A palavra ciberespaço tem sua origem no livro ‘Neuromancer’, do escritor norte-americano William Gibson,

materiais e é atribuído valor simbólico à educação, o capitalismo globalizado na sua fase pós 1990 a coloca como valor de troca dentro da lógica da teoria do capital humano e cria uma nova mística iluminista” (2002:6).

Nessa mesma linha de pensamento, BATISTA citado por MORAES, é de opinião que “a educação a distância permite que corporações transnacionais não reconheçam fronteiras. (...) Pacotes e programas educacionais são comercializados em escala planetária. Sob este viés, a educação a distância, sob controle privado, ao invés de socializar o acesso à educação pública refina a exclusão social” (2002:9).

Contudo, há benefícios na ‘EaD Virtual’. Como no tradicional modelo de educação a distância, nesse processo o aluno tem chance de realizar seus estudos na própria casa ou no ambiente de trabalho, orientado por professor ou tutor, de acordo com suas necessidades, no momento que lhe seja mais conveniente e em seu próprio ritmo. Nesse ambiente, o diferencial fica por conta do acesso a meios instrucionais baseados na interatividade: o computador pessoal, os diversos *software* e a Internet, com a WWW, uma rede em constante construção, que proporciona diversos serviços ou recursos de comunicação, tais como os sites de busca, o e-mail, a transferência de arquivos, o *chat*, o fórum, a lista de discussão, a videoconferência, ensejando acesso a todo tipo de informação, da mais corriqueira à mais sofisticada, independente daquela fornecida pelo professor ou tutor.

O advento da Internet e a ampliação da oferta de serviços da rede vêm propiciando uma transição de paradigma na área educacional, engendrando uma revisão nos conceitos de ensinar e aprender. No entanto, embora já se delineiem novos papéis para o professor, a transição nesse processo ainda é lenta. De acordo com BEHRENS, “O paradigma antigo era baseado na transmissão do professor, na memorização dos alunos e numa aprendizagem competitiva e individualista” (2001:73). Ainda para essa autora, “O desafio imposto aos docentes é mudar o eixo do ensinar para optar por caminhos que levem ao aprender” (idem).

Para MORAES e SILVA, “no exercício da docência devemos *ser um guia amigável* em função de uma *pedagogia* criadora, dinâmica e participativa, com uma concepção de *técnica* que ultrapassa os ditames neoliberais e que comporta um *dever heterogêneo, onde o respeito à diferença está presente, orientada por uma educação libertadora rumo à democracia, ideal político por excelência*” (2001:2).

Quanto ao aluno, a tendência neste novo contexto é ele tornar-se não mais um mero

---

um expoente da literatura *cyberpunk.*, publicado em 1984.

repetidor e memorizador de conteúdos, mas um colaborador ativo não só dos colegas, como também do professor. Conforme enfatiza BEHRENS, “o aluno precisa ultrapassar o papel de passivo, de escutar, ler, decorar e de repetidor fiel dos ensinamentos do professor e tornar-se criativo, crítico, pesquisador e atuante, para produzir conhecimento” (ibidem:71).

A revisão de literatura no que se refere ao ponto de vista do aprendiz, com relação à educação a distância *online*, mostra conforme pesquisa realizada por ARAÚJO que:

os aprendizes adultos na modalidade on-line tendem a esperar que seus professores/instrutores demonstrem estar ‘presentes’ por meio de um feedback constante e individualizado. É mesmo possível que tal fator seja relativamente mais importante, na perspectiva desses aprendizes, do que o material didático e a tecnologia empregada nos cursos (2002:19).

TESTA e SCHULER, em pesquisa junto a estudantes da grande Porto Alegre sobre a representação social da educação, tendo em vista implementar projeto de educação a distância via Internet, constataram que :

a interação e a convivência dos alunos entre si e com os professores constitui um elemento do núcleo central da representação social do processo de ensino-aprendizagem. Esta afirmação traz como consequência a necessidade de que o aluno perceba na educação a distância a existência de uma interação similar a que ocorre no ensino presencial, caso contrário, ele não entenderá esta nova fase de ensino como válida (2000:8).

Por sua vez, AZEVEDO (2001) buscou seis depoimentos de alunos que acreditam ser possível educação totalmente a distância. Esses aprendizes destacaram, entre outros aspectos, a motivação que um curso *online* representa para um aluno tímido, a necessidade de se ter cursos de qualidade que promovam a interação com colegas distantes, a atenção individual do professor e a vantagem de se ter a possibilidade de recuperação dos registros – *chats*, listas, fóruns, café – ou seja, a memória do que foi realizado.

A experiência de LUKOWIECKI (2002) como mestranda a distância da Open University foi relatada num artigo, no qual a autora aponta, entre outros pontos fortes, o ambiente de aprendizagem colaborativa do curso que estimula o aluno a trazer suas experiências para o grupo e a comunicação assíncrona que favorece o diálogo entre alunos de diferentes culturas. Quanto aos pontos fracos, a autora cita, entre outros, a falta de maior atenção por parte dos tutores, que dedicam tempo insuficiente à tutoria e, finalmente, a pouca participação dos alunos no fórum de debates.

Já SARMENTO (2001:129) oferece num artigo resultados de uma pesquisa que realizou com os alunos que participaram de cursos a distância, cujo objetivo era identificar as estratégias de aprendizagem desses alunos, e que apontou, entre outros aspectos, como

dificultadores da aprendizagem, o problema de acesso à rede Internet e a adoção de equivocado conceito de *design* instrucional.

Alunos reunidos nos chamados ambientes de aprendizagem colaborativa *online* constituem comunidades virtuais de aprendizagem, ou seja, pessoas reunidas em torno do interesse comum de aprender mais, de adquirir mais conhecimento. Segundo RHEINGOLD, citado por PALLOFF e PRATT (2002:45)

o ciberespaço é o espaço conceitual em que palavras, relacionamentos humanos, dados, riqueza e poder são manifestados pelas pessoas que usam essa infra-estrutura tecnológica; as comunidades virtuais são agregações culturais que emergem quando um número suficiente de pessoas encontra-se no ciberespaço (1992:1).

O conceito de comunidade é objeto de estudo há mais de dois séculos, focado em três aspectos: o espaço geográfico (ou seja, os limites dentro dos quais a comunidade existe), as interações sociais (elemento básico nas relações de qualquer tipo de comunidade) e os laços comuns.

Para CHAVES,

Uma comunidade virtual, no sentido em que a expressão se emprega hoje, é uma comunidade constituída por pessoas que não habitam necessariamente uma mesma região, mas que se encontraram e se mantiveram unidas através de computadores e telecomunicações – isto é, através das muitas redes de telecomunicações que hoje interligam os usuários de computadores (1999:2).

A questão da interação, presente em relatos dos alunos de cursos *online*, é básica para a formação de laços sociais. Interação significa, entre outras coisas, “ações e relações entre os membros de um grupo ou entre grupos de uma sociedade”. Já a palavra interatividade, muitas vezes utilizada como sinônimo de interação, é um neologismo, surgido com o advento das tecnologias da informação e da comunicação e da chamada geração digital, sendo utilizada com relação à possibilidade de o indivíduo interagir com a máquina ou com outro (s) indivíduo (s), tendo como cenário o ciberespaço.

Nesse sentido, SILVA é de opinião que “Interatividade é um conceito de comunicação. Pode ser empregado para significar a comunicação entre interlocutores humanos, entre humanos e máquinas e entre usuário e serviço” (2001:2).

Por sua vez, KENSKI considera que:

Nós somos seres interativos por natureza. Interagimos com pessoas, animais, plantas, máquinas... Na aprendizagem a distância podemos interagir respondendo a um questionário impresso, uma fita gravada, um cd-rom ou uma lista de discussão. Mas podemos ser mais do que isto. Podemos ser interativos e cooperativos. Podemos auxiliar os nossos colegas, responder suas dúvidas, trocar opiniões, oferecer informações, etc... Mais ainda, podemos ser



interativos, cooperativos e colaborativos. E aí temos um outro ingrediente a acrescentar. Não basta ajudar aos colegas, mas assumir a nossa cota de responsabilidade e de participação no curso. Sentir que não podemos nos omitir, que é importante a nossa participação. Estarmos "visíveis", virtualmente presentes, construindo e colaborando com todos para o sucesso do empreendimento (curso) em que estamos envolvidos. Como diria Lévy, não mais alunos e professores, mas pessoas virtualmente presentes, construindo juntas a sua própria aprendizagem e a do grupo (2002).

Já RAMAL observa que:

Nos cursos mediados pelo computador, há espaços nas ferramentas destinados exclusivamente à interação pessoal: ao contrário do que ocorre nas salas de aula presenciais, os alunos têm necessidade de se envolver, de partilhar suas impressões e suas histórias de vida. A taxa alta de evasão em cursos a distância que não investem na criação do conceito de comunidade comprova que só é possível aprender e envolver-se na aprendizagem quando existe essa relação interpessoal (2002:2).

Uma comunidade virtual de aprendizagem colaborativa utiliza, como já vimos, ferramentas síncronas e assíncronas que ensejam a comunicação, possibilitando o estabelecimento de diálogos.

O termo dialogismo significa “a arte do diálogo”. Trata-se de conceito amplamente defendido por educadores, tais como FREIRE, para quem

O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para *pronunciá-lo*, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. (...) Por isso, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes (1987:78-79).

FREIRE alerta também para a questão do silêncio, esclarecendo que “(...) uma situação dialógica não quer dizer que todos os que nela estejam envolvidos têm que falar! O diálogo não tem como meta ou exigência que todas as pessoas da classe devam dizer alguma coisa, ainda que não tenham nada a dizer!” (1986:127). Assim, o aprendiz tem direito de permanecer em silêncio e sua opção deve ser respeitada.

Já para BAKHTIN, o diálogo é uma das formas mais importantes da interação verbal. De acordo com esse autor, “(...) pode -se compreender a palavra ‘diálogo’ num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja” (2002: 123). Assim, é possível haver diálogo entre autores e textos, configurando a chamada intertextualidade.

A polifonia para Bakhtin, segundo FREITAS, “ênfatiza a coexistência de uma pluralidade de vozes que não se fundem em uma única consciência, mas existem em registros

diferentes, num dinamismo dialógico” (2001:173).

O fato de o diálogo ser um encontro plural de vozes -- a polifonia -- de discursos que se cruzam, se questionam, concordam, discordam, leva a pensar na relação dialógica entre atores, num ambiente de ensino-aprendizagem, em que a construção de conhecimentos passa pela interação com o ‘outro’, em meio à pluralidade de vozes que disputam a vez de serem ouvidas, de ter direito à autoria, de manifestar seus pontos de vista.

Numa comunidade virtual de aprendizagem colaborativa, é por meio de suas ‘falas’ que os alunos estabelecem trocas com seus pares e o professor, colocam seus pontos de vista, discutem idéias, enfim constróem representações, ou seja, conceitos e opiniões. Estas podem sugerir surpresa, perplexidade, estranhamento e dizer respeito a temas diversos, tais como a nova temporalidade, o novo espaço, as novas formas de interação social, a retomada da linguagem escrita e a questão do conhecimento, entre outros. A elas nos dedicamos neste estudo.

## CAPÍTULO II

### A PESQUISA

#### 2.1 - A questão das representações

O tema deste estudo está vinculado à questão da representação. O *Dicionário de Filosofia*, de BUNGE (2002:343), define representação como: “uma tradução conceitual, visual, auditiva ou artifactual de um objeto (material ou ideal)” (2002:343). Já o *Dicionário Básico de Filosofia*, de JAPIASSÚ e MARCONDES (1996:235), define este termo como: “operação pela qual a mente tem presente em si mesma uma imagem mental, uma idéia ou um conceito correspondendo a um objeto externo” (1996: 235). O *Dicionário Houaiss de Sinônimos e Antônimos da Língua Portuguesa* (2003:580) apresenta o seguinte sinônimo para representação: ‘4- *idéia*: conceito, entendimento, imagem, juízo, opinião’.

O termo ‘representação’ é aplicado também com relação às artes cênicas, no sentido de ‘desempenho de um papel’. Além disso, é utilizado igualmente no sentido de ‘tomar o lugar de alguém’. Nesse caso estão os reis que, até o século XVIII, eram considerados representantes divinos. Em regimes democráticos, vereadores, senadores, deputados e presidentes são eleitos para ‘representarem’ o povo.

Ao longo do tempo, o conceito de representação tem sido alvo de estudo de diferentes filósofos e pensadores. De acordo com ALEVATO,

Durkheim (1970), preocupado em analisar as questões da sociedade em geral e, particularmente, da moral, partiu das representações individuais e, por analogia, chegou ao entendimento de que a sociedade convive com fenômeno semelhante. (...) Segundo esse autor, as representações individuais constituem-se em algo novo e não são apenas soma de imagens e idéias retidas pela memória. Ao experimentarmos uma sensação, por exemplo, esta não cai num vazio, esgotando-se em si mesma. Relaciona-se imediatamente com outras representações, desencadeando um processo mais amplo, pelo qual o indivíduo será capaz de interpretar a mensagem recebida, mobilizando corpo e espírito, construindo novas representações (1999: 87-88).

Para embasar a interpretação das representações individuais construídas pelos aprendizes ao longo do curso *Introdução à educação Online* e explicitadas por meio de suas ‘falas’ nos diferentes momentos de interação, recorri à teoria de Peter Berger e Thomas Luckmann, expressa na obra *A construção social da realidade*. Ambos têm se dedicado ao estudo da sociologia do conhecimento, considerada uma subdisciplina sociológica, que os autores consideram deva ocupar-se com “tudo aquilo que passa por ‘conhecimento’ em uma sociedade, independentemente da validade ou invalidade última (por quaisquer critérios) desse ‘conhecimento’”(2002:14).

Para esses sociólogos, a questão da representação está relacionada à objetivação da realidade, à teoria das instituições, à questão da legitimação e dos papéis sociais. O conceito adotado por ambos parte da definição dada por Durkheim, mas ganha um alcance mais amplo que a utilizada por este sociólogo, dado que são de perspectivas epistemológicas distintas. Neste estudo serão interpretadas algumas representações individuais, ou seja, conceitos, imagens e idéias elaboradas pelos alunos sobre a educação via Internet (Educação Online), com base em quatro categorias levantadas na obra citada, que surgiram não só de minha experiência como professora e aluna *online*, como também por terem sido recorrentes durante o curso em questão. Ei-las, seguidas de trechos da obra citada:

#### **a – Uma nova temporalidade e um novo espaço**

A temporalidade é uma propriedade intrínseca da consciência” (p. 44). Para esses autores o teatro constitui um exemplo da transição das realidades, já que “Quando o pano se levanta, o espectador é ‘transportado para um outro mundo’ (...) Quando o pano desce, o espectador ‘retorna à realidade’, isto é, à realidade predominante da vida cotidiana (...)” (p.43).

#### **b – A interação social**

A mais importante experiência dos outros ocorre na situação de estar face a face com o outro, que é o caso prototípico da interação social. Todos os demais casos derivam deste (...) Meu ‘aqui e agora’ e o dele colidem continuamente um com o outro enquanto dura a situação face a face. (...) na situação face a face a subjetividade do outro me é acessível mediante o máximo de sintomas. (...) Todas as outras formas de relacionamento com o outro são, em graus variáveis, ‘remotas’ (...) (p. 47).

#### **c – A linguagem e a vida cotidiana**

A vida cotidiana é sobretudo a vida com a linguagem, e por meio dela, de que participo com meus semelhantes. (...) A linguagem tem origem na situação face a face, mas pode ser facilmente destacada desta. Isto não é somente porque posso gritar no escuro ou a distância, falar pelo telefone ou pelo rádio ou transmitir um significado lingüístico por meio da escrita (esta constitui, por assim dizer, um sistema de sinais de segundo grau) (p. 57).

#### **d – O conhecimento**

(...) a realidade da vida cotidiana sempre aparece como uma zona clara atrás da qual há um fundo de obscuridade. Assim como certas zonas da realidade são iluminadas outras permanecem na sombra. Não posso conhecer tudo que há para conhecer a respeito desta realidade” (p. 66).

## 2.2 – O viés etnográfico

Devido ser este um estudo cujo foco são as representações individuais que estão sendo elaboradas sobre Educação *online*, com base nas ‘falas’ de alunos de um curso via Internet, foi realizada uma pesquisa qualitativa e interpretativa com viés etnográfico, utilizando dados quantitativos, sempre que considerados relevantes.

Segundo ERICKSON (1990) o termo ‘etnografia’ é de origem grega e significa ‘escrever sobre (o outro)’. A palavra surgiu no final do século XIX, quando os antropólogos passaram a mostrar o modo de vida de outros povos, em geral primitivos, sob a forma de relatos. Para realizá-los, o antropólogo passa a viver com os povos que deseja estudar, ou seja, ‘makes strange familiar’.

Traçando uma breve analogia, o ciberespaço pode ser encarado como uma terra nova, recém-descoberta a nos desafiar. À semelhança de uma ‘terra ignara’, o virtual abre para os que nele navegam e se aventuram, a partir de meados dos anos 90, uma nova perspectiva, que inclui novas tribos, nova temporalidade, novos cenários, novas formas de interação social, nova linguagem etc.

De acordo com ANDRÉ, “Até muito recentemente as técnicas etnográficas eram utilizadas quase que exclusivamente pelos antropólogos e sociólogos. No início da década de 70, entretanto, os pesquisadores da área de educação começaram também a fazer uso dessas técnicas (...)” (1986:13). Este tipo de pesquisa requer observação participante, embora o observador, de acordo com Erickson, deva tomar distância daquilo que lhe é óbvio e familiar no cotidiano e olhar os eventos como estranhos, ou seja, ‘makes familiar strange’, tentando desvendar o que se oculta por trás das ações sociais e que, freqüentemente, não é percebido pelos atores envolvidos.

Erickson lembra que ‘O observador participante, presente em lugares e momentos específicos no local da pesquisa, espera que tipos específicos de eventos recorrentes aconteçam continuamente’ (1990:7) e que ‘O ponto mais forte da observação participante é a oportunidade de aprender por meio da participação ativa -- o pesquisador pode testar sua teoria de organização do evento, experimentar diversos tipos de participação neste’ (idem:9).

Em meu caso, houve deliberada postura mais observatória na primeira etapa do curso - até para me ambientar e observar de forma mais abrangente possível o que estava acontecendo naquele espaço interativo.

### **2.3 - A coleta de dados**

Tendo em vista o viés deste estudo, foram adotados procedimentos e instrumentos para a coleta de dados inerentes a uma pesquisa etnográfica, tais como:

#### **2.3.1 - Observação participante**

Desde o início, decidi fazer a pesquisa não apenas como mera observadora, mas participando de todas as etapas e utilizando as ferramentas e espaços disponíveis do curso. Isso efetivamente aconteceu: na primeira semana participei de forma um tanto restrita, preferindo observar a interação. Já na segunda, participei um pouco mais. Assim, estive presente em dois *chats* do curso; no *chat* promovido entre alunos; no Cafezinho, onde postei 9 mensagens e na Sala de Aula, para a qual enviei 17 mensagens, via Lista de discussão. Além disso, produzi um *weblog*<sup>26</sup>.

De acordo com ANDRÉ, ‘O ‘observador como participante’ é um papel em que a identidade do pesquisador e os objetivos do estudo são revelados ao grupo pesquisado desde o início” (1986:29). Por isso, solicitei ao professor responsável, antes do início do curso, autorização para utilizar o material das ‘falas’ na pesquisa de mestrado. Em mensagem via *e-mail*, de 17 de abril de 2002, ele respondeu:

De minha parte não vejo nenhum problema. Mas não custa você consultar os colegas a respeito disto. Teremos um espaço oportuno para este tipo de consulta no Cafezinho, um espaço virtual de interação coletiva informal. Quando o curso começar você poderá consultar seus colegas lá .

Foi o que fiz, em mensagem de 20 de abril, obtendo respostas que me estimularam a prosseguir, tais como a da aluna A: ‘Tudo bem, Vera! Pode usar e abusar! Depois poderemos ver os resultados?’; da aluna T: ‘Use e abuse, Vera!’ e do aluno C: ‘De minha parte não vejo problema algum. Só gostaria de ser informado quando o teu material estiver pronto para poder consultá-lo. Será que é possível?’.

#### **2.3.2 – Registro das ‘falas’**

---

<sup>26</sup> Com relação ao *blog*, apesar de ter gravado os textos dos *blogs* de alguns colegas nos primeiros dias em que foram produzidos, acabei perdendo o conteúdo do meu *blog* por ignorar as normas que regem o

Expressas em linguagem escrita, em diferentes espaços e momentos, principalmente na Sala de Aula, via Lista de discussão, as ‘falas’ foram disponibilizadas pela empresa promotora ao final do curso para todos os participantes, conforme compromisso do professor, durante o último *chat* com a turma, em 1º de maio:

Acho que já vazaram a surpresa no Cafezinho... / Mas vou contar pra vocês.../ Na semana que vem cada um vai ganhar um pacotinho contendo toda a gravação da interação coletiva acontecida no curso/ Vai ser um presentinho para vocês poderem recordar de uma boa experiência com EaD.

Esses registros computadorizados constituem a totalidade dos eventos do curso, uma vez que as palavras escritas encontram-se registradas em seu formato original, sendo possível cruzar os dados coletados em diversos momentos e ambientes.

É importante ressaltar que o meio utilizado -- eletrônico -- facilitou em muito o trabalho, já que propiciou o registro do dia e da hora em que as mensagens eram enviadas e recebidas. No total, incluindo as avaliações finais, foram enviadas para a Sala de aula 243 mensagens. Nesta dissertação, utilizo as ‘falas’ dos alunos não só no Capítulo III, onde elas são interpretadas, mas também neste capítulo, para exemplificar alguns aspectos do curso.

Na citação das ‘falas’, atendendo a preceitos éticos, mantive o anonimato dos alunos e do professor, adotando a abreviatura prof. e as iniciais dos nomes de cada aluno.

### **2.3.3 - Entrevistas**

Para realizar as entrevistas, utilizei um roteiro semi-estruturado que, segundo ANDRÉ, “se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações” (1986:34). Assim, parti das perguntas básicas do questionário, tendo em vista as quatro categorias adotadas neste estudo.

O critério adotado para a seleção dos entrevistados foi buscar participantes que não haviam respondido ao questionário e que despertaram minha curiosidade por meio de suas ‘falas’ (ou de seu silêncio) durante o curso. Assim, entrevistei A2 por ter levantado questões relevantes, como a do consenso entre os alunos. A colega C2 foi entrevistada por ter sofrido com uma série de problemas tecnológicos. Já M1 e J1 chamaram a minha atenção pelo fato de enviarem raras ou nenhuma mensagem para a Sala de aula, via Lista de discussão.

---

[www.weblogger.com](http://www.weblogger.com), ou seja, o conteúdo fica disponível durante um mês; se o blogueiro não o utilizar a partir daí, o *blog* é excluído.

Ainda de acordo com ANDRÉ, ‘Há uma série de exigências e de cuidados requeridos por qualquer tipo de entrevista. Em primeiro lugar, um respeito muito grande pelo entrevistado’ (1986:35). Por isso procurei, por meio de contatos prévios, conciliar locais e horários de acordo com o solicitado pelos entrevistados, bem como garantir-lhes o anonimato.

Para viabilizar as entrevistas, busquei utilizar diferentes tecnologias, como um gravador AIWA, modelo TP-M140 -- no caso de dois participantes que se encontravam geograficamente próximos, sendo possível realizar entrevistas pessoais -- e o mensageiro ICQ<sup>27</sup>, por sugestão do aluno A2, no caso de dois participantes que se encontravam mais distantes -- o próprio A2, que reside em Portugal, e uma colega do Rio de Janeiro.

As entrevistas realizadas com gravador se beneficiaram da interação face a face -- na qual estão presentes signos como sorrisos, gestos e olhares -- e passaram por demorada gravação, sendo posteriormente editadas.

Já nas entrevistas realizadas via ICQ, foram utilizados recursos como os *smileys*, que de certa forma substituem os signos presentes na interação presencial, tais como expressões faciais e sorrisos. No entanto, constatei que esta tecnologia apresenta certa desvantagem no fato de ser preciso digitar com rapidez e de a linha poder ‘cair’ a qualquer momento -- nesse caso, foi o que aconteceu durante a entrevista com o aluno A2. Por outro lado, há uma certa vantagem no fato de se ter, ao final, um texto organizado e transcrito bastando, portanto, editá-lo. A interpretação das entrevistas encontra-se no Capítulo III, e sua íntegra, nos Anexos desta dissertação.

#### **2.3.4 - Questionário**

Composto de 12 perguntas, sendo oito abertas e quatro fechadas, o questionário passou por um pré-teste entre os seis colegas do Mestrado, embora apenas duas colegas tenham respondido e feito críticas ao questionário inicial, que foi reformulado. Assim, na segunda versão introduzi a possibilidade de os respondentes acrescentarem algo mais às opções que estavam sendo propostas.

Em 24 de novembro de 2002, o questionário em seu formato definitivo foi enviado aos 22 alunos que participaram do curso, acompanhado de breve carta, na qual especifiquei meu tema de estudo, garanti aos respondentes o anonimato e que os dados seriam utilizados

---

<sup>27</sup> Acrônimo do inglês ‘I seek you (eu procuro você)’. Programa de grande sucesso na Internet, com mais de 10 milhões de usuários, permite criar uma sala de bate-papo com outro usuário que esteja conectado à rede.



academicamente somente nessa pesquisa. As primeiras devoluções chegaram nos dias 25/11 (quatro questionários); 26/11 (um questionário); 28/11 (um questionário) e 30/11 (um questionário). Em 1º de dezembro de 2002, reiterei o pedido, recebendo em 11/12, mais dois questionários. Obtive no total nove questionários preenchidos, ou seja, 40% do total de alunos, o que me satisfaz.

A demora em obter a devolução deveu-se, a meu ver, não propriamente à indisposição ou falta de paciência por parte dos alunos, mas provavelmente ao fator tempo, tendo em vista o acúmulo de trabalho à época em que o questionário foi enviado -- final de semestre em muitas universidades e colégios -- considerando que a maior parte dos respondentes atua no magistério. Como o prazo para defesa da dissertação estava inicialmente previsto para fevereiro/março, decidi adotar a estratégia de enviar os questionários ainda em novembro, prevendo que, provavelmente, a partir de dezembro já não contaria com os participantes, devido ao período de férias. A interpretação dos questionários encontra-se no Capítulo III desta dissertação.

### **2.3.5 – Representações visuais**

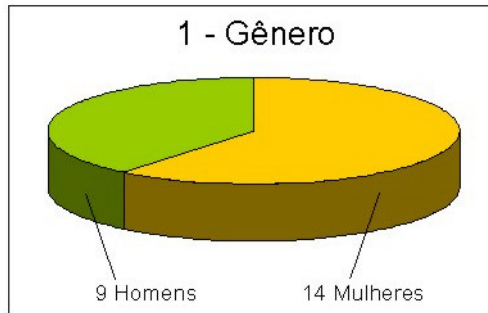
Este instrumento revelou-se um interessante complemento às ‘falas’ dos alunos. Uma primeira solicitação foi enviada dia 22 de outubro de 2002, portanto antes do envio do questionário -- que ainda estava sendo elaborado. Como não obtive resposta, a mensagem foi reiterada no dia 2 de novembro para um grupo de seis alunos e, no dia 9 de novembro, para os demais. Em 1º de dezembro, o pedido foi reiterado mais uma vez. No total recebi representações de seis alunos em diferentes linguagens, que mostram as diferentes percepções dos aprendizes sobre a Educação *Online* e serão também interpretadas no Capítulo III desta dissertação.

## **2.4 – O contexto da pesquisa**

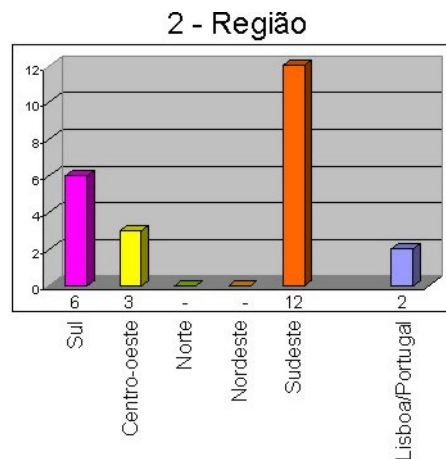
### **2.4.1 – Os alunos**

O curso contou com a participação de 23 alunos, entre os quais me incluo como observadora participante. Os gráficos mostrados a seguir foram produzidos com base na apresentação pessoal dos alunos, feita nos primeiros dias do curso.

O gráfico 1 mostra a distribuição por gênero, observando-se a predominância do sexo feminino.



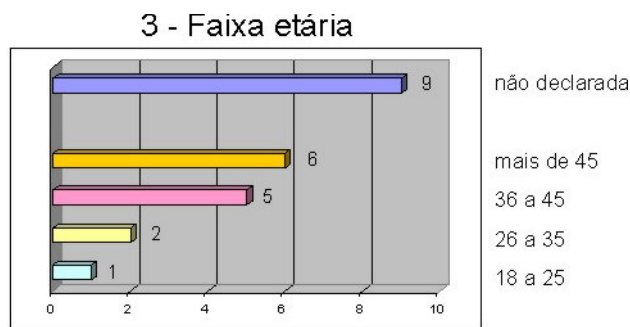
A distribuição geográfica, no gráfico 2, mostra a participação de dois alunos do exterior e as regiões de origem dos demais participantes. Nele observa-se predominância de alunos das regiões Sudeste e Sul do Brasil, onde o acesso à informática é elevado, tendo em vista maior poder aquisitivo da população e onde se encontram mais projetos voltados para a EaD<sup>28</sup>.



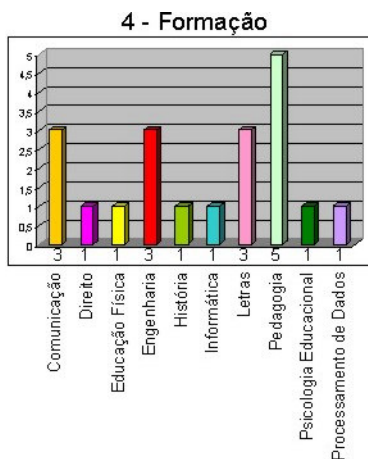
No último *chat* do curso, o professor assim se referiu à procedência dos estrangeiros:

(...) Realmente esta foi uma turma diferente das que costumamos ter / primeiramente porque foi nossa primeira turma internacional / com colegas de outro país (...)

A distribuição por faixa etária, no gráfico 3, mostra que o grupo em questão era formado por pessoas maduras. O fato de nove participantes não terem declarado a idade revelou, entretanto, nas entrelinhas de suas apresentações (por exemplo, ‘Sou professora aposentada’) tratar -se de pessoas com mais de 45 anos.



No que se refere à formação, vê-se no gráfico 4 que o grupo era constituído por pessoas de nível superior, quase todas com pós-graduação. Nas apresentações, um aluno declarou ser doutor; três declararam serem mestres; quatro, mestrandos e dois, doutorandos.



O fato de haver perfis diferenciados de profissionais levou a comentários de alguns colegas, na avaliação final do curso, tais como A,

Achei extremamente positivo o fato de profissionais que não são do ensino estarem no curso. Aprendi muito com eles, percebe-se a visão que têm.

seu colega D,

Também achei muito importante a mescla de perfis no curso.

e o aluno C, que declarou:

<sup>28</sup> O censo do IBGE/ 2000 mostra o cenário da exclusão digital no Brasil: 25,5% dos computadores estão no DF; 14,6%, no Sudeste e 4,3%, no Nordeste. Fonte: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br).

A troca de experiências com pessoas com um perfil totalmente diferente do meu (que é técnico) foi super agradável e o contato com os colegas de Portugal foi ‘TRI’ (...) Só mesmo a Internet para propiciar isto.

A familiaridade dos alunos com a informática não se mostrou explícita nas apresentações, embora tenha se revelado em algumas ‘falas’, tais como a de A:

Adoro pilotar um microcomputador, embora lhe tenha apenas um conhecimento razoável. Acho que é a melhor coisa que já inventaram!

a de A2:

Não sou uma grande barra em computadores.

ou a de T:

Embora seja uma micreira razoável (como usuária), ainda não consegui me integrar de modo satisfatório a nenhuma comunidade virtual.

## **2.4. 2- O curso**

Na descrição do curso, este item foi subdividido em quatro subitens. O 1º apresenta a concepção filosófica do curso; o 2º descreve o desenho ou seja, os espaços, ferramentas e respectivos objetivos e funções; o 3º faz menção à fase preparatória que orientou os alunos e o 4º apresenta a cronologia do curso.

### **2.4.2.1 - Concepção filosófica**

A organização do curso, bem como seu gerenciamento e suporte técnico, esteve a cargo de uma empresa privada. Do ponto de vista filosófico, o principal fundamento do curso, a meu ver, baseou-se nas seguintes premissas:

A primeira diz respeito à crença de que um curso que utiliza o texto escrito pode ser tão eficaz para o ensino-aprendizagem quanto um curso realizado com base em recursos multimídia, em que imagens e sons podem distrair o aluno, ou mesmo sobrecarregá-lo.

Do ponto de vista dos alunos, houve aparentemente receptividade a essa proposta, conforme declaração de participantes como C1 :

Concordo com a metodologia deste curso, com recursos simples e com resultados efetivos. Acredito muito mais nestas formas criativas de realização do que em muita parafernália e pirotecnia.

o aluno G:

Este curso que estamos fazendo, por exemplo, me parece utilizar uma tecnologia relativamente simples, mas bastante efetiva. E o que a torna efetiva não são os programas ou recursos utilizados, mas a lógica por trás dele (o curso).

e a aluna C2:

Acredito que a metodologia proposta para este curso serve perfeitamente como ambiente para lidar com qualquer forma de conhecimento.

A segunda premissa diz respeito à questão de a aprendizagem se fazer efetiva em contato com o meio e em interação com o outro: mesmo sendo o conhecimento uma construção individual, ele se constrói mediado pelo social. Esta concepção reporta-se à abordagem construtivista social-interacionista, de L. S. Vygotsky<sup>29</sup>, segundo a qual o processo de aprendizagem está relacionado à interação do indivíduo com o meio externo, considerando não só os objetos, mas também os sujeitos. Nesse sentido, o professor revelou seu ponto de vista sobre o assunto, em mensagem à Sala de aula, via Lista de discussão, sob o título ‘Abordagem colaborativa em todos os campos do saber’, ao declarar que:

Pode parecer que a troca de opiniões, o compartilhar de informações, o confronto de idéias seja mais adequado às ciências humanas, mas na verdade esta dinâmica perpassa todas as ciências e todos os saberes. Aprender é desde sempre um processo que acontece em redes sociais, e em redes sociais mediadas por redes de computadores não seria diferente.

Essa declaração teve bem humorada resposta da aluna A3, que assim se expressou:

Me lembrei de um fato histórico: se ao invés de ter caído uma maçã na cabeça de nosso ilustre inventor, ele tivesse participado de uma comunidade colaborativa, com certeza a história seria diferente...

Reiterando seu ponto de vista, o professor declarou durante o último *chat* do curso, em 3 de maio:

Eu acho que se aprende bastante com slides...assim como com livros... Mas o entusiasmo do aluno com o que aprende é bem diferente quando ele aprende junto com outros, vocês não acham?

Essa concepção vem ao encontro do que pensa KELLNER, quando afirma que “Aprender é desenvolver habilidades de interagir inteligentemente com o ambiente e com os seres humanos e exige atmosferas sociais e conversações vibrantes. A educação exige o fazer e é ganha na prática e na interação social” (2001:18).

---

<sup>29</sup> Psicólogo russo (1896-1934). Um de seus pressupostos básicos é o de que o ser humano constitui-se na sua relação com o outro social.

Assim, o objetivo principal do curso foi promover a aprendizagem dos alunos com oferta de ferramentas de interação populares e de fácil utilização, tais como o correio eletrônico e o chat, que propiciassem a efetiva formação de uma comunidade virtual de aprendizagem colaborativa, em que os atores, com base nas leituras dos textos disponibilizados, trocassem informações e pontos de vista sobre a Educação Online.

#### **2.4.2.2 - Desenho**

Espaço virtual de aprendizagem é considerado um ambiente que possui ferramentas de informação e de comunicação com objetivos e conteúdos diferentes. O desenho do curso Introdução à Educação Online foi trabalhado de forma a propiciar uma interface simples com poucos, porém efetivos lugares de troca entre os alunos e o professor. Como em outros softwares, o fato de haver uma Sala de Aula e um Cafezinho justifica-se por estabelecer ancoragem com o modelo já vivenciado pelos alunos e que se encontra presente no imaginário social. Assim, ao acessar o site do curso, o inscrito se deparava com uma página de interface amigável, direta e de fácil compreensão, tendo uma caixa suspensa no canto superior direito, na qual se encontravam as seguintes opções:

##### 1 – Programa

As unidades do programa, constituídas de duas páginas em linguagem HTML (Hyper text markup language), com o roteiro básico das atividades a serem cumpridas pelos alunos, remetiam a referências externas ao ambiente, ou seja, a textos disponíveis na Web.

A primeira unidade, intitulada ‘Ambientação Online: uma ‘pré-escola virtual’, tinha por objetivo permitir uma primeira aproximação do aluno com o ambiente de aprendizagem por meio de recursos como download de textos via Web, interação com os colegas e o professor via conferência eletrônica por e-mail e encontros em tempo real via chat. E, sobretudo, propiciar ao aluno a experiência de participar de uma comunidade virtual de aprendizagem colaborativa.

Nesta primeira unidade foi disponibilizado o texto-base, intitulado ‘Muito além do jardim de infância: o desafio do preparo de alunos e professores online’, de autoria de Wilson Azevedo, além das seguintes leituras complementares, não obrigatórias: ‘Effective student preparation for online learning’, artigo de Maggie McVa y Lynch; ‘Courses that teach how to learn online’, artigo de Pamela Mendels; ‘Strategies for learning at a distance’, artigo de

Tania H. Gottschalk; e ‘A reconstrução da torre de Babel’, artigo de Rubens Queiroz de Almeida.

A segunda unidade do curso, intitulada ‘Panorama atual da educação a distância’, tinha por objetivo propiciar uma visão panorâmica da educação a distância no mundo e no Brasil, a partir do surgimento das redes informatizadas e da Internet. O texto-base, ‘Panorama atual da educação a distância no Brasil’, e o texto complementar, ‘EaD: 100% não funciona?’, são de autoria de Wilson Azevedo.

## 2 – Alunos

Esta página apresentava uma listagem em ordem alfabética dos 23 alunos inscritos no curso, a qual remetia para um texto de apresentação que havia sido endereçado, via Lista de discussão, à Sala de Aula pelo próprio aluno, nos primeiros dias do curso. Vinculados ou ‘linkados’ aos nomes, encontravam-se os respectivos endereços eletrônicos, bem como os endereços dos blogs criados pelos participantes, permitindo assim o contato mútuo.

## 3 – Suporte

Este recurso era destinado a socorrer alunos que enfrentavam no cotidiano do curso algum problema de natureza técnica (acesso ao site ou aos respectivos ambientes, problemas com o recebimento de mensagens etc.). Para tal, bastava enviar mensagem para o endereço do curso. Entretanto, é importante observar que poucos alunos revelaram ter algum problema técnico. Isso se deu, por exemplo, na criação dos weblogs ou blogs, conforme apresentado mais adiante.

## 4 – Mensagens

Nesse espaço encontrava-se o conteúdo da Sala de Aula propriamente dita, ou seja, as mensagens enviadas por meio da Lista de discussão, num total de 243, com utilização do correio eletrônico<sup>30</sup>. Esta ferramenta tornou-se a mais popular da Internet e tem se mostrado de enorme eficácia em seus diferentes usos nas redes informatizadas, permitindo a comunicação ponto a ponto e multiponto.

Entende-se por correio eletrônico ou e-mail não só um protocolo para troca de mensagens, como também a mensagem e o próprio endereço eletrônico do usuário. Trata-se de uma ferramenta assíncrona, rápida e por meio da qual é possível enviar arquivos anexados,

---

<sup>30</sup>O *e-mail* foi criado em outubro de 1971, quando o engenheiro norte-americano Ray Tomlinson enviou a primeira mensagem eletrônica toda escrita em letras maiúsculas. Cf. ‘E-mail, 30’. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 10 out. 2001, Caderno Folha Informática, p. F1.

com imagens e sons. Em ambientes virtuais de aprendizagem, o correio eletrônico permite a interação entre os atores, de forma individual ou coletiva, como no caso das Listas de discussão. Estas são conhecidas também como sistema de conferência eletrônica via e-mail. Trata-se de um programa que redistribui automaticamente para um catálogo de endereços eletrônicos as mensagens dirigidas a um endereço determinado. Assim, durante o curso, quando se respondia a uma mensagem, a resposta era endereçada a todos os participantes. Para alguns alunos, como D:

através do e-mail, por exemplo, podemos estabelecer comunicações efetivas que dificilmente poderiam ser conduzidas por meios tradicionais.

Já seu colega G lembrou a importância de o e-mail resgatar essa coisa de escrever que a geração dos meus filhos pouco pôs em prática.

Por sua vez, A referiu-se à propalada rapidez do e-mail, considerando que: às vezes é tão demorado ou mais tratar um assunto por e-mail quanto pessoal. Ao digitar-se uma mensagem ou a sua resposta, isso deve ser feito de modo muito claro para que o delocutor a decodifique com exatidão, entenda-a com perfeição e não se sinta agredido com o tom em que foi escrita.

#### 5 – Cafezinho

Conforme o nome diz, trata-se de um espaço de interação informal, que corresponde ao intervalo para se ir à cantina, na escola presencial. Por isso, seu objetivo é o encontro dos alunos e professor para falar de temáticas livres que geralmente redundam em amenidades. Em sua primeira mensagem aos alunos, no dia 18 de abril, intitulada ‘Que tal um cafezinho agora?’, o professor falou sobre este espaço alternativo:

Em aulas presenciais é sempre bom fazer um intervalo e tomar um café com os colegas, batendo um bom papo e trocando algumas idéias. Aqui, neste espaço virtual, é a mesma coisa, porém com uma diferença: quem estabelece o horário do intervalo é você.

O Café ou Cafezinho apresenta vantagem por ensejar comunicação de forma assíncrona, isto é, sem hora marcada, por meio de um sistema conhecido como quadro de avisos ou *bulletin board system* /BBS. Durante o curso, foram postadas 115 mensagens no Cafezinho, embora esse espaço não tenha atraído todos os alunos, já que apenas 14 o utilizaram, sendo que alguns nele passavam rapidamente, como M1, que postou a mensagem ‘Só um alô’:

Gente! Não sabia que este cafezinho estava tão animado! Olhem só o que perdi! Bem, passei para dar um alô e deixar um abraço a todos.



Pode-se dizer que a intensa interação que teve lugar nesse espaço tornou possível ‘dialogar’ com outros ‘sotaques’, devido às diferentes regiões de procedência dos alunos, inclusive do exterior, Isso levou o colega A2, de Portugal, a se utilizar de exemplos de bebidas para mostrar essa diversidade, ao dirigir mensagem de estímulo à desanimada colega C2, que se queixava da falta de tempo:

Vá lá, força, C2 ! Tome o seu cafezinho e entre na troca de mensagens... mas olhe, se julga que aqui só há cafezinho, tá muito enganada! Aqui podemos servir-lhe por exemplo uma caipirinha, um vinho tinto, um chima, um tererê, um mate e até um comichãozinho no pé. Vá lá ...o silêncio não tem que ser ansioso... é como uma página em branco... pode ser um deserto... pode ser uma praia... pode ser um caminho...

Além disso, o fato de haver uma boa movimentação nesse espaço virtual fez com que a aluna T confessasse em mensagem intitulada ‘Faz três noites que não durmo!’:

Como aquele menino que perdeu seu galinho. É muito cafezinho.

#### 6 - Chat

O chat, ou conversa digitada, é um programa que permite a comunicação escrita em tempo real e online. Num chat, observa-se os mesmos princípios de uma conversação presencial, ou seja, existe uma abertura, com os cumprimentos entre os participantes - que substituem o aperto de mão, os abraços - um desenvolvimento, com discussão do tema; e um encerramento, com as despedidas de praxe, mais ou menos efusivas.

Durante o curso, os *chats* foram facultativos e realizados ao final de cada uma das etapas.

Daí, a opção do professor por um tipo de *chat* diferente do habitual: o *chat* moderado. Neste, o professor toma o início do turno, direciona o rumo e vai recebendo a intervenção dos alunos, dando oportunidade a todos que desejam se expressar.

Para MARCUSCHI:

A regra geral básica da conversação é: *fala um de cada vez*<sup>31</sup>. Pois, na medida em que nem todos falam ao mesmo tempo (em geral um espera o outro concluir) e um só não fala o tempo todo (os falantes se alternam), é sugestivo imaginar a distribuição de turnos entre os falantes como um fator disciplinador da atividade conversacional. Com isso, a *tomada de turno* pode ser vista como um mecanismo-chave para a organização estrutural da conversação (...) (2001:19).

Assim, a dinâmica do chat moderado exige que, antes de digitar sua mensagem, o aluno peça a palavra ao professor/moderador, aguardando que este a conceda. Essa opção deve-se ao fato de que, no curso, o objetivo explícito do chat não era um bate-papo informal,

---

<sup>31</sup> Grifos do autor.

mas sim avaliar cada uma das etapas. A seguir, um trecho do primeiro chat moderado realizado com a turma, em 26 de abril, às 14h, no qual o professor passou com certa ênfase suas instruções aos alunos:

(...) Prof. - OK PESSOALL! VAMOS COMEÇAR!!!

T – ok!

Prof. – e pra começar, vou pedir um favor a vocês...

M1 – oK

P – ok

Prof. – POR FAVOR, MAOZINHAS FORA DO TECLADO! ☺ / é para eu poder passar algumas instruções antes de dar a palavra a vocês... / lembrando nosso manual do aluno / a partir de agora a gente pede a palavra antes de falar / e fala depois que a palavra for concedida pelo moderador / eu serei o moderador / para pedir a palavra basta clicar duas vezes sobre meu nome na coluna da direita. / uma outra janela vai se abrir / não se incomode, se quiser escreva apenas um ‘peço a palavra’ ou ‘posso?’ / depois pode fechar a janela / eu concederei a palavra a medida que vocês forem pedindo / quando a palavra for concedida vocês podem ‘falar’ / e não se esqueçam de indicar que terminaram colocando um [fim] no final, tá? / muito bem... / podem pôr as mãozinhas de volta ao teclado... ☺ / o tema do nosso chat é/ ‘Uma avaliação da ambientação’ / queremos saber como foi esta etapa de ambientação para cada um de vocês, tá? / muito bem, alguém já pediu a palavra.../ é o P. Fala, P!! (...)

Antes do início e após o encerramento da parte formal do *chat*, havia uns cinco minutos de confraternização, ocasião em que era possível uma interação mais informal entre os participantes.

A seguir, encontra-se um trecho de conversa informal que antecedeu o segundo *chat* moderado do dia 26 de abril, no qual se observa a diversidade de temas tratados nas conversas paralelas, gerando em consequência um certo *nonsense* e hilaridade:

(...) Prof. – Vera não precisa pôr o seu nome...

J – olá, gente, meu amigo Leo conseguiu resolver meu problema técnico

Prof. – o sistema faz isto por você...

A – de Lisboa só conheci o aeroporto, infelizmente...

A2 – o tempo aqui em Lisboa? Está começando o calor...

Ps – ok, professor

Prof. – ele só não mostra seu nome para você mesma porque supõe que você saiba quem você é

... ☺

A2 – o aeroporto é muito feio...

Prof. – 2 minutos pra começar de verdade, tá

A – achei meio confusas as indicações...

A2 – tá  
Prof. – vocês viram a gravação do chat da tarde?  
Ps – rá, rá, rá...  
J – A2 e A é um prazer conhece-los, estou adorando suas opiniões  
A – vi  
Ps – sim, vi e gostei muito  
A2 – sim somos especialistas em indicações confusas...  
J – Professor, eu vi e gostei muito  
A – brigadu, J. Posso chamá-la assim? As suas também são muito boas. Gosto delas.  
J – A2, talvez teóricas e não confusas  
A2 – J o prazer é meu  
Prof. – mais um minuto pra começar!  
J – A, meus amigos me chamam de ((apelido)), então fique a vontade  
A2 – não. Eu estava a falar das indicações do aeroporto! hehehe... (...)

A aluna A, que é gaúcha, fez uma curiosa analogia em relação ao estilo não moderado, reportando-se a seu universo cultural, durante os minutos que antecederam o último *chat*, em 3 de maio, quando os alunos aguardavam a chegada do professor:

(...) Prof. - ok, gente, agora estou pra valer! Sobre o que vocês falavam?  
D – sobre os ausentes ;-)  
A2 – que você deve ter um trabalhão!  
Ps – sobre o tempo de que precisa um animador  
A4 – do tempo que o animador tem de dispende  
A – do papel do animador e do tempo que toma  
P – muitas coisas, entre elas o Fórum Mundial de Software Livre  
A2 – para organizar e animar isto tudo!  
A – tá organizado A2. É como uma roda de chimarrão. Todos falam com todos ao mesmo tempo. (...)

Os *chats* foram precedidos de mensagens com informações sobre dia e hora e um lembrete para que os alunos consultassem as regras de participação. Tendo em vista a impossibilidade de reunir todos os alunos em um mesmo horário, o professor buscou, lembrando uma canção de Chico Buarque<sup>32</sup>, ‘um horário para os funcionários e outro para as dançarinas’.

No total foram realizados três *chats*: os dois primeiros, no dia 26 de abril, ao final da primeira unidade, sob o tema ‘Avaliação da ambientação’, sendo um deles à tarde, às 14

horas, com a participação de seis alunos. O outro, às 21 horas, contou com a participação de sete alunos.

O terceiro *chat* foi realizado dia 3 de maio, às 21 h, ao final da segunda unidade, sob o tema ‘Avaliação da qualidade da interação coletiva’, com a participação de sete alunos. Neste, aconteceu pela primeira vez um convite do professor para que algum voluntário assumisse a mediação. Surpresos pelo inusitado, os participantes hesitaram:

(...) Prof. – então a partir de agora eu assumo a moderação... ou ALLguém gostaria de experimentar isto? / algum voluntário (a)?

A2 – já chegamos ao estágio?

A – como é que se faz?

A2 - ∅

A4 – silêncio!

Prof. - ∅

Ps – hummm...

Prof. – bem, então eu assumo mesmo. Depois eu posso passar para alguém que quiser experimentar...(…)

Nesse mesmo *chat*, o mais longo de todos, ao final o professor reiterou o convite e, ao receber respostas negativas de duas alunas, tranqüilizou os participantes, acabando por indicar dois colegas:

(...) Prof. – quem quer assumir a experiência de moderar daqui pra frente em meu lugar?

A3 – ná...

Prof. – você, A3?

A – naná ni nanáaa

A3 – não...

Prof. - não tenham medo, é super tranqüilo...

P – rufam os tambores!!! Quem se habilita!!!

Prof. – e é emocionante também ...∅ / bem, então D primeiro e depois A2... [Tentei duas vezes... ∅ ] / vai que é tua, D! (...)

É interessante observar que, mesmo nos *chats* moderados, a operacionalização concreta da regra ‘fala um de cada vez’ torna-se difícil. Assim, por vezes, os alunos disparavam perguntas, denotando não estar acostumados a essa modalidade, conforme o exemplo:

---

<sup>32</sup> Cf. ‘Ela é dançarina’, 1981: ‘O nosso amor já foi bom/o horário é que nunca combina/ eu sou funcionário/ ela

(...) Prof. – pois é, C2:  
A – o que está fazendo, C2?  
Prof. – a interação com a turma faz falta, não faz? / fala pra gente!  
C2 – um treinamento para tutores em EaD / 500 slides muito bem produzidos...  
A4 – oh, já rodada!  
A – 500!!??  
C2 – ...muitos testes para fazer, muita pesquisa...  
A4 – para que os slides, sobre o quê? / testes?  
Prof. – um de cada vez, gente! / prossiga, C2! (...)

Há, ainda, a observar um outro aspecto recorrente nos *chats*: a queda de linha. Neste trecho, observa-se a solidariedade dos participantes que vêm em socorro da ‘vítima’:

P – eu cáí (...)  
A2 – tropeçou P?  
A – tá doendo muito P?  
Prof.: - queda virtual não dói, não é P?

O conteúdo dos três *chats* foi gravado e disponibilizado na Sala de Aula, via Lista de discussão, após cada encontro, para conhecimento dos alunos que não haviam participado. O estilo moderado agradou aos alunos, que fizeram alusão, inclusive, ao fato de reduzir a ansiedade. Segue-se trecho da parte informal do segundo *chat*, do dia 26 de abril:

(...) Prof.: mas vocês sentiram a dinâmica do chat moderado?  
T – coração só a 120 batimentos...  
M1 – eu gosto mais do chat moderado para fins de estudo / como este.  
P – sim foi ótimo pois dá tempo de acompanhar  
T – eu nunca tinha participado de um – é legal!  
M – é bom porque as opiniões não se misturam  
T – às vezes dá coceira na língua, quer dizer, nas pontas dos dedos, dá vontade de falar, quer dizer, de escrever.  
R – dá a sensação de que não vai dar tempo de mandar a mensagem. (...)

O *chat* moderado acabou por atingir seus objetivos: manter a disciplina por meio de algumas regras simples de comportamento que propiciaram organizar a conversa e obter as respostas que o professor desejava. Houve ainda um *chat* informal, em 1º de maio, por iniciativa da aluna A que se utilizou do Cafezinho para fazer o seguinte convite aos colegas:

Oi, Turma!

---

é dançarina”.

Que tal batermos um papinho amanhã à tarde, lá pelo chimarrão das 5h? Poderemos nos conhecer melhor e os colegas portugueses poderão participar pois estão 4h na nossa frente, segundo o A2. E mais cedo não sei se dá, porque não sei se amanhã é feriado em Portugal. Vamos lá?

Apesar de alguns colegas terem confirmado presença com mensagem no Cafezinho, tais como a aluna T: ‘Tô dentro! Até lá!’, ou o aluno A2: ‘Por mim alinho no convite com todo o gosto!’, deste *chat* participaram apenas quatro alunas, sendo uma colega portuguesa. Essa iniciativa certamente foi ao encontro de uma certa ânsia em romper com a mediação do professor e mostrou que os alunos, quando o desejam, podem atuar de forma independente. Na ocasião, foi registrado o seguinte diálogo - que evidencia a dinâmica do *chat* e lembra o fato de que, por sua própria natureza, é praticamente impossível aprofundar questões com o uso desse recurso:

(...) A4 – isso está engraçado... parece que temos dois fios de Ariadne<sup>33</sup> e os vamos abrindo  
A – isso eu acho fantástico nos chats... / a possibilidade de conversar com o outro, como se estivéssemos presentes.  
A4 – pois, estamos sempre a ser compelidos a falar para não deixar cair a linha...  
A – creio que isso tem o poder de reunir alunos e evitar o tal isolamento  
A4 – concordo, mas continuo a pensar que para manter o relacionamento é bom / mas para trocar argumentos sobre uma opinião, sobre um ponto de vista, será prático? / além disso, como adaptar um chat sobre um assunto específico com muita gente em presença?  
A – bem, aí há que se fazer como o professor fez / no outro dia: um chat em que o assunto foi posto / e todos precisavam pedir a vez de falar... / o problema é que às vezes havia alguma derivação (...)

O conteúdo desse *chat* foi colocado no Cafezinho, a pedido do professor:

A, C2 e Vera,  
Alguma de vocês copiou e guardou o conteúdo da conversa de ontem no chat de vocês? Se copiou poderia postar uma cópia aqui? Se não copiou, poderia contar sinteticamente o que foi conversado?

Ao que A respondeu:

Oi,  
Vou dar uma resumida (prometo resumir, mesmo eh eh eh) deixando o suco da conversa e posto aqui.

Após leitura do conteúdo do *chat*, o professor assim manifestou-se no Cafezinho:

---

<sup>33</sup> Filha do rei Minos, de Creta que, segundo a lenda, forneceu a Teseu um novelo de ouro para que se guiasse no labirinto, onde ele entrou para matar o Minotauro.

Meninas,  
Muito rico o chat de vocês. Apreciei bastante lê-lo. Obrigado, A, por tê-lo postado aqui.

### **2.4.2.3 – Fase preparatória**

Esta etapa constou da leitura do Manual do Aluno, num total de 11 páginas. As informações, procedimentos e dicas sobre como se preparar e participar do curso incluíam:

**Antes do início das aulas** – 1- *‘Faça algumas leituras prévias’*; 2- *‘Programe seu tempo e organize sua agenda para as próximas semanas’* 3- *‘Prepare seu caderno virtual de anotações’* e 4- *‘Explore o site do curso’*.

**Durante o curso** – 1- *‘Leia os textos-base’*; 2- *‘Acompanhe a discussão dos textos’*; 3- *‘Contribua para a discussão’*; 4- *‘Leituras complementares: uma outra oportunidade para contribuir’*; 5- *‘Inclua sua bagagem’* e 6- *‘Tenha sempre à mão seu caderno de anotações’*.

**Orientações gerais** – 1- *‘Para participar dos chats’*; 2- *‘Para participar do cafezinho’* e 3- *‘Para obter ajuda’*.

**Informações gerais sobre o curso** – 1- *‘Ementa’*; 2- *‘Objetivos Gerais’*; 3- *‘Público-alvo’*; 4- *‘Pré-requisitos’*; 5- *‘Recursos metodológicos’*; 6- *‘Período’*; 7- *‘Carga horária’* e 8- *‘Avaliação’*.

Nesse item 8, o professor explicava que acompanharia os alunos durante todo o curso e observaria a participação nas discussões e as anotações do *weblog*. Quanto a esta ferramenta, o professor chegou a alertar enfaticamente a turma, em mensagem de 24 de abril:

Estou programando uma visitinha ao blog de cada um de vocês para esta sexta-feira. Gostaria de encontrar anotações SINTÉTICAS E ORGANIZADAS do que cada um aprendeu (e ainda está aprendendo) nesta primeira unidade.

Na última semana, os alunos faziam uma avaliação, com um balanço do que haviam aprendido, além de avaliarem a interação coletiva.

**FAQ geral do curso** – *As frequently asked questions* estão presentes em cursos *online* e, segundo LÉVY, “evitam repetições e permitem a cada um inscrever-se no diálogo com um mínimo de conhecimentos básicos sobre o tema em questão. Os indivíduos são assim incitados a participar da maneira mais pertinente possível na inteligência coletiva”. (1999:114)

Assim, o objetivo das FAQ era orientar os alunos com relação a questões aparentemente simples: 1 - ‘*Como serão as aulas?*’; 2 - ‘*Qual o horário das aulas?*’; 3 - ‘*Haverá algum encontro presencial?*’; 4 - ‘*Que conhecimentos de informática serão necessários para fazer este curso?*’; 5 - ‘*Não fiz nenhum curso online antes. Posso ainda fazer este curso?*’; 6 - ‘*Quanto tempo o curso irá exigir do aluno?*’ 7 - ‘*Quanto tempo precisarei ficar conectado à Internet para fazer este curso?*’; 8 - ‘*Quais os pré-requisitos para fazer este curso?*’; 9 - ‘*Será preciso instalar algum programa ou software especial?*’ e 10 - ‘*Que tipo de computador será preciso dispor para fazer o curso?*’.

É interessante observar que o item 6 reiterava a carga horária, esclarecendo que o curso teria 20 horas aula, com 10 dias úteis de duração, daí serem necessárias, em média, 2 horas diárias de dedicação. Em relação a isso, o aluno G enviou mensagem ao Cafezinho, sob o título ‘Acho que fui enganado’:

Todas as mensagens que recebi sobre o curso diziam que a dedicação ideal era de 2h diárias. No entanto, o período gasto com as atividades que executamos em função do curso (abrir e ler os e-mails recebidos; baixar, ler e comentar os textos-base; relatar diariamente no *blog* – não vou me acostumar com esse nome – acompanhar os *blogs* dos colegas; e bater um papo-furado (porque ninguém é de ferro) mais as questões próprias da Internet (demora na comunicação, queda do acesso etc.), nas minhas contas ultrapassaram a essas 2 horas. Gostaria de ouvir a opinião de vocês sobre o assunto.

Em resposta, a colega A4 postou a seguinte mensagem no Cafezinho:

G, partilho desse desabafo. Também me tenho enredado com esse problema. E o pior é quando abro o email e tenho uma série de longas mensagens. Parece uma torrente.

Por sua vez, o professor apressou-se em esclarecer a questão:

Foi enganado não, G...

As duas horas diárias são:

1. Uma ESTIMATIVA. Não é uma definição precisa e exata. O tempo não é cronometrado.
2. Uma MEDIA. Haverá quem precise de mais tempo e quem precise de menos tempo, mas em média a estimativa é de 2 horas por dia útil. Quem digita mais rápido e quem lê mais rápido, consome menos tempo.
3. Um MINIMO. Se o aluno quiser dedicar mais tempo para o Cafezinho ou para leituras complementares ou ainda para aprofundar aspectos que não são aprofundados no programa do curso, ele não está proibido de fazê-lo. Mas NO MINIMO deverá dedicar uma MEDIA ESTIMADA de duas horas por dia útil.



Será que esclareci ou compliquei? :-)

Um G visivelmente constrangido retratou-se junto ao professor em longa mensagem intitulada ‘Não fui enganado!’, na qual se observa a complexidade do uso da escrita no *online*, conforme o trecho selecionado:

Suas intervenções tem sido sempre esclarecedoras. (...) peço desculpas porque acho que infringi dois dos três itens recomendados por você no início do curso: o discernimento entre o público e o privado e a clareza das mensagens. Na verdade, não foi minha intenção polemizar nada. Apenas utilizei uma chamada (subject) mais forte, para manifestar minha dificuldade e atrair a manifestação dos colegas do curso sobre o assunto. Deu errado (...).

**Apêndice - Como criar um caderno virtual de anotações** - neste item havia duas opções, cada uma delas com 10 instruções do tipo passo a passo, para a criação do *Blog* ou *weblog*<sup>34</sup>.

O objetivo dos *blogs* nesse curso era propiciar ao aluno o registro de descobertas, dúvidas, questionamentos, enfim, a realização de resumos diários da aprendizagem, sendo abertos à visita dos colegas e do professor. Alguns alunos apresentaram dificuldades ao criar o *blog*, quando se enganaram na criação dos endereços, a exemplo de G:

Eu ‘tava tentando acessar o blog de alguns e não ‘tava conseguindo. Foi aí que reparei que os endereços do Blogger não possuem o ‘www’ antes do nome. Para acessar os blogs, então, basta apagar o ‘www’.

Já a aluna A4 teve outro tipo de problema, conforme pedido de ajuda à Lista:

Gente,  
Estive a actualizar o meu weblogger: introduzi o texto, ele aceitou, pedi para publicar e agora quero ver se meu texto está lá e não consigo (não vem o texto que introduzi hoje). Alguém me dá uma dica para saber o que fazer?

Neste exemplo do primeiro *chat*, em 26 de abril, a aluna A também demonstrou dificuldade de acesso e criação do próprio *blog*:

(...) Prof. – a pediu a palavra há um tempão. Desculpe a demora, A. Fala...

---

<sup>34</sup> Cf. os sites Blogspot: [www.blogspot.com.br](http://www.blogspot.com.br) e Weblogger: [www.weblogger.com.br](http://www.weblogger.com.br). O *blog* ou *weblog* surgiu em 1999, nos Estados Unidos. Trata-se de um site personalizado, atualizado frequentemente por seu usuário, também chamado de *blogger* ou *blogueiro*, que nele publica o que desejar: relato de experiência, poesias, crônicas, desenhos etc. Os *blogs* vêm se tornando uma mania na Internet, constituindo uma nova forma de as pessoas, sobretudo adolescentes, tornarem públicas suas alegrias, angústias, desejos, havendo mesmo quem já se refira a uma ‘blogterapia’.

A – recuperando: BLOG: não consegui acessar várias páginas dos colegas porque recebi a mensagem ‘Page not found’. BLOG2: não consegui por no meu blog uma forma para que os colegas interagissem, como no outro site. Será problema do que eu escolhi ou inaptidão tecnológica minha? (...)

Por isso mesmo, o professor alertou:

Não se estressem muito com os recursos do blog.../ o objetivo é mesmo publicar sínteses de aprendizagem.../ depois os detalhes e os recursos mais sofisticados podem ser explorados.

Apesar dos entraves, houve quem se dispusesse a produzir um excelente *blog*, o que fez com que A2 alertasse a turma, em mensagem postada no Cafezinho intitulada ‘Já viram o Blog do G? Não? Então vejam!’, aqui transcrita na íntegra, na qual se observa o fino senso de humor do colega de Portugal:

Olá, pessoal!

Estava eu a dar uma voltinha aqui pela Blogônia... olhando para a esquerda e para a direita, vendo blogs lindos e blogs menos lindos como o meu... Caminhando pela Blogônia dizia eu, mas caminhando a tactear endereços, às vezes deixando traços no caminho como na história de Hansel e Gretel<sup>35</sup> (ou João e Maria?) para saber mais facilmente o nosso caminho de volta... e eis se não quando deparo com o Blog do G! E não é que o malandro tem tudo sistematizado? ... nossos mails, nossos blogendereços ... tudo! Mas que ótimo! Agora para ir ao blog de um colega basta ir ao blog do G! G, quantas horas você trabalhou para isso? Por mim muito obrigado! Acho que é um ótimo recurso para todo o grupo! Não acham pessoal? Muito obrigado!

Em resposta à mensagem de A2, a aluna C2 manifestou-se, maliciosa :

Fiquei curiosa para ver o blog do G (desculpe a intimidade, fico até vermelha...), mas não consegui. Será que o endereço na pg dos alunos tá correto? Vi o seu, A2, e também tá dez!!!

O aluno G responderia ao colega em mensagem intitulada “A2... menos, menos”, aqui transcrita na íntegra. Observa-se no texto o entusiasmo e a ‘garra’ de G que, desafiado, se sente na obrigação de responder ao desafio tecnológico representado pela criação do seu caderno virtual, chegando mesmo a personificar o *blog*:

Muito obrigada por esse elogio público. Com esse destaque todo chego a ficar envergonhado :) E se foi sua tática para me chamar de volta ao grupo, funcionou! Não posso negar que fiquei muito atraído pela tecnologia que estamos utilizando (e olha que ela é básica), entretanto eu só aproveitei o trabalho organizacional que a equipe de suporte deste curso desenvolveu. Tá tudo lá na página dos Alunos. Agora se for pra contar o tempo gasto, foram várias duas horas, acho que quase o domingo inteiro. Mas não deu pra resistir... Lá no blog (ninguém arrumou uma tradução pra isso ainda?) tinham os espaços para colocar o perfil, arquivos e amigos e

---

<sup>35</sup> Referência ao conto dos irmãos Grimm, no qual duas crianças ouviram seus pais planejarem abandoná-las na floresta, porque não tinham como alimentá-las. As crianças juntaram pequenas pedras brancas e, na floresta, secretamente deixaram cair as pedras pelo caminho. À noite, a lua iluminou as pedras brancas e o reflexo lhes serviu de guia.

ninguém falava como se fazia isso. Imaginei então que fosse no botão ‘editar template’, mas quando eu o apertei, foi como se o blog falasse pra mim: ‘Agora eu quero ver. Te vira!’ – Ah, mas eu não levo desaforo pra casa. E foi assim: um capricórnio de um lado e um monte de texto sem sentido do outro. Foi o mesmo que perguntar ‘macaco, quer banana?’ e, apesar d’eu ter o que fazer, ter que ler e estudar, eu só conseguia mexer no blog. Mas como dizia seu patrício: ‘Tudo vale a pena, se a alma não é pequena’<sup>36</sup>.

O *blog* acabou sendo utilizado por poucos alunos, uma vez que a maioria alegou falta de tempo. No dia 3 de maio, em mensagem à Sala de aula, o professor mostrou- se

ansioso por ler as anotações de vocês em seus cadernos virtuais. Muitos alunos conseguiram passar as duas semanas de curso sem anotar nada neles. Por favor, se você ainda não atualizou o seu, não deixe de fazê-lo o mais rapidamente possível.

Com relação a essa etapa preparatória do curso, é interessante ressaltar a extrema receptividade dos alunos revelada em declarações, tais como a de A sobre

a importância de o aluno entrar num curso sabendo como ele será, conhecendo a metodologia, os espaços pelos quais transitará, as ações que deve realizar, o tempo médio estimado, as ferramentas que utilizará e o que se espera que ele faça.

ou de C1, que dizia concordar

com a metodologia deste curso, com recursos simples e com resultados efetivos. Acredito muito mais nestas formas criativas...

enquanto G, considerou o fato de

ajustar as expectativas com a realidade do curso, bem como treinar os iniciantes nas ferramentas que serão utilizadas tem importância fundamental no desenvolvimento do curso e, por isso esse passo deve ser considerado desde o início do planejamento.

#### **2.4.2.4 - Cronologia**

**16 de abril** – os alunos passaram a receber via *e-mail* mensagens diárias, a partir desta data, que pode ser chamada de ‘semana zero’, na qual o professor foi criando uma expectativa positiva em relação ao que iria acontecer. O Manual do Aluno já se encontrava disponível na página do curso desde o dia 11 de abril.

**17 de abril** - os alunos receberam, juntamente com mensagem do professor, um pré-teste com 3 perguntas, a saber:

---

<sup>36</sup> Ver Fernando Pessoa, *Mensagem* (Segunda parte/Mar Português, X): ‘Ó mar salgado / quanto do teu sal / são lágrimas de Portugal / (...) Valeu a pena? Tudo vale a pena / se a alma não é pequena’.

1- Um dos textos cuja leitura foi recomendada pelo Manual do Aluno trata da boa administração do tempo, elemento fundamental em programas de educação a distância e na vida em geral. Ele traz uma série de dicas e orientações, entre elas a de um bom planejamento e organização da agenda diária ou semanal. Você já organizou sua agenda semanal para este curso? Como ela ficou organizada? Que horários você agendou para este curso ao longo de cada semana, sabendo que ele requer uma dedicação média de 2 horas por dia útil?

2- Outro dos textos recomendados traz dicas sobre o uso do correio eletrônico e das listas de discussão. Há nele três orientações fundamentais. Uma delas diz respeito à diagramação da resposta a mensagens de e-mail – e isto você já estará demonstrando se entendeu e assimilou ou não ao responder este questionário. Quais as duas outras orientações?

3 - O Manual solicita que você crie um caderno virtual de anotações e fornece um passo a passo para isto. Você já criou seu caderno virtual de anotações? Então, qual o endereço de seu ‘blog’?

**18 de abril** - o professor enviou mais alguns lembretes, solicitando aos alunos rever o Manual de Orientação; alertando para o vírus Klez que naquela semana estava provocando grandes estragos na Internet; lembrando o prazo para envio do pré-teste; falando das dificuldades que alguns alunos estavam apresentando na criação do *blog* e, finalmente, relembando a questão do número de mensagens que iríamos receber a cada dia.

**19 de abril** - o professor apresentou-se aos alunos conclamando todos a responderem à chamada virtual, apresentando-se da mesma forma. O aluno deveria dizer o nome, a instituição à qual estava vinculado, cidade onde residia e a área na qual trabalhava. Além disso, poderia falar um pouco sobre gostos, preferências, o que esperava do curso e em que projetos pretendia aplicar o que iria aprender. Nesse dia, 16 alunos responderam à chamada.

**20 de abril** - mais 3 alunos se apresentaram.

**21 de abril** - o professor fez uma advertência aos 4 alunos restantes que ainda não se haviam apresentado, reportando-se, brincalhão, ao cotidiano da sala de aula presencial:

Alô, tchurma! ☺

Hoje vou fechar o diário, recolher a lista de presença, encerrar a chamada e dar falta em quem não responder.... ☺

**22 de abril** – o curso iniciou efetivamente e, nesse dia, os 4 alunos restantes se apresentaram. Esta primeira etapa prolongou-se até o dia 26 de abril e teve por objetivo a chamada ambientação online.

**23 a 25 de abril** – desenvolvimento do curso.

**26 de abril** – idem; nesse dia foram realizados os dois primeiros *chats* do curso e teve início também a segunda unidade do programa.

**27 a 30 de abril** – desenvolvimento do curso.

**1º de maio** – realização do primeiro e único *chat* entre alunos.

**2 de maio** – desenvolvimento do curso.

**3 de maio** – realização do terceiro *chat* do curso. Nesse mesmo dia, o curso foi encerrado com o envio de um questionário de avaliação, remetido pelo professor, constando de 4 perguntas, a saber:

1 - Qual a principal lição que você aprendeu neste curso?

2 - A partir do que você viu neste curso, que tópico (s) você gostaria de poder aprofundar em futuros cursos que você vier a fazer nesta mesma área?

3 - Considerando seu envolvimento nas atividades propostas ao longo do curso (leitura e reflexão sobre textos-base, discussão em ambiente virtual de interação coletiva etc.), você classificaria sua participação como ruim, regular, boa ou excelente? Por favor, justifique sua resposta a esta pergunta.

4 - Considerando os objetivos do curso (‘introduzir professores, educadores e equipes pedagógicas a uma Pedagogia online e às principais questões relacionadas a esse tipo de ensino, através da vivência da aprendizagem colaborativa em comunidades virtuais’), você classificaria este curso como ruim, bom, regular ou excelente? Por favor, justifique sua resposta a esta pergunta.

Esse questionário foi acompanhado de mensagem do professor que, tendo em vista obter um expressivo retorno, prometeu que os respondentes teriam direito a se inscrever numa Lista de discussão, da qual ele era um dos animadores:

Aqueles que entregarem seus questionários de avaliação e atualizarem seus cadernos de anotações receberão a partir de segunda-feira convites para ingressar na comunidade virtual (...) Para ingressar bastará responder essa mensagem. É fácil e indolor.

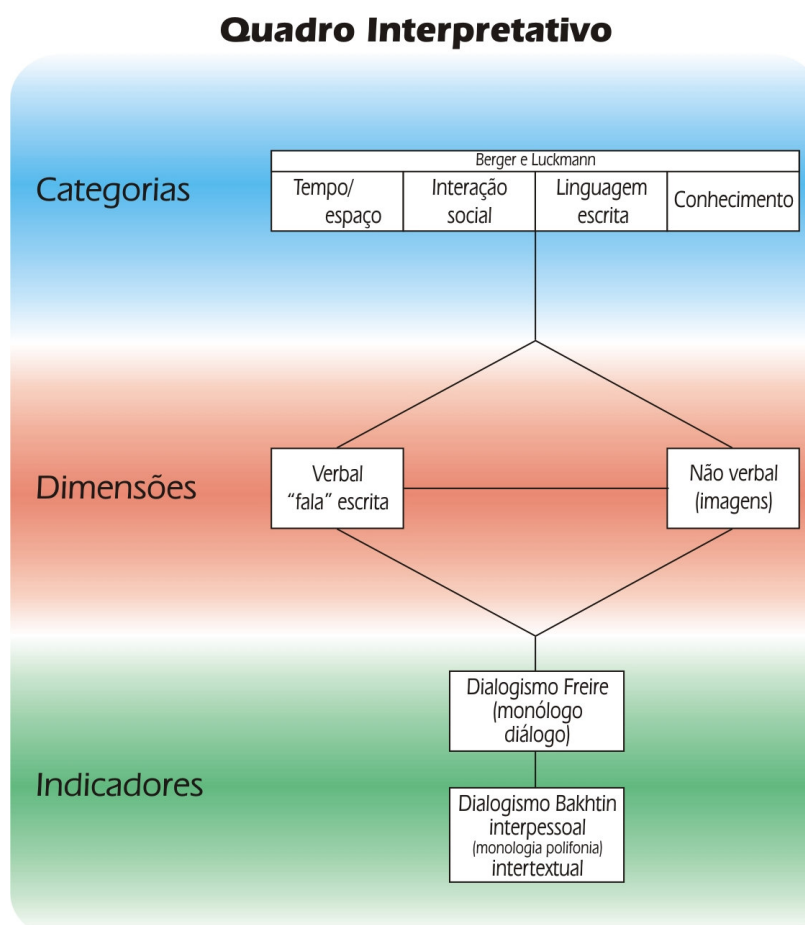
Ao final, foram devolvidas 17 avaliações bastante positivas, que destacavam sobretudo a importância de ter havido um preparo do aluno para a experiência vivenciada.

## CAPÍTULO III

### APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Como vimos na Introdução, este estudo tem por objetivo identificar e interpretar algumas representações presentes nas ‘falas’ dos alunos do curso *Introdução à Educação Online*, a partir das seguintes categorias: espaço-tempo; interação social; linguagem escrita e conhecimento, no que se refere a essa nova modalidade de ensinar e aprender.

No presente capítulo encontra-se a interpretação das ‘falas’ dos aprendizes sobre EOL expressas durante o curso e também as respostas ao questionário, as entrevistas e as representações visuais, de acordo com o seguinte esquema:



#### 3.1 – O questionário

A seguir, encontram-se as 12 questões formuladas e os respectivos comentários às respostas enviadas por nove alunos: A, A1, C, C1, D, J, M, P, R.

1 – O curso *Introdução à Educação Online* foi sua primeira experiência como aluno *online*?

a)  sim

b)  não

O gráfico revelou o ineditismo da experiência para a maior parte dos respondentes.

2 - O que levou você a fazer esse curso?

a)  minha pesquisa em pós-graduação

b)  minha pretensão de ser um professor *online*

c)  quis observar como se produz um curso *online*

d)  quis sentir o que é ser um aluno *online*

outro. Esclarecer .....

Nessa questão, seis alunos escolheram a opção ‘quis sentir o que é ser um aluno online’. Observa-se, assim, a necessidade de a maioria dos respondentes ‘estar na pele’ de um aluno de curso a distância via Internet. Isso tanto pode significar um interesse motivado por pesquisa de pós-graduação, como um interesse latente em produzir ou mesmo ministrar curso na Web, embora apenas três tenham escolhido explicitamente a opção ‘quis observar como se produz um curso online’.

A aluna R assinalou as opções c) e d) ao mesmo tempo. Já a aluna A1 assinalou a opção ‘outro’, preferindo esclarecer ter feito a experiência para ‘Conhecer a metodologia utilizada no curso’. Esta sua declaração veio ao encontro do que ela afirmou quando se apresentou à turma:

Estou fazendo este curso para aprender um pouco mais sobre Educação Online para aplicar no meu dia-a-dia, afinal a aprendizagem tem que ser permanente.

3 - Como você lidou com o ritmo síncrono/assíncrono desse curso?

a)  confesso que fiquei um pouco zozó

b)  foi ótimo ter flexibilidade de tempo

c)  não consegui ajustar-me ao cronograma

d)  procurei administrar da melhor forma possível



outro. Esclarecer.....

Nessa questão, cinco alunos preferiram a opção ‘procurei administrar da melhor forma possível’. Apenas C marcou ‘confesso que fiquei um pouco zozzo’, enquanto D assinalou ‘foi ótimo ter flexibilidade de tempo’. Assim, vemos que a maior parte das respostas aponta para uma certa adaptabilidade dos participantes. O aluno C - que marcou a opção ‘d’ – acrescentou enfático: ‘MAS NÃO É FÁCIL!!! EXIGE MUITA DISCIPLINA’. Duas outras alunas assinalaram a opção ‘outro’. Uma delas, a aluna A1, acrescentou: ‘Fiz somente as atividades que me interessavam’, o que pode ser considerado uma saída inteligente para despistar a complexidade da dinâmica síncrona/assíncrona em um curso *online*. Por sua vez, a aluna A esclareceu:

Como fiz uma experiência com a questão, no momento em que me programei e realizei as leituras e tarefas dentro do tempo previsto foi ótimo; no segundo momento em que, intencionalmente, deixei passar alguns dias para começar a ler e a interagir, senti que estava defasada e tinha de correr para alcançar o ritmo da turma.

Essa ‘experiência’ mostra o grau de interesse da aluna em verificar a questão da tão falada ‘vertigem’ que apareceu no primeiro texto-base. Aliás, a própria A, em mensagem no Cafezinho, deu a seguinte ‘dica’ a um colega:

Prezado G.

Eu creio que o tempo diminui se, em uma Lista de discussão ou mesmo aqui no Cafezinho, o assunto for bem específico na linha ‘subject’. Dessa forma se pode selecionar o que for de interesse sem ter de ler tudo o que é postado. No início, há uma certa angústia e parece que se não lemos tudo ficamos sem saber o que está ocorrendo. Com o tempo, a gente vai aprendendo a selecionar e ler o que interessa em primeiro lugar e, depois, se desejar, ler o restante.

4 - Como você percebeu o espaço virtual de aprendizagem?

- a)  ambientei-me rapidamente
- b)  a falta de limites físicos me perturbou
- c)  adorei descobrir e utilizar as ferramentas
- d)  não deu tempo para eu me adaptar

outro. Esclarecer.....

Aqui sete alunos selecionaram a opção ‘ambientei-me rapidamente’, enquanto o aluno C ficou com ‘adorei descobrir e utilizar as ferramentas’ e a aluna M preferiu ‘não deu tempo para eu me adaptar’.

As respostas a essa questão demonstram, portanto, que não houve praticamente problemas com relação à adaptabilidade ao espaço virtual de aprendizagem.

5 - Como você se sentiu por não poder interagir face a face com seus colegas e com o professor?

- a)  senti-me falando para um muro
- b)  preenchi a lacuna visual com a minha imaginação
- c)  muito mal, pois gosto de ver e sentir as pessoas
- d)  isso absolutamente não me afetou
- outro. Esclarecer .....

A opção ‘isso absolutamente não me afetou’ foi escolhida por seis alunos. Apenas a aluna J assinalou ‘preenchi a lacuna visual com a minha imaginação’, enquanto a aluna M escolheu ‘muito mal, pois gosto de ver e sentir as pessoas’. Embora para a maioria dos respondentes esta tenha sido a primeira experiência como aluno *online*, as respostas apontam para uma adaptabilidade ao virtual. Isso se deve, certamente, ao fato de serem os participantes em sua maioria professores e usuários da Internet. Por sua vez, o aluno P não assinalou nenhuma das opções, preferindo acrescentar: ‘Sinceramente me senti muito próximo do professor e dos colegas, conheci mais sobre cada um, se comparado a cursos presenciais’.

6 - Como se sentiu por ter de utilizar somente a linguagem escrita na sua comunicação com os colegas e o professor?

- a)  à vontade, pois adoro escrever
- b)  inibido, com medo de cometer erros
- c)  gostei e aproveitei para usar muitos *emoticons*
- d)  mal, pois tenho mais facilidade para falar
- outro. Esclarecer .....

Nessa questão, sete aprendizes assinalaram a primeira opção ‘à vontade, pois adoro escrever’, o que confirma a familiaridade de boa parte dos alunos – professores, jornalistas – com a linguagem escrita. Apenas o aluno P, de formação na área de exatas, preferiu ‘mal, pois tenho mais facilidade para falar’. Esse mesmo aluno confessou no primeiro *chat*:

Eu não tive problemas de ambientação com os recursos, tive muita dificuldade de escrever pois sou um técnico em computação que quer conhecer EaD. Então via textos maravilhosos, bem escritos, tomei coragem e enviei o meu e me senti em casa quando li os comentários dos colegas.

A aluna A1, professora universitária, não assinalou nenhuma das opções, acrescentando apenas:

Não tive problemas, pois estou acostumada a esse tipo de comunicação.

7 - Como você se sentiu diante dos conhecimentos sobre Educação *Online* revelados por seus colegas?

- a)  cheguei a pensar em desistir
- b)  foi gratificante aprender com eles
- c)  confesso que isso me inibiu um pouco
- d)  isso não me afetou em nada
- outro. Esclarecer .....

O fato de sete alunos terem escolhido ‘foi gratificante aprender com eles’ aponta para a satisfação em aprender com o outro, e não apenas em demonstrar o próprio conhecimento. Cabe ressaltar, entretanto, que nos primeiros dias do curso ficou claro um certo temor por parte de alguns alunos - sobretudo profissionais não pertencentes à área de educação - de não estar à altura dos colegas para participar das discussões. Já o aluno D assinalou ‘confesso que isso me inibiu um pouco’, enquanto a aluna A1 optou por ‘isso não me afetou em nada’.

8 - Durante o curso, como os alunos reagiram às idéias expressas pelo professor?

- a)  houve um relativo consenso
- b)  a divergência de idéias foi total
- c)  não houve conflito de idéias, e senti falta disso
- d)  houve uma certa acomodação dos alunos
- outro. Esclarecer .....

Nessa pergunta seis alunos assinalaram a opção ‘houve um relativo consenso’. O aluno P e a aluna A preferiram ‘não houve conflito de idéias, e senti falta disso’. Apenas a

aluna R não assinalou nenhuma das opções, acrescentando: “As idéias de todos acabaram se complementando. Acredito que todos puderam até repensar suas posições”.

9 - Qual o seu grau de expectativa ao iniciar o curso?

a)  pequeno

b)  médio

c)  grande

Os cinco alunos que preferiram a terceira opção mostram que efetivamente o grau de expectativa era alto, o que pode ser facilmente comprovado pelas apresentações feitas por alguns respondentes no primeiro dia de aula, conforme atestam as ‘falas’ de M: “As minhas expectativas são muitas em relação a este curso”, de A: “Espero aprender bastante e contribuir na mesma medida com todos!” ou de C1: “Tenho convicção de que vou aprender muito!”. Outros três alunos responderam ‘médio’ e apenas a aluna A1 respondeu ‘pequeno’.

10 - Após esse curso, a concepção que você tinha sobre Educação *Online* foi modificada:

a)  muito

b)  pouco

c)  nada

Nessa questão, houve um equilíbrio nas respostas ‘pouco’ e ‘nada’.

11 - Gostaria de fazer mais algum comentário? Então, use este espaço:

Nesta questão apenas três respondentes acrescentaram algo. O aluno C preferiu destacar a atuação do professor, declarando que:

O fundamental para o sucesso do curso foi a atuação do professor. Ele consegue cobrar, incentivar e instigar a participação dos alunos, de uma forma muito criativa e agradável, além de passar conhecimento do assunto.

Já a aluna R constatou que:

Com esse curso, pude perceber que a EaD não tem que ser parecido com ensino presencial, é outro tipo de ensino, completamente diverso, e pode ser muito bem explorado, trazendo maiores compreensões talvez em menos tempo. Existe um respeito maior às idéias dos outros.

Por outro lado, o aluno P mostrou sua insatisfação confessando que:

Não gostei da comunicação, praticamente toda por e-mail's, existem ótimos ambientes para suporte à EaD.

12-Gostaria de receber os resultados desta pesquisa?

sim

não

O desejo unânime de receber os resultados da pesquisa refletiu o interesse dos alunos pelo tema.

### **3. 2 – As entrevistas**

Neste item, encontra-se breve interpretação das entrevistas feitas com os alunos M1, C2, A2 e J1, com base nas quatro categorias adotadas neste estudo.

#### **3.2.1 - uma nova temporalidade e um novo espaço**

Com relação à **temporalidade**, M1 declarou:

eu superestimei minha capacidade de administrar meu tempo (...) quando percebi que não ia conseguir acompanhar, fiquei com vontade de desistir e sair...

Além disso, M1 constatou que:

eu entrei com a intenção de participar, mas me deu a sensação que o meu ritmo estava diferente dos outros,

Essa aluna observou que a flexibilidade temporal num curso *online* não existe quando há um turma

que tem um ritmo ... eu sentia como se estivesse correndo atrás de todos... teve alguns momentos em que achei que ia dar conta, tirar o atraso, mas aí todas as reflexões que eu produzia estavam como que a retardo dos demais... e eu fui desistindo.

A colega C2, que acabava de ter tido uma experiência com um tutorial, enfrentou como M1 o problema de ter de adaptar-se a uma turma em que

tem um processo que todo mundo vive coletivamente e precisa estar acompanhando (...) uma adaptação difícil (...) você ter que ler correndo todos os e-mails e ter que se colocar um horário para estudar (...) depois que você entra, tem cento e tantos e-mails para você ler e você não está interagindo (...). Aí, para voltar à discussão, o pessoal já tá lá avançando e você lá atrás...

Por sua vez, o colega A2, de Portugal, declarou que o ritmo síncrono do curso

não pôs muitos problemas...bastou acertar o relógio com o Brasil.

Quanto ao ritmo assíncrono, lhe pareceu que

(...) no que diz respeito ao tempo das aprendizagens foi também muito interessante a tentativa de regularmos e coordenarmos o nosso tempo de estudo com o dos outros, de regularmos e coordenarmos nossas intervenções/mensagens, depois há sempre a sensação da falta de tempo...

Com relação ao colega J1, tendo em vista que foi um *lurker*, ou seja, aquele aluno que não participa da interação coletiva, não foi possível saber de seu posicionamento quanto à temporalidade. No entanto, fica registrado este comentário extraído do seu ‘blog’, cuja cópia levei para a entrevista:

Se hoje eu percebo (ou tento) que administrar meu tempo não é tornar-me escravo do relógio, que é uma questão de estabelecer prioridades (que tem a ver com escolhas), é natural que eu me veja meio atordoado. Cadê o script?

No que se refere ao **espaço virtual** de aprendizagem, este não ofereceu propriamente dificuldade aos participantes, conforme a análise dos questionários e as ‘falas’ durante o curso já haviam demonstrado. Assim, a aluna M1 declarou:

gosto muito de chat moderado para fins acadêmicos (...) senão fica uma cacofonia...

embora tenha acrescentado haver limitações no *chat* moderado:

lentidão... até que chegue sua vez, o fio da meada se perdeu, o tema já foi pro espaço etc.

M1 confessou ainda ter começado o *blog*, mas ter parado quando se ‘desligou’ do curso.

A aluna C2 disse ter tido problemas em outros cursos dos quais havia participado, mas neste

fiquei maravilhada com o ambiente (...) muitos espaços interativos (...) todos eles funcionando adequadamente., a coisa estava correndo bem ali...

Em relação ao *chat* moderado, C2 declarou que

você fica meio assim... preocupada em ter o ritmo, não vou escrever muito porque vou pensar o que é que eu vou falar, porque senão ultrapassa o tempo...

Já em relação ao *chat* livre, entre alunas, do qual C2 participou, ela respondeu que

foi muito legal (...) não tinha a pretensão de você estar cumprindo determinado roteiro (...)

Por sua vez, A2 declarou achar

muito interessante sentir que se está a freqüentar um curso ‘situado noutro continente’ e poder interagir com as pessoas como se estivessem todas a mesma distância

No que se refere às ferramentas, estas lhe pareceram

excelentes, excepto o *blog*. Nunca me adaptei ao Blog. Parecia-me que o curso tinha três pernas (o mail, o cafezinho e o Blog) e a mim dá-me mais jeito andar em cima de duas pernas (...) quanto à importância do Cafezinho, acho que nem vale a pena falar... um componente fundamental para criar um espírito de grupo, uma verdadeira classe virtual, contribuíram muito para a criação de um grupo, de um ambiente de turma.

Com relação ao *chat* moderado, ele julgou ‘ótimo’ e, por isso mesmo,

nunca mais deixei de utilizar aquelas regras.

O colega J1, por não ter participado da interação coletiva e não ter lido as mensagens do professor, desconhecia o fato de que seria utilizado o *chat* moderado durante o curso.

Sobre o *chat* livre ele assim manifestou-se:

as mensagens vão chegando e vão entrando, é desestimulante, porque a seqüência se perde (...) um verdadeiro chato (...) na maioria das vezes.

Já o *e-mail*, como ferramenta, lhe pareceu das mais eficientes porque é

tão simples que ela me surpreende pelo poder que ela tem de estimular a aprendizagem.

### **3.2.2 - a interação social**

Esta categoria propiciou conhecer um pouco mais sobre essa questão que tem despertado tanto interesse.

A colega M1, que por problema de tempo, acabou adotando uma postura ‘lurker’, confessou, no entanto, que essa atitude ‘dá muita frustração’.

Quanto ao fato de não ver seus pares nem o professor, ela disse que:

não tenho o menor problema com isso.(... ) trabalhei como assessora (...) e fiz todo meu trabalho sem nunca ter encontrado face a face com alguém da empresa (...) Acho interessante esta nova interação, dá margem à imaginação, a você construir digamos... uma imagem da pessoa, de seu temperamento, sua personalidade, não através de símbolos conhecidos, expressão corporal, tom de voz, mas inteiramente através da palavra escrita...

Para C2 o fato de não interagir face a face com os colegas e com o professor absolutamente não a afetou, já que

eu cheguei a imaginar ... é o que eu te falei, a relação ((virtual)) é tão boa... a gente conversando no telefone, nossa... parece que é uma velha amiga...

E quanto ao professor,

parece que é uma pessoa que eu conheço há anos...

Por sua vez, A2 declarou:

nunca vi o professor, mas acho que ficámos amigos (...) e com os colegas também.... não me afetou nada não os ver, acho até muita piada a isto de as pessoas se poderem relacionar sem se verem,

E afirmou também que:

as pessoas podem se sentir envolvidas a aprenderem umas com as outras mesmo sem nunca se terem visto.

Nesse item, foi interessante verificar o que pensava J1 -- que praticou durante o curso o 'lurking', ou seja, enviou apenas uma mensagem de apresentação à turma, contentando-se em observar a interação coletiva. Assumindo-se como alguém que tem 'um quê de timidez', ele declarou:

a questão da não participação, eu posso colocar em dois pontos. Primeiro, características minhas: eu sou assim em aula presencial, eu falo o mínimo, em geral, se não me perguntar, eu não sou muito participativo,

J1 confessou também que, 'historicamente', costumava sentar 'sempre no fundão'.

mas eu aprendo com as discussões, com o que o próprio responsável pelo encaminhamento das aulas, mais ou menos tradicionais, tem a dizer, como as observações dos outros.

Para ele, caso tivesse participado da interação coletiva, o fato de não ver os colegas e o professor não o afetaria, já que

um sujeito arredo, ele até se identifica com esse tipo de coisa. (...) Este meu jeito arredo encaixa perfeito. (...) Isso favorece até porque não tem timidez...sabe...eu posso até ficar com vergonha de alguma coisa, mas ninguém tá vendo se eu fiquei vermelho (...)

### **3.2.3 - a linguagem**

Esta categoria originou-se das discussões surgidas sobre a complexidade do uso da escrita durante o curso e das confissões de dificuldades por parte de alguns participantes. Nas entrevistas, no entanto, os alunos confessaram se sentir à vontade com esse tipo de comunicação.

A colega M1 declarou:

gosto do idioma e de seu uso, gosto de comunicação e de observar como ela se dá nos grupos.



Por sua vez, C2 disse gostar de utilizar a linguagem escrita, mas reconhece que não existe o hábito, pois

a maioria da população brasileira, acho que não usa nem cartas. (...) há uma dificuldade.

Já A2 se sentiu ‘optimamente’ ao utilizar a linguagem escrita para se comunicar com os colegas, pois ela

permite uma reflexividade por vezes muito superior à linguagem oral, o inconveniente é que demora muito mais tempo que a oral.

Quanto ao fato de alguns colegas terem utilizado a escrita de forma criativa, A2 atribuiu:

à vossa criatividade genérica com a língua e não especialmente à escrita, o que me pareceu mais importante foi o modo específico como a escrita teve que ser usada para simular um diálogo através do e-mail.

Além disso, A2 observou que:

o modo como as mensagens tinham de ser organizadas, citando primeiro o que queríamos comentar é que me pareceu mais específico do online e deste curso em particular: coloca dificuldades a que temos que nos adaptar.

Finalmente, J1 disse que, caso tivesse participado da interação coletiva, não teria problemas, pois

eu redijo, principalmente se eu tenho conhecimento a respeito. Eu tenho muita facilidade de escrever. E ... as pessoas criticam às vezes que eu sou muito prolixo quando vou escrever e a forma que eu escrevo é muito diferente da forma como eu falo normalmente (...) mas a escrita em si, o expressar pensamentos e idéias, o concatenar seqüências de pensamentos e idéias pela escrita não me cansa.

### **3.2.4 - o conhecimento**

Esta categoria surgiu do fato de alguns aprendizes mostrarem-se, de início, inibidos pela pouca familiaridade com a área de educação.

Nesse sentido, M1 foi uma das que demonstrou durante um *chat* que sua experiência não teria valor para o grupo. No entanto, na entrevista, ela declarou que:

acabo valorizando e gostando da diversidade.... acho que é sinérgico! (...) Acho que formávamos um grupo de alguma maneira homogêneo na medida em que nosso campo de interesse era geral: a EaD.

A colega C2 observou que

o grupo estava também muito bem formado, todo mundo tinha muita coisa para dizer, eu acho que aprendi muito com todos os participantes.

Para ela, no início, houve

aquela dificuldade... de se colocar: ‘não é minha área’, mas depois foi um ambiente tão agradável... que depois a coisa começou a fluir normalmente...

Por sua vez, A2, considerou que isso aconteceu

a princípio talvez... mas depois estavam perfeitamente integrados...(...) se eu estivesse num fórum a discutir engenharia, também ficaria inibido...

Finalmente, o colega J1 antecipou-se à nossa questão ao declarar que – caso tivesse participado da interação – não se manifestaria nos *chats*

por perceber que as pessoas ali eram todas da área, trabalhando já há algum tempo, conhecimento consolidado, acho que eu não me sentiria muito estimulado a falar não, eu não gosto de falar se eu não achar que aquela informação que eu tenho a dar, aquela observação é boa, vale a pena oferecer.

Enfim, as entrevistas serviram tanto para complementar, como para reiterar algumas informações, além de mostrar algumas razões para o comportamento ‘lurker’ ou ‘learker’ de um aluno de um curso virtual.

### **3.3 – As ‘falas’ dos alunos durante o curso**

O veículo mais importante da conservação da realidade é a conversa.  
(Berger & Luckmann)

Tendo em vista o objetivo desta pesquisa, este item apresenta a interpretação de algumas ‘falas’ expressas pelos alunos durante o curso, que constituem representações individuais a respeito de alguns pontos de interesse da educação *online*, a partir das seguintes categorias: *tempo/espço*; *interação social*; *linguagem e conhecimento*.

### 3.3.1 – Uma nova temporalidade e um novo espaço

Essa primeira semana me passou  
atropelando, foi um turbilhão...  
(R, durante um *chat*)

Em um curso *online*, quando a rotina do ‘aqui’ e do ‘agora’ é quebrada, pode acontecer o que foi observado durante o curso: o fato de alguns alunos não conseguirem acompanhar o ritmo das discussões, revelando dificuldade de organização pessoal. Assim, durante um *chat*, a aluna J demonstrou que a ‘falta de tempo’ pode ser prejudicial ao andamento de um curso *online*, encontrando respaldo nas palavras do professor:

(...) J: não pude acessar o e-mail por falta de tempo e quando fui verificar hoje pela manhã havia 60 mensagens. Entrei em pânico, pois havia muitas contribuições dos colegas (...)  
Prof: sim J, vi seu depoimento. E realmente ficar um dia sem acessar o e-mail é problemático...(..)

Por sua vez, A4 se dirigiu aos colegas, buscando ressonância para a sua preocupação, abrandada na expressão ‘alguma dificuldade’:

a propósito gostaria de perguntar como é que vocês estão a conseguir gerir ao mesmo tempo caderno de notas, blog e mensagens entre nós. Confesso que tenho alguma dificuldade.

Já C2 aludiu à utilidade do texto<sup>37</sup> cuja leitura foi sugerida na fase preparatória do curso, mostrando ter aprendido a ‘driblar’ a complexa questão, aproveitando bem os momentos do cotidiano:

acho que o toque fundamental foi o txt sobre administração do tempo. Estou imprimindo os txt para leitura em hs que não estão cronometrados como no metrô, nas idas e vindas... O tempo que disponibilizei estou tentando dedicar a sala de aula e ao weblog.

Por outro lado, M mostrou que o tempo no *online* pode ser profícuo, já que, ao contrário do ambiente presencial, as ‘falas’ encontram-se registradas:

não dá para viajar na ‘aula virtual’. Durante uma aula presencial se eu perco um pedaço da linha do raciocínio de algum colega que tomou a palavra, é chato eu pedir para que ele repita tudo novamente. Aqui (?), ao contrário, posso reler até entender o que ele realmente quis dizer e, só então, dar o meu palpite. Portanto o tempo online acaba sendo mais produtivo que o tempo real de uma sala de aula real.

---

<sup>37</sup> *Administrar o tempo é planejar a vida*. Disponível em:  
<<http://www.chaves.com.br/TEXTSELF/MISC/timemgt2.htm>> . Acesso em: 18 abril 2002.

Nessa mesma linha de pensamento, além de chamar a atenção dos colegas para a subjetividade do tempo (“Quanto tempo demora por exemplo para ler a ‘Chuva Oblíqua’ de Fernando Pessoa? E a entender?”), o colega A2 alertou para a questão da temporalidade no *online*:

um dos pontos fundamentais para socializar um aluno com um curso online ou mesmo para estabelecer com ele um contrato pedagógico é esclarecer bem (e trabalhar sobre suas expectativas e representações sobre o online) que o tempo de trabalho online é um tempo de trabalho real! Não é um tempo virtual!

A2 refletiu também sobre a questão do espaço/tempo, observando que ‘presença física’ pode significar ‘ausência psicológica’, o que remete à discutida questão da distância transacional em educação<sup>38</sup>:

se eu me comprometo com um curso presencial por exemplo de 2 horas diárias eu posso comparecer todos os dias fisicamente nesse curso mas mentalmente estar completamente ausente... (dormitando, tirando uns apontamentos sobre outra coisa que não tem nada a ver com aquela aula, etc.). Parece-me que no online isso não é possível... a pessoa para estar presente (seja lendo, seja escrevendo) tem de estar mentalmente activa. E portanto o tempo no online acaba por ser um tempo mesmo real. No online acho que não dá por exemplo para ‘fingir’ que se está com atenção!

Ainda com relação ao tempo e ao espaço, A2 expressou sua opinião mostrando que, no presencial, os limites físicos e temporais são bem definidos. No virtual, a indefinição prevalece, já que

as quatro paredes da escola delimitam bem um espaço mas delimitam também um tempo formal com fronteiras bem definidas. Na EaD online o tempo quotidiano entra-nos mais pelo curso adentro (não entra pela porta adentro porque não tem porta não é?). (...) Se vou dar uma aula presencial há uma tensão inicial, há o princípio da aula, há o terminus, há a sensação de encerramento de uma coisa, de uma aula.... No ‘online’ parece que a aula está sempre aberta... os limites são mais indefinidos. E isso passa-se com outras coisas: no presencial há as cadeiras, as mesas, os quadros, as paredes... no online há uma série de objectos novos a descobrir... e a aprender a utilizar.

Nessa ‘fala’, A2 contrapôs a ecologia da sala de aula presencial à da sala de aula virtual, que acena com novas possibilidades e estímulos para o aprendiz.

Durante a segunda etapa do curso, a aluna A confessou ter feito uma experiência para testar a questão do tempo, aqui relatada num trecho do único *chat* entre alunas, realizado em 1º de maio, quando levantei a questão da redução do número de mensagens.

(...) Ps: acho que esta semana o ritmo das mensagens diminuiu ou foi impressão minha? Estou achando a participação menor...

A: eu fiz um teste comigo mesma nesta semana!

C2: è vero. Também senti. / que teste?

A: perceberam que de início não mandei muitas mensagens nem li os textos / queria experimentar a sensação do aluno que não está fazendo o que precisa todos os dias...

C2: sentir a ansiedade de estar atrasado?

Ps: sim, percebi. Isso é ótimo. Que tal a sensação de ficar só olhando sem participar ativamente?

C2: e aí?

A: aí realmente a sensação de atraso e confusão se estabelece / e recuperar demanda muito tempo e trabalho

Ps: eu passei por isso, como já disse, na primeira semana. Tive uma sensação péssima de perder o bonde.

C2: tive essa experiência, por conta do bug no meu computador, estava desesperada, passei uma madrugada e um dia me colocando em ordem

A: é a zonzeira de que o professor falava. Não senti isso na primeira semana em que li tudo e opinei com presteza / talvez esteja aí um segredinho... (...)

Nesse diálogo, as três participantes relataram experiências pessoais diversificadas. A aluna A (que foi muito ‘prolixa’ durante o curso) e seu teste deliberado de ‘aluna relapsa’; C2 e seu problema tecnológico devido ao ataque do vírus Klez, e esta pesquisadora, que ficou sem acesso à Internet nos dois primeiros dias do curso e viu as mensagens se acumularem. A aluna A concluiu utilizando o termo ‘zonzeira’ que, conforme veremos adiante, acabou sendo incorporado pelos alunos, juntamente com o termo ‘vertigem’.

Com relação à ‘vertigem’ ou ‘zonzeira’, a aluna A3 confessou na mensagem ‘Vertigens e correlatos...’ que, apesar de sua familiaridade com o virtual, foi difícil adaptar-se à nova temporalidade:

não vai ser fácil, mas vamos lá dividir e colaborar... Estava bem preocupada com este curso, pois é o meu primeiro online. Mas, extremamente ansiosa para começar e aprender. Eu tinha lido os textos (...) antes de participar do Seminário e achei que aquela coisa de ‘vertigem’ era uma bobagem... Justo eu? Uma viciada em internet e chat’s? Imagina, comigo não leão!!! Caí do cavalo! Ou melhor do espaço... Me senti tão perdida, não sabia por onde começar... Que sensação mais estranha... (...) Quando vi que o pessoal estava lendo e se entregando aos comentários, me deu um acesso de desespero, pois eu não conseguia tempo para participar... Como só uso micro no trabalho e tive algumas questões urgentes e muito sérias para resolver... Não dava para respirar... Que sufoco! Depois consegui imprimir todos os comentários (não foi possível o Blog), e cá estou no meu fim de semana recuperando... Olha como tem vantagem ser solteira... (...)

---

<sup>38</sup> Ver Michael Moore, *Teoria da distância transacional*. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/red/>>. Acesso em: 24 fev. 2003.

Nessa mensagem, percebe-se que A3 tenta de certa forma exorcizar seus fantasmas ao confessar seu estado emocional, presente no uso de determinadas palavras ou expressões, tais como ‘ansiosa’, ‘me senti tão perdida’, ‘que sensação mais estranha’, ‘me deu um acesso de desespero’, ‘não dava para respirar’, ‘que sufoco!’, no excesso de reticências, bem como no emprego de expressões populares, como ‘caí do cavalo’.

Ainda a respeito dessa sensação de ‘vertigem’, vale lembrar o que dizem BERGER e LUCKMANN: “(...) tenho consciência de que o mundo consiste de múltiplas realidades. Quando passo de uma realidade a outra experimento a transição como uma espécie de choque” (p.38). Durante o primeiro *chat*, ao responder à ansiedade dos alunos, o professor fez uma curiosa analogia para exemplificar a percepção de um novo espaço e de uma nova temporalidade: a do homem do campo que visita uma metrópole.

(...) Prof : deixa eu falar uma coisinha sobre esta experiência de não ter tempo para ler tudo... / sabe aquela sensação do matuto quando entra na cidade grande? / acostumado a noites escuras e silenciosas/ ele estranha muito o barulho e as luzes da cidade que não se apagam / é mais ou menos o que sente quem entra em ambientes online de interação coletiva pela primeira vez / a impressão que dá é que a gente não consegue absorver tudo / mas depois a gente se acostuma não é? / M1, novamente com a palavra

M1: obrigada, professor. Eu diria que cada experiência é única... / como eu aponte, não foi a minha primeira vez... / mas mesmo assim me enrolei muito, fiquei talvez como o matuto diante da cidade nova... (...)

Essas ‘falas’ do professor e de M1 fizeram com que T se sentisse motivada a postar no Cafezinho a mensagem ‘Peripécias de viagem’. Nela, além de informar aos colegas portugueses o significado do termo ‘matuto’, T trouxe um curioso aporte ao debate, introduzindo uma referência literária perfeitamente adequada ao contexto:

Olá, pessoal, o professor comparou em nosso bate-papo de hoje à tarde essa nossa vertigem ‘àquela sensação do matuto quando entra na cidade grande’. Para os nossos colegas portugueses (não sei se chovendo no molhado) digo que matuto é o mesmo que caipira: morador do interior, dado às lides da lavoura, não habituado à cidade grande. Pois é fui buscar um poema que ilustra essa sensação. (...) Bom, lá vai: ((aqui transcrevo apenas um trecho do poema))

“(...) Chego in São Pólo. Saio...érro / No virá a primeira esquina. / Fico meio turtuviado: Gentarada, carro, bonde / E in tuda a parte um sordado; / Fico danado, me amolo; Vô durmi num sei indonde... num venho mai pra São Pólo!”<sup>39</sup>

---

<sup>39</sup> Ver ‘Peripécias de Viagem’, Cornélio Pires (1884-1958), conhecido como ‘o bardo caipira’.

Bem, assim como o caipira jurava que não voltava mais pra cidade grande, mas acabava voltando pela fascinação que ela exercia nele, digo também que volto outras vezes para esta experiência de vertigem que estamos vivendo.

A própria T expressou de forma criativa a tão citada sensação de ‘vertigem’, mesclando ‘sotaque’ regional a uma sofisticada reflexão:

Pissoar,

Tô aqui coçano o vão dos dedo dos pé e matutano (sentiram que estou marcando a presença de uma caipira do interior de São Paulo?) (...) Penso que estamos falando, basicamente, de comunicação e comunicação é uma troca social de significados, de visão de mundo, de conteúdos. Esta troca não é uma relação harmoniosa e sim de conflito. E se a troca vem mediada por um código novo, o qual eu não domino, em um espaço que tenho dificuldade de reconhecer e delimitar, em um tempo cuja areia escorre para uma ampulheta mais torta que os relógios de Dalí,<sup>40</sup> é de lascar! Se eu não domino este código, eu não tenho poder, eu sou um excluído da pós-modernidade. Coçano agora o meu bicho de pé de estimação, penso que nós somos exploradores dessa nova ambiência. Lá vamos nós, com nossas lanternas na testa, tentando entender em conjunto o que nos reserva esta caverna. Platão também esteve preocupado com cavernas...<sup>41</sup>

Ao se referir ao novo espaço, sem limites físicos (‘que tenho dificuldade de reconhecer e delimitar’), e à nova temporalidade, associada a uma célebre obra de arte (‘os relógios de Dalí’), a aluna T acabou por constatar que nos tempos pós-modernos a falta de familiaridade com o virtual pode levar à exclusão (‘se eu não domino esse código, eu não tenho poder’). Ao concluir, ela denomina de ‘exploradores’ os que adentram o ciberespaço, (‘lá vamos nós, com nossas lanternas na testa’), referindo -se ao mito da caverna de Platão.

Ainda com relação ao espaço, BERGER e LUCKMANN lembram que “(...) o mundo interiorizado na socialização primária torna-se muito mais firmemente entrincheirado na consciência do que os mundos interiorizados nas socializações secundárias” (p.180).

Com efeito, durante o curso, por diversas vezes os alunos estabeleceram ‘vínculos’ entre o ‘real/atual’ e o virtual, como T que, em sua apresentação à turma, deixa entrever a lembrança da sala de aula da infância:

olá, colegas, olá professor (receba minha maçã virtual) estou respondendo só hoje à chamada pq sempre fiquei no final das listas – meu nome começa com T, né?

<sup>40</sup> Referência à tela ‘Persistência da Memória’, de Salvador Dalí, de 1931, que mostra vários relógios moles, referindo-se à preocupação humana com o tempo e a memória. Disponível em: <<http://www.rainhadapaz.g12.br/projetos/artes/dali/biografia.htm>>. Acesso em: 3 fev. 2003. Segundo Dalí, ‘Gala ((sua mulher)) previu que quem visse este quadro jamais o esqueceria’.

<sup>41</sup> Alusão a ‘O Mito da Caverna’, A República, Platão, Livro VII. A esse respeito, ver Marilena Chauí, ‘O mito da caverna’: ‘(...) O Mito da Caverna apresenta a dialética como movimento ascendente de libertação do nosso olhar que nos libera da cegueira para vermos a luz das idéias. Mas descreve também o retorno do prisioneiro para ensinar aos que permaneceram na caverna como sair dela’. Disponível em: <[www.odialetico.hpg.ig.com.br/filosofia/cavernamito.htm](http://www.odialetico.hpg.ig.com.br/filosofia/cavernamito.htm)>. Acesso em: 4 fev. 2003.

Por sua vez, C confessou em mensagem à Sala de aula uma ‘travessura’ que se reporta igualmente ao contexto escolar:

estas colocações da A me lembraram que hoje de manhã ‘matei’ a aula aqui do nosso curso e fui assistir a uma palestra do Fórum Internacional de Software Livre que está acontecendo aqui em POA e que o P disse estar participando (ele também está matando aula?).

Enfim, frente ao exposto, constatamos que as representações construídas pelos alunos com relação à nova temporalidade apontam para uma certa perplexidade, dada a dificuldade de conciliar o tempo do relógio e do calendário com o tempo pessoal<sup>42</sup> e com o ritmo do curso, de acordo com as ‘falas’ que se seguem:

Ainda tenho a sensação de que não vou dar conta.... (P)

Ainda tenho dificuldade em administrar o tempo... (T)

A maior dificuldade foi o tempo... (A2)

Como estou com a sensação de sempre estar atrasada... (M1)

Hoje estou sentindo a sensação de ‘vertigem’ já colocada pelos colegas.... (J)

Infelizmente, estou atrasada... (C2)

Me deixou um pouco atordoado... (J2)

O meu problema (...) tempo (M)

Tive dificuldade em conciliar a necessária administração do tempo... (A4)

Quanto ao espaço de aprendizagem virtual e suas ferramentas, as representações mostraram-se positivas, conforme atestam as seguintes ‘falas’:

É muito fácil de entender o espaço virtual... (A)

Eu não tive problemas de ambientação com os recursos... (P)

Para mim, foi tudo bem com a etiqueta e as ferramentas... (M1)

Não tenho grandes problemas com a escrita ou com as ferramentas... (M)

(...) as ferramentas, que são fáceis de utilizar... (T)

Hoje, 3 dias após o início, já estamos ambientados ... (C2)

---

<sup>42</sup> Cf. na mitologia, o tempo como algoz: o deus Chronos, senhor do Tempo, devora os próprios filhos.



Isso ficou comprovado pelo bom uso do *e-mail* e do Cafezinho e pela adaptação dos aprendizes ao *chat* moderado. No que se refere à dificuldade confessa de alguns aprendizes com relação ao *weblog*, conforme relatado no capítulo II, esta pode ser creditada ao ineditismo da experiência.

### 3.3.2 – A interação social

Pesar  
argumentos para um muro azul é bem  
mais complicado.

(A4, durante um Chat)

Durante o curso, alguns alunos manifestaram-se com relação à falta da interação face a face, como no caso de D:

aprendi que ao contrário do que eu pensava, um curso a distância requer muito mais disciplina e concentração, pela falta de interação presencial, do estímulo da presença e dos signos a que estamos acostumados, de voz, olhar e calor.

Essa reflexão corresponde ao pensamento de M1:

eu diria que a distância, a virtualidade é um complicador, porque não se tem os elementos físicos que costumamos decodificar: gestos, posturas, olhares e ausências. Por isso a gente diz que é preciso mais sensibilidade em EaD, já que a dimensão física está oculta.

Ainda com relação a essa ‘ausência’ física, durante o *chat* de 1º de maio, observou-se o seguinte diálogo, entre as alunas A e A4:

(...) A4: veja só: pesar argumentos com as mensagens que temos trocado não é difícil / mas pesar argumentos para um muro azul é bem mais complicado/ de qualquer modo estou contente por estar em presença virtual / estamos no mesmo espaço, né?

A: bem, quando estou conversando por chat, tento imaginar a pessoa que está do outro lado.

A4: eu também, mas não é fácil

A: sim, o espaço é o mesmo, mesmo que tenha um oceano entre nós...

A4: também quando se lê um livro se fica a imaginar como são os personagens, pelo menos eu fico... (...)

Nele, a colega de Portugal compara a tela do micro a ‘um muro azul’ (ou seja, a uma barreira), empregando expressões como ‘é bem mais complicado’ e ‘não é fácil’ para expressar seu estranhamento por não poder visualizar a pessoa com quem estava interagindo. Ambas confessaram imaginar o interlocutor e consideraram que o espaço não pareceu constituir um problema, já que ‘é o mesmo’, embora ‘exista um oceano entre nós’.

Por sua vez o aluno D chamou a atenção para um outro ângulo da interação em cursos virtuais -- a falta de contato cara a cara pode favorecer uma certa desinibição por parte dos ‘falantes’:

o fato de que por não haver o contato físico/visual/auditivo entre os interlocutores, as pessoas tendem a ‘falar’ coisas que não teriam coragem de dizer pessoalmente (um tipo de escudo virtual), o que pode levar a prolongamentos indesejáveis na discussão.

O próprio D também revelou sua insatisfação por não conhecer pessoalmente os colegas:

D: pergunta para o professor ..../ como lidar com a frustração de querer conhecer pessoalmente TODOS vocês?

Prof.: pois é.../ acho que esperando uma oportunidade de encontro de todos...

A interação social em um curso *online* aponta também para a participação silenciosa de certos alunos, os chamados *lurkers*<sup>43</sup>, ‘a turma do fundão’, que acaba por constituir uma espécie de platéia para os mais falantes. *Lurker* é aquela pessoa que numa Lista de discussão apenas lê as mensagens, sem interferir, participando como um observador.

PALLOFF e PRATT lembram que “sempre temos ao menos um aluno que envia sua apresentação e depois não se comunica mais, deixando todos os outros a se perguntar o que teria acontecido” (2002:63). O *lurker* é assim duplamente invisível: tanto por não ser visto fisicamente, como por não se manifestar. No meio eletrônico, de acordo com esses autores “as pessoas podem desaparecer mais facilmente; sua ausência é notada, porém é algo mais fácil de se ignorar do que uma cadeira vazia” (idem).

Há diferentes explicações para tal mutismo<sup>44</sup>. Assim a aluna A explicou esse silêncio:

há aqueles que, quando percebem que a visão de determinado assunto está fluindo como ele pensa e concorda, não vê razão para intervir e deixa que a discussão prossiga, intervindo somente quando algo com que não concorda é colocado...

---

<sup>43</sup> Hoje se emprega o termo ‘learker’, uma mescla de ‘learner’ (aprendente) e ‘lurker’ (observador), em atenção ao fato de que o aluno está aprendendo, mesmo quando apenas observa.

<sup>44</sup> A esse propósito, ver a entrevista esclarecedora com o aluno J1, no Apêndice desta dissertação.

Para os teóricos, o silêncio virtual constitui uma forma de comunicação, já que o *lurker* está interagindo com os textos, redigindo suas reflexões e acompanhando as discussões, conforme confessou a aluna M3 em sua avaliação:

li todos os textos, preparei resumos no blog e fiz algumas considerações. Quanto à parte interativa tenho de me conformar com um conceito regular: li todas as mensagens, mas mandei apenas uma.

Por sua vez, o colega M2, que não foi propriamente um ‘lurker’, declarou em sua avaliação:

considero a minha participação ruim, se levar em consideração o fato de que eu participei muito pouco das discussões em grupo, de não ter conseguido organizar meu ‘blog’, de não ter participado do Cafezinho nem dos ‘chats’. Apesar disso, aprendi muito ao ler os textos, refletir sobre eles, ler as mensagens dos colegas. Aprendi muito nas entrelinhas (...) Pena eu não ter contribuído para o grupo da mesma forma que o grupo me ajudou, contribuiu para a ampliação do meu conhecimento. Até que tentei mas (...) não houve receptividade do grupo em relação ao que estava abordando.

O curso contou propriamente com três ‘lurkers’, embora não tenha havido qualquer manifestação dos colegas com relação a isso, a não ser por uma breve referência desta pesquisadora, no *chat* entre alunas, o que leva à constatação que tal fato não chegou a atrair a atenção dos participantes:

(...) Ps: vocês viram que somos 23 alunos, mas nem todos participam.

A: tem um ((cita o nome do colega R2)) que nunca pintou, nem no blog (...)

O fato de não ter participado como gostaria da interação coletiva levou a colega R a se manifestar ao final do curso.

acredito que fui um pouco egoísta para com os colegas... Sabendo que tínhamos pouco tempo, eu me dediquei a refletir sobre as mensagens dos colegas, esquecendo que minhas reflexões e considerações também podiam ser importantes para eles.

A expressão ‘fui um pouco egoísta’ reflete uma espécie de *mea culpa*, demonstrando o quanto o ‘outro’ pode perder com o silêncio virtual.

Há ainda a salientar o fato de, no processo interativo, haver alunos que, embora participativos, acabam por se sentir excluídos, conforme constatou M na avaliação:

alunos online se agrupam e são criadas ‘pequenas igrejinhas’ compartilhadas por uma mini-comunidade, por afinidades descobertas e reconhecidas no decorrer do curso. Isso ocorre também no presencial, da mesma forma. Faz parte do relacionamento humano.

O colega G também refletiu a esse propósito, em sua avaliação:

vi que apenas parte do grupo era atuante, quase monopolizadora das discussões. Uns assuntos eram tratados, outros passavam ‘batidos’.

Com relação a essa ‘exclusão’, confessei meu desconforto no decorrer do segundo *chat*, após comentário da colega A, até mesmo para provocar a turma e chamar atenção para um aspecto da interação que não havia sido tratado até aquele momento:

(...) A: dá vontade de responder a todos/porém é quase impossível e isso causa uma certa angústia, pois ter de selecionar alguns dá impressão de desprezar a outros. (...)

Ps: eu queria dizer a A que também sinto por não poder responder a todos. Quando não comentam minhas mensagens me sinto excluída...

Prof .: oK, Vera. Tá vendo como não foi tão tranqüilo assim no princípio? / G com a palavra! (...)

G: Vera acabou de falar em sentir-se excluída / acredito que todos nós tenhamos sentido isso / acho que você, professor, teve a habilidade de nos trazer de volta sempre / agora que somos um grupo, talvez possamos usar deste tipo de colaboratividade também. / exercitar a observação sobre os demais colegas e perceber quando precisam de ajuda... (...)

Ps: eu estava pensando também no caderno de notas, o blog, olho todos os dias, mas ninguém deixou mensagens. Eu já olhei os dos outros, mas também não deixei mensagem. Isso pode passar a impressão de que não estamos nem aí... (...)

Prof .: oK, Vera. Você está trazendo coisas interessantes para conversarmos e talvez não dê para falar tudo aqui... /vamos ver se continuamos na sala 03. / A, diga lá!

A2 : isto da inclusão/exclusão talvez se resolva melhor no Cafezinho e deixando comentários nos blogs de cada um porque comentar as mensagens de cada um é muito difícil e às tantas o que temos é um texto colectivo... (..)

Prof : Vera levantou uma questão importante... / a sensação de exclusão quando não respondem diretamente o que colocamos .../ ela é real essa sensação / mas também é apenas uma sensação / e ela se desfaz quando o grupo amadurece laços afetivos e comunitários (...).

Essa sensação de exclusão também pode ocorrer por motivos alheios como, por exemplo, um ataque de vírus. Isso aconteceu com C2, que desabafou no Cafezinho:

graças a estes vírus malditos<sup>45</sup> não fui ao chat ((do dia 26 de abril)), fiquei totalmente fora do ar, e me senti absolutamente sozinha... Dizem que os cursos online causam esta impressão, mas o fato das trocas de mensagem estarem acontecendo de forma tão intensa causa-me a sensação de pertencimento, de adesão a um grupo... Não poder trocar é altamente desmotivador... Mas vocês estão aí!!! Antes de atualizar meu blog fiz questão de tomar um cafezinho pra tirar a ansiedade do silêncio.

Em sua ‘fala’ percebem-se indicadores (‘me senti absolutamente sozinha’) de que não poder participar quando se está motivado é igualmente angustiante, já que muitas vezes no ensino a distância o sentimento de pertença a um grupo é o que motiva o aprendiz.

Enfim, embora apenas três alunos tenham explicitamente demonstrado em suas representações alguma estranheza por não interagir face a face com os colegas, a questão da interação social revela-se complexa, já que aponta para outras vertentes, como a exclusão voluntária (no caso dos ‘lurkers’), a exclusão causada pela formação de ‘igrejinhas’, além da exclusão por problemas tecnológicos.

### 3.3.3 – A linguagem

A Internet precisa de um pouco de alma de quem escreve.

(aluna T, no Cafezinho)

Num curso *online*, a linguagem escrita permite a comunicação entre os atores, sobretudo via correio eletrônico. Essa retomada da comunicação escrita, graças ao advento da Web, motivou a seguinte reflexão de G:

o e-mail veio resgatar essa coisa de escrever, coisa que a geração de meus filhos pouco pôs em prática. (...) Quem diria que reaprender a fazer sentido através da palavra escrita também fosse parte da nova revolução tecnológica?

No entanto, como bem observou A, essa forma de comunicação eletrônica pode levar a mal-entendidos e equívocos, uma vez que:

no mundo da escrita não se pode contar com o gesto, o olhar, os movimentos corporais, os silêncios significativos, que encurtam um tempo de interação face a face. (...) Uma coisa é falar e as palavras somem no éter. Outra coisa é deixar registrado por escrito os pensamentos, pois aí são mais suscetíveis a críticas. (...) Aqueles alunos inibidos para falar escreveriam? O fato de serem lidos não seria mais inibidor?

Por outro lado, a escrita eletrônica apresenta vantagens, como salientou A2:

bem, o que eu acho é que a Escrita e a Leitura são em geral muito mais reflexivas que a oralidade espontânea... E que um curso online pode ser muito mais profundo do que interações verbais presenciais... pode tirar muito mais partido do facto de as pessoas interagirem entre si através de mensagens escritas...

---

<sup>45</sup> O vírus Klez foi descoberto em 17 de abril de 2002, sendo considerado um dos mais destrutivos do ano.

Por sua vez, embora bastante desinibida e criativa durante o curso, T confessou ter cuidado ao redigir, deixando clara a preocupação com o fato de ser lida e o desejo de sobressair, mostrando-se suscetível ao olhar do ‘outro’:

eu estou estruturando a minha ((mensagem)) desde ontem: deixo ela dormindo na pasta de rascunho e depois pego de novo. Mas, no meu caso, é porque quero ‘fazer bonito’ na classe. Minha autocrítica fica inflamada e eu tenho medo de escrever bobagem, afinal, o que meus colegas iriam pensar de mim? Em outros casos, entretanto, utilizo o e-mail de forma bastante rápida...

O colega P também confessou numa mensagem sua aspiração (‘escrever um texto sem ruídos’) e a preocupação com o fato de cometer erros e ficar exposto diante dos colegas, na qual se percebe um pedido de desculpas implícito:

gostaria de escrever um texto sem ruídos, mas ou escrevo ou fico em ‘silêncio virtual’ para não cometer erros, o que seria pior. Como na apresentação ficou claro que sou da área técnica, não que isso justifique cometer erros, por certo meu texto conterà ruídos.

Já no segundo *chat*, P revelaria satisfação por ver uma de suas mensagens citada:

P: pessoal, gostei muito dos textos de vocês e fiquei muito contente quando vi o meu texto citado pela A que escreve muito bem (...)

Prof.: isso, não P? É como ser acolhido numa casa...

P: muito legal nem me sinto tão fora d’água.

Na ‘fala’ desse aluno, transparece o fato de que ser lembrado por uma colega ‘que escreve muito bem’ valorizou sua produção escrita, dissipando seu desconforto (‘nem me sinto tão fora d’água’). Já a resposta do professor acena para o outro lado da questão da exclusão, tratada no item 3.3.2 (‘A interação social’), ou seja, o quanto é motivador se sentir incluído no debate (‘é como ser acolhido numa casa...’).

Outra vantagem da escrita no *online* é a possibilidade de se recuperar os registros da interação, conforme expressou um entusiasmado P, no último *chat*:

eu voltei a ler, reler até entender o que os colegas queriam dizer e isso foi bom, quero continuar nesse pique, no próximo curso talvez possa escrever mais também!

Durante o curso, os alunos utilizaram não só expressões coloquiais, gírias, regionalismos e anglicismos, como também sinais, símbolos, abreviaturas e alongamentos, que já se tornaram corriqueiros na Internet, conforme exemplos a seguir.

### *1 – Gírias, expressões coloquiais e regionais*

No curso, foram empregadas expressões que, de certa forma, ‘aqueceram’ a comunicação, tais como:

espero não ter ‘viajado’ muito!!! (A1)

enquanto o pessoal não chega, vamos esquentando e ‘jogando conversa fora’ (M1)

quando me matriculei, achei que ia dar conta de tudo ‘com o pé nas costas’. (idem)

está salvo nos meus favoritos, mas no computador que ‘deu pau’... (C2)

acho que ‘o buraco é mais embaixo’. Os professores precisam ser capacitados... (A3)

mas, ‘voltando à vaca fria’, acho que o animador tem muito trabalho por aí... (A)

A presença de dois colegas de Portugal propiciou aos colegas brasileiros conhecer algumas expressões típicas daquele país, às vezes perfeitamente compreensíveis, outras não, conforme o exemplo deste trecho do *chat* entre alunas, em que a colega A4, depois de observar que a conversa tinha ‘derivado’, introduz um dito popular da sua terra:

(...) A4: eh, eh, em Portugal diz-se que ‘as conversas são como as cerejas’.

A: o que significa esse ditado? Aqui não temos cerejeiras.

A4: quer dizer que quando começamos a comer cerejas são sempre umas atrás das outras .../ não paramos; é como as conversas.

A: ah. Interessante esse ditado. As cerejas então parecem ser muito boas! Aqui só se encontram em latas (...).

Por outro lado, nem sempre as gírias brasileiras foram compreendidas pelos colegas portugueses, conforme este exemplo do *Cafezinho*, em que A2 mostrou-se intrigado com uma popular expressão brasileira:

A2: mas A, o que é isso de ‘ter uma mão de obra federal para resolver a situação?’ ð

A: significa ter trabalho, A2. Muito, muito trabalho!! ð

Já a paulista T, não só apresentou um poema de Cornélio Pires, como empregou diversas vezes expressões regionais. Assim, ao dirigir-se ao colega A2, que havia agradecido

e comentado o poema, T lembrou o quanto é importante uma dose de ‘sotaque’ pessoal, para dar colorido e ‘alma’ à Web:

A2, que bom que você gostou do poema! Sabe, eu sinto que às vezes complico um pouco mais a construção dessa linguagem nova cibernética quando me comunico utilizando termos ou expressões regionais. Vê só? Não basta ser um idioma único (o inglês, por exemplo), a Internet precisa de cor local, de um pouco de alma de quem escreve e isto não dá pra ser único. Mas dá para ser explicado e muito bem entendido, como estou vendo agora. Então você achou que caipirinha era só pra deixar a gente com a cabeça turtuviada? E você sabe o que é bicho-de-pé? Já teve algum? Eu já tive e posso dizer que é uma delícia!!! Disblógico é muito bom ((referência ao termo usado por A2, ao definir a dificuldade que sentiu ao criar o próprio blog)) E, creia, você não é caso único! Somos disblógicos vertiginosos! Mas a gente é criança ainda e acaba aprendendo, né?

Nessa ‘fala’, T não só utiliza termos regionais (‘caipi rinha’, ‘turtuvi ada’ e ‘bicho-de-pé’), como refere-se à criatividade de A2 que, em meio à dificuldade de criação do próprio *blog*, cunhou o termo ‘disblógico’ por analogia com ‘dislético’<sup>46</sup>. Ao final, T cunhou a expressão, ‘disblógicos vertiginosos’, que agrega a dificuldade na criação do *blog* à tão falada ‘vertigem’, de que tratou, entre outros temas, o primeiro texto-base.

## 2 - Anglicismos

O advento da WWW potencializou a utilização do idioma inglês que acabou por se tornar o idioma ‘oficial’ da grande rede, uma vez que boa parte dos documentos da Internet encontra-se nesta língua. No dizer de A, ao comentar o texto ‘A Torre de Babel’<sup>47</sup>, em mensagem à Sala de aula:

embora Deus tenha decidido que os povos da Terra falassem ‘uma imensidão de línguas diferentes’, a Internet descobriu um meio de comunicação comum: a língua inglesa...

Durante o curso, a própria A utilizou vários termos neste idioma, inclusive acompanhados de alongamentos, como nestes exemplos:

acabo de ver o teu blog ((referindo-se ao blog de A4)). Está pink, lindo de morrer...

por favor, pedagogos, help meeee!

---

<sup>46</sup> Aquele que tem dificuldade mental e patológica de ler.

<sup>47</sup> No original: ‘(...) Ainda hoje os povos da Terra falam uma imensidão de línguas diferentes. Na Internet entretanto, apesar dos muitos povos que a utilizam, existe um meio de comunicação comum’.



Porém, nem sempre os alunos compreenderam expressões em inglês, como neste trecho do primeiro *chat* com o professor:

(...) A3: o que quer dizer 'select a name for the profile' ?

Prof.: quer dizer que se você quiser ver o perfil de alguém basta clicar no nome da figura.

A3: ah, tá ! Obrigada. (...)

Por sua vez, em mensagem no Cafezinho, G deixou patente suas dúvidas quanto a alguns termos específicos da Internet, concluindo com um perplexo *emoticom*:

o A2 exagerou no elogio, mas para fazer jus vou colocar lá toda a bibliografia [ou será webliografia (Meu Deus, mais uma discussão semântica)] já citada nos e-mails (emails? émeius? é1/2s) ? :=}

Houve, ainda, quem apresentasse dúvidas com relação à grafia do termo *online*, embora a colega A tenha se mostrado solícita em responder aos colegas:

não se preocupem com a grafia de on-line ou online (...) no futuro, pela tendência do idioma de Camões, antevejo que estaremos escrevendo onlaine. Legal, né?

### 3 - Sinais de pontuação

A mídia Internet habitua seus usuários, em meio à rápida comunicação cotidiana, ao emprego de sinais de pontuação, que, juntamente com os *smileys ou emoticons*, auxiliam de forma eloqüente a expressar emoções. Assim, durante o curso, os alunos manifestaram-se enfatizando sentimentos como desabafo, dúvida e incerteza, por meio do uso excessivo de pontos de exclamação, interrogação e reticências:

É bom estar de volta, acabou a solidão!!! (C2)

Por favor, me tirem esta dúvida?????? (J2)

O cafezinho foi ótimo para me sentir integrado...tenho tido receio de não interagir com todos como devia... prestar atenção a todos os colegas... responder a todos... (A2)

### 4 - Abreviaturas

As abreviaturas de palavras não constituem um fato novo, muito menos um fenômeno da Internet, já que, segundo MANGUEL 'Muitas palavras ((no século XV)) eram abreviadas,

às vezes pelo estudante, apressado em tomar notas, mas amiúde por ser a maneira comum de escrever uma palavra – talvez para economizar papel (...)” (1997:96).

Nestes novos tempos, o fato de os internautas terem de se comunicar rapidamente, sobretudo nos *chats*, onde é necessário teclar com agilidade para não perder a vez de falar (‘turn taking’), propicia o uso de abreviaturas, utilizadas nas saudações, no miolo e nos fechos das mensagens:

oi, ((fulana)), q bom q você veio!  
tô mto. curioso  
um bom chat para vcs então...  
tb não é exclusividade da Internet...  
Bj. a todos  
Abs, T  
até +  
[]’s para todos!

### 5 – Emoticons

Bastante populares na Internet, os *emoticons*<sup>48</sup> ou *smileys* são uma espécie de código ou convenção utilizada pelos internautas para suprir a falta de elementos afetivos e emocionais presentes na interação face a face. Trata-se de uma série de ícones ou ‘carinhas’ que expressam nuances de sentimentos, tais como alegria, tristeza, decepção, indiferença, tédio, dúvida, entusiasmo etc.

Durante o curso, quase todos os alunos manifestaram-se utilizando diferentes tipos de *emoticons* que sinalizavam sentimentos, conforme estes exemplos:

Na verdade, as tecnologias trazem aprendizado a todos. E não basta só participar, mas o desejo de aprender. Será que viajeei... beijos a todos : )) (J)

Se precisarem de uma mãozinha para a testagem do Manual, estamos aí : - ))) (A)

(...) Prof. – pois é, gente, chegamos ao fim do curso. Todos receberam o questionário para responder?

A - : - ((( (

---

<sup>48</sup> Neologismo da língua inglesa, nascido da fusão de ‘emotions’ (emoções) com ‘icons’ (ícones).

A maior dificuldade foi o tempo, coordenar três coisas ao mesmo tempo... Deixei o blog de lado : ( (A2)

Vou aproveitar a carona, já sentindo saudades... Até a próxima! :-\* (C2)

### 6 - Alongamentos

Uma outra característica da Internet, o alongamento de sílabas, foi também usado pelos alunos para dar ênfase a determinadas palavras:

Como quero muito aprender, people, contribuammmmm... (no meu bloguinho também) (A)

Vejamos se captei a mensagem. Se não, please, forgive-meeeeeee! (idem)

Acredito que a escrita e até mesmo o papel ainda terá uma vida longuíssssssssima, mesmo com o uso de arquivo de voz e imagens. (C)

Diante do exposto, constatamos que alguns alunos construíram representações sobre o uso da escrita no ambiente virtual que apontavam para alguma dificuldade:

É muito difícil escrever à velocidade síncrona do Chat... (A4)

Pecar por escrito é pior..... (G)

Tive muita dificuldade de escrever pois sou um técnico em computação .... (P)

Vocês não imaginam o tempo que levei para estruturar esta mensagem! (D)

Por outro lado, alunos como T, A2 e o próprio G, entre outros, revelaram em suas ‘falas’ que a escrita em meio eletrônico empresta características da oralidade e tende a preencher a falta de presencialidade com a utilização de múltiplos recursos. Assim, foi possível empregar uma série de inovações que, mescladas à criatividade natural de cada um, resultaram em textos que propiciaram vida e calor humano ao curso.

### 3.3.4 – O conhecimento

(...) e eu me dizia que minha experiência não poderia ter valor para o grupo!

(M1, durante um *chat*)

Durante o curso, o desejo de aprender, de ter mais conhecimento e até mesmo de compartilhá-lo, foi manifestado por alguns alunos em suas apresentações<sup>49</sup>:

Algumas coisas já sei sobre essa área, mas ainda não estou satisfeita e *quero saber mais*. (M)

*Espero aprender bastante* e poder contribuir na mesma medida com todos vocês. (A)

*Espero obter uma base sólida de conhecimentos*. (A3)

*Espero compartilhar conhecimento* e experiências bastante ricas. (M2)

Meu interesse pelo curso, está *no conhecimento deste 'universo'* relativamente novo ... (P)

*Preciso ter um conhecimento mais profundo* sobre a EaD. (R)

*Pretendo usar os conhecimentos adquiridos* aqui no nosso curso neste projeto... (C)

Como vimos no capítulo II, faziam parte do curso alguns alunos de áreas distintas da educação. A 'fala' do aluno M2, a seguir, demonstra nas expressões 'altíssimo o nível da turma' e 'conhecimento do assunto' uma certa admiração e, implicitamente, uma certa intimidação pela 'familiaridade' dos colegas com o tema:

Olá, colegas!

Até agora tenho apenas lido as mensagens e acompanhado as discussões, por sinal muito interessantes. Considero altíssimo o nível da turma, em termos de conhecimento do assunto, familiaridade em relação a essa nova prática educacional que é a educação a distância. (...) Gostaria de dizer a vocês que me enquadro perfeitamente na categoria daqueles falastrões em cursos presenciais, mas calados em salas de aula virtuais.

Observa-se, também, que M2 acena com uma postura 'lurker', que praticamente acabou por adotar, já que não participou dos *chats*, nem do Cafezinho, tendo enviado apenas três mensagens para a Sala de Aula.

Essa 'fala' de M2, entre outras, motivou mensagem do professor à turma:

a outra coisa que eu gostaria de alertar é quanto ao perfil da turma: posso estar enganado, mas acho que estamos ficando com medo de nós mesmos ... ð Explico-me: a turma é muito boa! Alunos de alto nível! Mas TODOS de alto nível! Só que cada um imaginando que não está no mesmo nível dos demais... (...) Fiquei com esta impressão ao ler nas entrelinhas, e algumas vezes explicitamente pedidos de desculpas por expressar opiniões e dúvidas aqui. Gente: estamos todos aqui no mesmo barco! Estamos todos passando pela mesma 'vertigem' juntos! Não se intimidem pelo fato de estarem numa turma tão boa! Estamos todos aqui para aprender juntos!

---

<sup>49</sup> Os grifos dos exemplos são da pesquisadora.

Nela, um *emoticon* sorridente ‘alivia’ a expressão ‘medo de nós mesmos’. A analogia com o ‘barco’ lembra que é possível, a ‘marinheiros de primeira viagem’ ou não, em meio à ‘vertigem’, interagir e ‘aprender juntos’.

A esse propósito, no primeiro *chat*, travou-se o seguinte diálogo:

(...) T: outra coisa que me chamou a atenção foi a análise do professor sobre nossos temores de nos colocar diante de um grupo. Eu olhava e ficava pensando: nooooooooooooo! Como eu posso contribuir? (...)

Prof.: acho que isto acontece com toda comunidade de alto nível, não é?

M1: foi o mesmo que passou comigo, e eu me dizia que minha experiência não poderia ter valor para o grupo! Até comentei com o professor. Dá uma certa paralisia... mas a gente supera! Assim, com intimidade se formando. (...)

Nele, observa-se que T experimentou uma certa passividade ou mesmo perplexidade (‘olhava e ficava pensando’) diante da situação. Para mostrar seu espanto, a aluna enfatiza uma interjeição por meio de alongamento. O professor, por sua vez, acentua o perfil dos participantes. Já M1 se solidariza com a colega (‘foi o mesmo que passou comigo’), confessando ter buscado respaldo junto ao professor (‘até comentei...’). O termo ‘paralisia’ remete à falta de ação de T, mas M1 constata que o problema foi sanado graças à dinâmica interativa.

Nesse sentido, é sintomática também a posição de A3:

quando li os primeiros comentários achei que iria participar só lendo... Eu, uma simples mortal, novata, café com leite em EaD, como dar um pitaco com esse povo falando com tanta profundidade...?

Em sua ‘fala’ percebe-se um certo conformismo, o desejo de ser uma ‘lurker’ (‘achei que iria participar só lendo’). Além disso, o emprego de termos e expressões como ‘simples mortal’, ‘novata’, ‘café com leite’, ‘dar um pitaco’ revelam sua insegurança diante de um grupo, a seu ver, tão especial.

Segundo BERGER e LUCKMANN, “(...) a socialização secundária é a aquisição do conhecimento de funções específicas, funções direta ou indiretamente com raízes na divisão do trabalho”. Por isso, “A socialização secundária exige a aquisição de vocabulários específicos de funções (...)” (p.185).

Daí, alunos da área de exatas terem revelado desconhecimento de termos relativos à EaD:

(...) Prof.: P, você quer falar?

P: me sinto mais à vontade, é claro, mas ainda tenho a sensação de que não vou dar conta, tenho lido tudo que posso, mas agora me sinto apto a ler texto sobre EaD e entendê-los, antes eu não conseguia entender algumas coisas, acho que me faltavam alguns códigos ou termos chaves.

Prof.: ah, sim! Educadores costumam falar em ‘pedagogês’ assim como analistas falam em ‘informatiquês θ’. (...)

Nesse exemplo, P confessa, em meio à insegurança (‘tenho a sensação de que não vou dar conta’), estar se habituando à nomenclatura e compreendendo os textos (‘agora me sinto apto’). Por sua vez, o professor define com neologismos as linguagens específicas de áreas como pedagogia e informática.

Também C, na avaliação, justificou o motivo de não ter sido tão participativo:

já em termos de participação nas discussões acho que não fui tão colaborativo. Isso talvez se explique, em parte, pelo nível de participação dos colegas. Por mais que um técnico de informática como eu tente, dificilmente conseguirá atingir a velocidade de resposta dos professores, pedagogos e educadores que estão participando do curso. Que velocidade nos dedos! E na cabeça também. Quando eu conseguia elaborar, mentalmente, uma resposta para determinado assunto, verificava que já tinham enviado várias respostas.

Em sua ‘fala’, o aluno acentua a condição de técnico em informática e demonstra indicadores da admiração pelos colegas, nas expressões ‘velocidade de resposta’ e ‘que velocidade nos dedos! E na cabeça também’.

Nessa mesma linha, C2 declarou em sua avaliação:

como iniciante adorei contar com muito ‘cobra’ da área, espero ter podido contribuir com a discussão.

Após o estranhamento inicial, os alunos foram ficando mais à vontade, conforme demonstra a despedida de P, que agradeceu no Cafezinho

a acolhida que tive nesta turma e os comentários que sempre escreveram sobre os poucos textos que consegui desenvolver (me senti grandão!!). Mesmo sendo um técnico, assim como outros da sala 03 me senti perfeitamente no meio e aproveitei ao máximo. Abraços saudosos!!

Nessa ‘fala’ P enfatiza sua condição profissional (‘técnico’), mostrando a importância de o aluno se sentir aceito pelo grupo (‘a acolhida que tive’) e valorizado pelos colegas (‘os comentários que sempre escreveram’), o que contribui para elevar a auto-estima (‘me senti grandão!’).

Por sua vez, D observou no último *chat* da turma que:

um ponto que começou negativo e evoluiu para positivo foi a diferença de background entre as pessoas da turma. .. No começo o ambiente foi polarizado em torno de pessoas com mais experiência, o que é natural. Com o passar dos dias, percebi (emos) que esta era uma das grandes vantagens deste enfoque...

A percepção de diferentes níveis de conhecimento entre os aprendizes pode ter contribuído para o grande número de mensagens consensuais. Assim, durante o último *chat*, A2 explicitou uma espécie de decepção com relação à concordância de idéias:

(...) A2: não sei se é a altura adequada... / mas deixo a questão no ar... / tive a 'sensação' de que toda a gente estava sempre mais ou menos / de acordo com tudo.../ não se viu muito conflito de idéias q tb é importante.../ será de o curso ter sido curto? / ou o modo como discutimos apela a um certo conformismo? / ou isto foi só sensação minha?

Prof.: você tem toda razão, A2, e acho que devemos colocar isto na conta dos pontos negativos da interação em nossa turma: quase ausência de dinâmica conflitiva! / Mas tem razão também quanto ao tempo curto. Não deu tempo de esquentar uma boa 'briga'... ð (...)

Na 'fala' de A2, percebe-se certa hesitação, e talvez constrangimento, em expressões como 'não sei se...', 'deixo a questão no ar', 'tive a sensação', bem como no emprego de reticências e na série de interrogações. Por sua vez, o professor concorda duplamente e tenta explicar o fato ('Não deu tempo para esquentar uma 'boa briga'), concluindo com um *emoticon* bem humorado.

Com efeito, durante o curso, foram registradas explicitamente 35 mensagens consensuais, entre as quais selecionamos os exemplos:

G escreveu e eu achei muito bem colocado: 'Quanto ao impacto das novas tecnologias (...). (C)

Concordo com o comentário de que a comunicação por e-mail não necessariamente representa uma aceleração (...) (D)

Adorei essa colocação. Concordo plenamente contigo. Não há como enrolar no online! (...) (A)

Penso que vc tem razão, M, não foi a Internet que 'descobriu' essas coisas todas (...) (T)

Concordo com o A2. Afinal de contas, se eu quiser eu posso ler as mensagens tentando fazer outra coisa (...) (M)

Sobre o papel do professor, de animador, concordo com a tirada da M. (G)

Concordo com a T e eu acho mais, todo professor precisa ser um comunicador (...) (A1)

Enfim, alguns alunos demonstraram em suas representações que a falta de conhecimento sobre determinado assunto pode levar à inibição. Por outro lado, razões como *a curta duração do curso*, *a falta de fundamentação teórica de alguns* e *o fato de os aprendizes terem percebido que a experiência do curso estava dando certo*<sup>50</sup> podem ter levado a que um certo conformismo se estabelecesse.

#### 4 – As representações visuais

Como esta pesquisa teve um viés etnográfico, solicitei aos alunos do curso que me enviassem representações visuais -- gráficas, pictóricas etc. -- sobre Educação *Online*, uma vez que desenhos, pinturas, gravuras e outras linguagens artísticas constituem representações do real<sup>51</sup>. Segue-se breve interpretação de cada uma delas.

##### Representação nº 1



A ilustração em cores, provavelmente capturada na Internet ou escaneada de alguma publicação, foi enviada pela aluna A, em 21 de novembro de 2002. Nela encontra-se um grupo de pessoas adultas – três homens e três mulheres – de diferentes etnias, de mãos dadas,

<sup>50</sup> Cf. a esse respeito, entrevista com a aluna C2, nos Anexos desta dissertação.

<sup>51</sup> Ver Peter Burke, *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994, p. 20-21.



como numa ciranda cibernética, em trajes sociais, posicionadas sobre o globo terrestre, no qual percebe-se a silhueta dos continentes.

A simbologia desta representação aponta para um tema caro a quantos defendem a educação *online*, ou seja, o fato de essa modalidade de ensino a distância propiciar o encontro de pessoas de diversos pontos do planeta na busca de um objetivo comum configurado na busca do conhecimento, no aprender. Tal representação está vinculada, portanto, às categorias ‘um novo espaço/tempo’, ‘interação social’ e ‘conhecimento’ (construído de forma coletiva), presentes neste estudo.

A aluna A enviou este desenho acompanhado da seguinte mensagem, transcrita na íntegra, na qual se observa o tema recorrente da falta de tempo, que permeou todo o curso, presente em expressões como ‘correria do cotidiano’ e ‘faz com que o tempo voe’. A aluna A também se desculpou por sua falta de habilidade artística e aludiu à sua representação do que seja a educação *online*: a construção do conhecimento.

Prezada Vera,

Desculpa-me responder-te somente agora, mas a correria do cotidiano faz com que o tempo voe e, quando nos damos conta, já se passaram vários dias. Bem, vamos ao que interessa: eu não sou lá essas coisas como produtora de arte. Então escolhi uma figura que expressa metaforicamente o que penso seja a educação online: a construção do conhecimento para que se possa construir um mundo melhor, sem fronteiras, sem barreiras de qualquer tipo, voltado ao bem comum e ao solidarismo. Estou enviando no anexo deste. Espero que sirva para a finalidade que queres. Caso não seja válido, por favor me diga. Um abraço.

A representação de A está em perfeita sintonia com o seu pensamento, conforme comprovam mensagens enviadas por ela à Sala de aula, tais como:

Um curso como o que estamos fazendo tem uma grande lição que serve para as condições hoje exigidas no mercado de trabalho: a capacidade de trabalhar em grupo, de forma colaborativa e participativa. Temos colegas de além-mar que estão interagindo conosco e pertencem a um contexto cultural diferente do nosso. Entre nós também existem diferentes culturas, em decorrência das regiões em que habitamos e outras, em decorrência do meio em que trabalhamos: há professores, secretária, funcionários de estatais, de empresas privadas etc. e da história de vida de cada um. Todos, porém, com um objetivo comum: aprender como se faz EaD....

Acredito que um ambiente virtual de aprendizagem deva ser aquele que permita a construção de comunidades virtuais, que possibilite uma fácil interação (tecnológica) entre os participantes dos cursos e que proporcionem diálogo entre essas comunidades, se esse se fizer necessário.

Ainda a esse respeito, A declarou no 2º chat:

Sempre achei que trabalhar em grupo e trocar idéias é muito mais produtivo, mesmo no presencial, imagine a distância.<sup>52</sup>

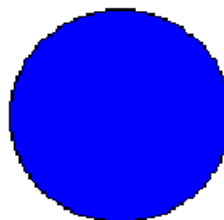
A aluna A é professora aposentada do ensino fundamental e professora universitária. Foi a primeira a enviar mensagem para a Sala de aula, onde participou de forma intensa, respondendo a dúvidas, dando informações, sendo solidária com as dificuldades dos colegas. Além disso, produziu um *weblog*, participou intensamente do Cafezinho -- onde postou 16 mensagens -- dos dois *chats* com o professor e do *chat* entre alunas, tendo sido, inclusive, quem tomou a iniciativa de fazer o convite para esse encontro. Seus textos, bem elaborados e reflexivos, ensejaram pronta resposta dos colegas.

## Representação n° 2

Mundo sem EAD



Mundo com EAD



O desenho elaborado pela aluna M, e enviado em 10 de novembro de 2002, apresenta duas imagens: a da esquerda, intitulada ‘Mundo sem EaD’, mostra o globo terrestre, em tom azul, com as silhuetas esboçadas de alguns continentes. Já a imagem à direita, denominada ‘Mundo com EaD’, mostra apenas o globo terrestre, sem os continentes.

---

<sup>52</sup> Ver a esse respeito, entrevista de Michel Authier a Ana Weiss, em 27/2/2003, sob o título ‘A construção coletiva dos conhecimentos’. Disponível em: < [www.icoletiva.com.br](http://www.icoletiva.com.br) >. Acesso em: 28 fev. 2003.

Essa imagem expressa, a nosso ver, o que a EaD representa para a aluna: a anulação de fronteiras geopolíticas, reportando-se à categoria de ‘um novo espaço’, o virtual, que inclui a nova temporalidade. O desenho foi acompanhado da seguinte mensagem, aqui transcrita na íntegra, na qual M se desculpa, reportando-se a seu mau desempenho escolar, acompanhado de um *emoticon* sorridente:

Oi, Vera

Segue em anexo o desenho que vc solicitou. Não sei se fui muito feliz. Como sempre fui mal em Educação Artística na escola, ainda carrego alguns traumas. ☹ Espero que tenha te ajudado. Se precisar de algo mais, é só mandar um e-mail. Boa sorte.

A representação de M está em perfeita sintonia com sua práxis pedagógica, conforme atesta sua primeira mensagem à Lista, quando informou entusiasmada:

Estou fazendo um trabalho com meus alunos de ensino médio: eles enviam e-mails em inglês para um grupo de alunos da mesma idade numa escola do norte da Itália.

A propósito desta representação de M, selecionamos duas mensagens de colegas em acordo com essa questão. Assim, C1 observou:

O abandono da localização geográfica e a criação de um espaço puramente relacional trazem um desafio para superação de nosso paradigma convencional, o qual estrutura os eventos a partir do aqui e agora.

Por sua vez, C2 refletiu:

Outra questão que me desperta o interesse é o fato que, num determinado momento, a escola virtual, o escritório virtual, o comércio virtual vai quebrar a idéia globalizante dos grandes centros urbanos. Independe o fato de estar em Quixeramobim ou na Av. Paulista, estou tendo acesso aos mesmos recursos, ao mesmo tutor, me relacionando com pessoas de visões cosmopolitas...<sup>53</sup>

A aluna M é professora de língua estrangeira da rede pública de São Paulo e de uma Faculdade, além de ser mestranda em Letras com pesquisa sobre o uso do *e-mail* no ensino de línguas. M não postou mensagens no Cafezinho e esteve presente apenas no primeiro *chat*. Na Sala de aula, participou com poucas mensagens, embora tenha feito interessantes observações.

---

<sup>53</sup> Ver a esse respeito Eduardo Chaves, *A virtualização da realidade*. Disponível em <<http://edutec.net/Textos/Self/COMPUT/virtual.htm>> . Acesso em: 20 jul.2002.

### Representação nº 3



O aluno G enviou essa imagem em 11 de novembro de 2002. Trata-se de imagem publicada na revista Superinteressante<sup>54</sup>, acompanhada da seguinte legenda: *‘Teto do Céu. Ao pintar forros de igreja como esse, em Mariana<sup>55</sup>, Mestre Ataíde muitas vezes desenhava colunas, paredes, púlpitos e outros elementos arquitetônicos em perspectiva. A técnica criava a ilusão de profundidade e dava aos fiéis a impressão de que havia um outro mundo acima deles’.*

<sup>54</sup> Rafael Kenski, Ouro de Minas, Superinteressante, São Paulo, n. 182, p. 80, nov. 2002.

<sup>55</sup> Na verdade, trata-se da Igreja Matriz de Santo Antônio, de Ouro Branco, MG. O erro foi corrigido no número 183 da revista.

Essa modalidade de ‘pintura decorativa’ diz respeito à pintura de um forro de uma igreja de Minas Gerais, realizada em 1810 por Manuel da Costa Ataíde, expoente da pintura colonial no Brasil. O estilo de ‘Mestre Athayde’ é característico do terceiro ciclo do barroco, o chamado rococó, que se mostra presente neste trabalho, no qual se observam algumas características da pintura deste artista, como o uso do vermelho, além da exuberância de ornatos - o chamado *horror vacui*, que impressionava o fiel por meio de forte apelo visual, com efeitos de *trompe-l’oeil*.

A pintura em perspectiva baseia-se em trama arquitetônica que tem por objetivo ampliar e elevar o forro da igreja, ou seja, construir dentro da igreja real, uma igreja imaginária, que representa o céu. Para sustentá-lo, pintam-se colunas que constituem uma espécie de contínuo às já existentes<sup>56</sup>.

A imagem mostra ao centro um medalhão com um ostensório, ou seja, uma custódia circundada de raios, que é utilizada na missa para expor a santa hóstia. Ricamente emoldurado por quatro grandes rocalhas, o medalhão forma no centro da abóbada uma espécie de baldaquino sustentado por quatro possantes pilares<sup>57</sup> em cada um dos ângulos. Nestes, vê-se as figuras dos evangelistas, cada qual com seu respectivo atributo, a saber: Lucas (acompanhado de um touro, porque começa o Evangelho falando do templo onde eram imolados os bois); Mateus (tendo nas mãos um livro ou pergaminho); Marcos (com um leão, que significa a persistência e força de vontade na busca da espiritualização); João (com uma águia, que simboliza a elevação espiritual).

A representação foi acompanhada de longa mensagem, aqui transcrita na íntegra, na qual G narra, em meio a diversas digressões, a intensa busca por uma imagem que configurasse a idéia que tinha, não propriamente sobre educação *online*, mas sobre o conhecimento *online*, acabando por encontrar a imagem que o satisfez:

Oi, Vera

Pode, nesta questão de assincronia online, um dia virar duas semanas?

É melhor deixar pra lá essas desculpas esfarrapadas e ir direto ao assunto: esse ‘por ora’ que você colocou em sua mensagem, era a parte mais difícil do trabalho. Principalmente depois do seu elogio à minha criatividade. Você é bem esperta.

---

<sup>56</sup> Gêneros na pintura. [Editor] Instituto Cultural Itaú, São Paulo: ICI, 1995, p. 28.

<sup>57</sup> Cf. Os quatro pilares da educação, propostos pela Unesco: *aprender a conhecer* (implica o prazer de descobrir e o aprender por toda a vida); *o aprender a fazer* (refere-se à formação profissional, a tornar as pessoas aptas para trabalhar em equipe); *aprender a viver juntos* (relativo às interações cooperativas e colaborativas e à tolerância); e *o aprender a ser* (inclui valores, atitudes e implica desenvolver o físico, a mente, enfim, a personalidade).

O fato é que eu comecei a pensar sobre educação online, conhecimento, gestão, busca, ânsia, entrega, doação, compartilhamento, gente, virtual, etéreo, vida, assincronia, amizade, divindade.... e logo vi que não arriscaria uma autoria minha (pode ser que ainda arrisque), as palavras estavam começando a exigir muita responsabilidade. Pensei, então, em lhe enviar alguma coisa de Dalí, como o ‘Caminho dos Enigmas’ ([http://dali.karelia.ru/images/works/1981\\_02.jpg](http://dali.karelia.ru/images/works/1981_02.jpg)), mas ele sempre sugere uma certa solidão e não é nada divino.

Lembrei, então, da ‘Criação de Adão’, de Michelangelo, porque tem alguma coisa de passagem do saber, só que também muito solitário.

Aí eu assisti a um seriado desses de tv, chamado ‘Slider’, que conta a história de um jovem físico que inventa um portal para outras dimensões, mas que não sabe controlá-la (antigamente havia o ‘Túnel do Tempo’, no qual eu me amarrava), e achei que seria alguma coisa nesse caminho.

Qual não foi minha surpresa, quando na revista ‘Superinteressante’ deste mês veio uma matéria sobre o barroco mineiro de Mestre Ataíde e tava lá a idéia que eu tenho sobre não especificamente a educação online, mas o conhecimento online. É essa imagem que eu mando anexa.

Ela lembra um portal para uma outra dimensão – divina – sustentado por pilares de conhecimento e gerido por tutores, que podem ser sábios, músicos, escribas ou até uma pessoa comum, como nós mesmos.

Há uma outra figura famosa de Mestre Ataíde, quase no mesmo sentimento, em <http://www.ars.com.br/projetos/ibrasil/1998/imagens/BAND298.jpg>

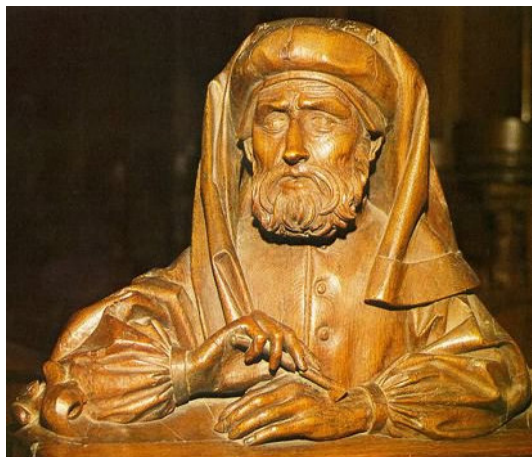
Bom, então esse tempão todo resultou nisso e espero que seja do seu agrado, assim como útil, a imagem que escolhi, porque relendo esse e-mail acredito que possa estar enlouquecendo. Um abraço enorme.

A preocupação de G com o conhecimento, refletida em uma de suas ‘falas’ na Sala de aula, remete a uma de nossas categorias de pesquisa:

Vou me arriscar agora na seara pedagógica onde meu conhecimento não é profundo e nem extenso. É uma aventura quase irresponsável. Por favor, me perdoem qualquer gafe.

O aluno G possui formação na área de exatas e embora tenha participado de apenas um *chat*, foi extremamente ativo na Sala de aula, postou 14 mensagens no Cafezinho, além de ter produzido um criativo *weblog*. É interessante notar que esse aluno proveniente da área de exatas foi o que enviou a imagem mais espiritualizada, o que pode sinalizar uma certa insatisfação com o modelo convencional de educação.

## Representação n° 4



Enviada pela aluna R, em 20 de novembro de 2002, trata-se de uma escultura, de autor não identificado, que retrata o busto do escritor, filósofo e estadista Lucius Annaeus Sêneca, apoiado sobre uma cátedra ou púlpito, vestindo túnica, tendo na cabeça um turbante com véu e, na mão direita, o que parece ser um pergaminho.

Sêneca, o Jovem, nasceu cerca de 4 a. C, em Córdoba, Espanha, e morreu em Roma, no ano de 65. Consta que foi tutor de Nero, alcançando poder político com a ascensão do imperador. É um dos principais representantes da doutrina filosófica do estoicismo<sup>58</sup>.

Sua obra mais importante intitula-se *Epistulae Lucillium* e foi escrita entre 63 e 65, portanto na fase madura de sua vida. Trata-se de 124 cartas morais, em dez livros, que falam de diversos assuntos, cabendo aqui destacar a posição de SÊNECA com relação ao tempo, uma das categorias deste nosso estudo, conforme este trecho no qual o autor se dirige a Lucílio:

Se prestares bastante atenção, verás que passamos a maior parte da vida fazendo as coisas mal, uma boa parte sem fazer nada, e toda a nossa vida fazendo algo distinto do necessário. (...) Nada, Lucílio, nos pertence; só o tempo é nosso. É o único bem, fugitivo e submetido ao acaso, que a natureza nos deu: no entanto, qualquer pessoa pode privar-nos dele (2002:153-154).

---

<sup>58</sup> Nova Enciclopédia Ilustrada Folha: a enciclopédia das enciclopédias. *Folha de S. Paulo*, mar. a dez. 1996, vol. 2 p. 877.

A imagem de Sêneca foi acompanhada da seguinte mensagem, transcrita na íntegra, na qual R explicita o porquê da escolha desse filósofo para representar, segundo ela, não especificamente a educação *online*, mas a educação a distância. Na mensagem, R faz menção também a Paulo de Tarso e conclui com uma observação, acompanhada de um *emoticon* jocoso.

Prezada Vera

estou enviando agora o que me pediu, uma ilustração, desenho ou imagem do que a educação on-line representa para mim.

Na verdade, essa imagem é o que a Educação a Distância representa, não a Online. Explico: no meu entender, o ensino online é apenas uma ferramenta da Educação a distância que utiliza a tecnologia como meio para propagação e aquisição do conhecimento. Escolhi Sêneca por acreditar (através da leitura de boa parte do seu trabalho), que ele já praticava a EaD em seu tempo, (pode ser que eu esteja enganada). Procurei muito uma imagem de Paulo de Tarso, que no meu entender foi um dos primeiros a praticar EaD, mas não encontrei.

Espero ter entendido sua solicitação, e atendido suas expectativas.

Se não for isso, me avise que eu refaço a tarefa, ;-)

Abraços,

R participou de um *chat* e postou apenas uma mensagem no Cafezinho. Na Sala de aula, talvez pelo fato de ter se iniciado recentemente em EaD, foi pouco participante, embora tenha colocado algumas dúvidas que ensejaram pronta resposta dos colegas.

## Representação nº 5





O desenho infantil foi enviado pelo aluno A2, em 1º de dezembro de 2002, acompanhado da mensagem, igualmente transcrita na íntegra. Observa-se que A2 aproveita um desenho feito pela filha para mostrar sua representação de Educação *Online*, num de seus aspectos mais recorrentes: a flexibilidade.

Cara Vera,

Não sei se serve a imagem que lhe mando... Na realidade não é feita por mim mas pela minha filhota de 6 anos. Como grande parte dos cursos que faço, quer como formando quer como formador, são feitos a partir de minha casa... ela representou o online no contexto familiar (a grande mancha vermelha ao centro representa a minha cadeira de escritório). Pessoalmente considero esta um excelente representação da Educação Online precisamente por deslocar os agentes da educação do espaço escolar para um outro espaço – neste caso o espaço familiar ... com todas as suas conseqüências... Espero que o seu trabalho corra por melhor!

Saudades.

P. S. O questionário é que ainda não houve tempo...

O desenho em questão é característico dessa faixa etária -- seis anos -- no que tange ao uso das cores vivas e às proporções dos personagens, ou seja, a criança se retrata quase à altura dos pais. Na estrutura familiar, vê-se a filha, o pai e a mãe em meio a um *home office*, isto é, um escritório montado em casa. Em primeiro plano, estão a menina e a cadeira vermelha com rodízios; em segundo plano, vê-se o pai, a mesa com o computador -- na tela do qual está escrito 'online' -- alguns periféricos (teclado, mouse) e a mãe; já em terceiro plano, encontra-se o que parece ser uma estante, onde está escrito 'folhas'. Observa-se, ainda, que a criança está em processo de alfabetização, daí o desejo de mostrar que já sabe escrever 'filha', 'pai' e 'mãe' com letras maiúsculas e minúsculas.

A criança é auto-representada em traje bem composto, enquanto a mãe parece um tanto coquete, de vestido decotado, sapato de salto alto, colar, bolsa, leque e pintura, como se estivesse pronta para sair, talvez para o trabalho fora do lar. Já a figura paterna é representada de toga e cartola negras, uma referência ao fato de A2 ser doutor em uma universidade. Enfim, o contexto aponta para uma família de classe média européia.

O que se depreende dessa representação é que, com as facilidades de comunicação, torna-se cada vez mais forte a tendência a se estudar e se trabalhar no próprio lar. Isso tem a ver com uma das nossas categorias de pesquisa, o 'novo espaço' remetendo a tão falada flexibilidade em EaD, como bem lembrou o próprio A2 em mensagem à Sala de aula:

Um dos termos que se ouve muitas vezes a propósito de Educação a Distância e da Educação/Formação/Ensino Online é o da 'Flexibilidade'. Curiosamente ainda não apareceu

neste curso... (...) A Flexibilidade Espacial permite que, ao contrário de uma aula presencial, não seja necessário que todas as pessoas estejam presentes em simultaneidade temporal num dado espaço físico.

Ainda com relação à flexibilidade, selecionamos um exemplo relativo ao próprio A2, durante o primeiro *chat* do curso:

(...) Prof.: A2, já deve ser muito tarde aí em Lisboa, não é? Você costuma avançar pelas madrugadas ou foi só hoje?  
A2: sim... mas agora que minha filha está deitada aproveito para trabalhar um pouco...  
Prof.: entendo, A2 (...)

O termo ‘conseqüências’, utilizado por A2 na mensagem que acompanhou o desenho, ficou bem explícito nos *chats*, nos quais por vezes aconteceu de alguns aprendizes terem de interromper o bate-papo, devido aos apelos domésticos, conforme os dois exemplos a seguir do *chat* entre alunas, realizado em 1º de maio:

(...) A4: bom, estava a gostar disso, mas tenho que ir preparar o jantar.../ aqui são quase 8 e 25 da noite.  
A: que pena! A gente se vê. Aqui são 16h27. Tchou, A4.  
A4: tchau  
(...)  
C2: tão me chamando pra cozinha! Como hoje teve até café na cama pra mamãe, vou ter que mostrar serviço. / encontro vocês na sexta?<sup>59</sup>  
A: que pena C2, mas família merece. Sexta estarei aí! (...)

Em mensagem no Cafezinho, a aluna A chamou a atenção da turma para a flexibilidade espacial propiciada pelo avanço tecnológico – o chamado *mobile learning*, ou seja, a Internet móvel, hoje objeto de estudos<sup>60</sup> – que enseja a possibilidade de alunos e professor utilizarem *palmtops* e celulares na educação *online*. Ao final, A estabeleceu de forma jocosa uma ‘ponte’ com o ensino presencial:

Gente! Vocês perceberam que o professor está viajando e continua interagindo conosco? Esse lance virtual é bem interessante, o professor dá aula de onde estiver, desde que esteja plugado. Não dá mais nem para conversar quando ele não está presente. Jogar papelzinho, então, nem falar.

Essa ‘fala’ de A encontrou respaldo na colega M, que respondeu entusiasmada:

Pois é, estas possibilidades me fascinam. É romper com o muro da escola, não? E quando nosso mestre vai a um Congresso (eu vi) e fica sentadinho ouvindo e anotando no palm top, depois conecta no celular e passa mensagem à Lista! Não dá mais para viver sem a tecnologia,

<sup>59</sup> Referência ao último *chat*, que seria realizado em 3 de maio.

<sup>60</sup> A esse respeito, Howard Heingold concedeu entrevista ao jornalista J. D. Lasica, do *blog* do evento *Pop Tech*, ocorrido de 17 a 20 de outubro 2002, no Camden, Maine, sobre seu mais recente livro, *Smart Mobs*.

não é? Tomara que a gente saiba fazer bom uso dela. Quero dizer, a gente todos nós humanos deste planeta!

Talvez pelo fato de ser professor doutor em uma universidade de Lisboa, trabalhar com EaD e estar em fase de pós-doutorado, A2 foi muito participativo tanto na Sala de aula, como nos dois *chats* oficiais do curso e no Cafezinho, onde postou 14 mensagens, além de ter iniciado seu *weblog*. Contribuiu, enfim, de forma substantiva ao levantar novas questões, fazer alguma provocação e estimular colegas, mostrando que sabe trabalhar de forma cooperativa e colaborativa.

### Representação n° 6



Esse conjunto de representações, enviado pela aluna A1, em 15 de dezembro de 2002, é constituído de ilustrações provavelmente capturadas na Internet. Na primeira, vê-se uma figura humana penetrando literalmente num microcomputador (ou sendo por ele sugado, devorado). Na segunda, ao centro da composição, um maestro rege de costas, com a batuta na mão direita, uma orquestra de 10 computadores. Na terceira, vê-se um pintor, à la Dalí, com bigode, cavanhaque, boina, paleta e pincel, diante da tela de um micro. As três ilustrações podem reportar-se a elaborações sobre a imagem do professor *online* e estão explicitamente vinculadas às categorias de pesquisa deste estudo: ‘novo tempo/espço’, ‘interação social’ e ‘conhecimento’.

Na primeira ilustração, coloca-se a questão da aquisição de habilidades técnicas, ou seja, da alfabetização tecnológica do professor<sup>61</sup>. Com o advento das novas tecnologias, embora não se exija do professor que seja um tecnólogo, no sentido de conhecer a fundo os princípios de funcionamento da máquina, é importante que ele conheça as potencialidades da informática e saiba explorar os programas, para orientar os aprendizes. Nesse sentido, Kellner (2001:11) lembra a importância de se expandir o conceito de alfabetização informática, incluindo também o alfabetizar para a informação e a multimídia:

Sugiro expandirmos o conceito de alfabetização informática, do uso de computadores e de hardware para um conceito de alfabetizar para a informação e para multimídia. (...) Nesse meu conceito expandido, a alfabetização em informática envolve, portanto, aprender como usar computadores, acessar informações e material educativo, usar correio eletrônico e serviços de listas, bem como construir websites.

Com relação a esse tema, a aluna A1 observou, em uma de suas mensagens à Sala de aula, que

As pessoas (pelo menos a maioria que conheço) ainda não possuem a cultura 'online', um exemplo disso é que não têm o hábito de abrir e responder seus e-mails diariamente. (...) Algumas sequer utilizam qualquer recurso das NTIC<sup>62</sup> para se beneficiarem no dia a dia.

Exemplificando, A1 narrou uma experiência pessoal que mostra o receio que o professor tem por não dominar *hard e softwares*, quando poderia tirar partido disso e aprender coletivamente com os alunos.

No último curso que ministramos para formação do uso pedagógico do computador (...) sabe o que os professores diziam? 'A gente não está aprendendo a usar os programas, queremos aulas de software, como vamos usar informática na educação se a gente não 'domina' o computador?' (...) Se para eles a informática é o fim em si mesmo da aprendizagem, nem passam perto do laboratório com seus alunos, pois temem não saber 'ensinar' o uso dos softwares.

Em consonância com A1, sua colega J relatou uma experiência docente:

Ontem fui trabalhar na capacitação de tutores. Também caí 'numa dura realidade' (...) Então, fomos ao laboratório com os tutores conversar sobre o AVA<sup>63</sup>. Surpresa! De 14, três sabiam manejar o computador. Em seus depoimentos: 'dos alunos da minha turma, um ou dois utilizam o computador'. Daí confirmei o que já sabia. Das três mídias indicadas para o curso

---

<sup>61</sup> Ver a esse respeito entrevista de Marcelo Buzato a Olívia Joffily, em 11 de março 2003, sob o título 'Letramento digital abre portas para o conhecimento'. Disponível em: <[www.icoletiva.com.br/](http://www.icoletiva.com.br/)>. Acesso em 15 mar. 2003.

<sup>62</sup> Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação.

<sup>63</sup> Ambiente Virtual de Aprendizagem.

(material impresso, vídeo e AVA), o computador é menos utilizado (diria não utilizado) e as pessoas quase não demonstram interesse.

Nesse sentido, A deu igualmente um depoimento esclarecedor:

Já no ano de 1997, quando eu lecionava na 8ª série tinha alunos que já dominavam o microcomputador, enquanto colegas meus jamais tinham chegado próximos a um!

Por sua vez, A3 confessou:

Há quanto tempo sou formada? 18 anos. Quando comecei a ‘fuçar’ em PCs? 5 anos.... Se tivesse micros ou outras tecnologias nas minhas salas teria feito diferente (outras coisas eu manteria).

Desses relatos, depreende-se que o fato de o professor não dominar a tecnologia e de a garotada ‘dar um banho’ no assunto, pode levar a uma outra interpretação da imagem que estamos analisando: a do professor despreparado diante da máquina-esfinge, que lhe coloca o inevitável dilema ‘decifra-me ou devoro-te’<sup>64</sup>

A segunda ilustração sugere uma analogia entre o papel do professor *online* e o de um maestro. Assim, na sala de aula virtual o professor/regente, sensível aos perfis diferenciados de seus alunos, conhece bem a execução da partitura e sabe que, para que a música seja bem executada, todos devem contribuir seguindo as suas orientações.

Em uma comunidade de aprendizagem colaborativa *online*, se o professor/maestro cria e mantém um clima harmonioso, orquestrando os diferentes sons, os alunos/músicos certamente responderão à altura. Ele é o líder, responsável pelo ritmo e pela harmonia do conjunto.

Entre as observações feitas por A1, consta uma que aqui destacamos por nela ver coerência com esta representação:

Em um curso que exija a construção coletiva, de certa forma há a necessidade de um acerto ‘temporal’ de ritmos com os colegas, mas este acerto não significa que todos estarão aprendendo a mesma coisa, ao mesmo tempo, já que o processo de desenvolvimento cognitivo permanece no ritmo individual.

A esse propósito, a colega M1 lembrou que:

---

<sup>64</sup> Cf. o mito de Édipo. Segundo a lenda, a esfinge propôs a Édipo um enigma sobre o animal que precisa de 4, 2 e 3 patas para caminhar. Édipo, que na ocasião se apoiava num cajado, acertou ao responder que era o Homem.

Tem o ritmo individual e o ritmo do curso e até o da turma. Conciliar este ritmo é o desafio. Mais uma vez nada diferente do que uma sala convencional, só que extrapolado pela virtualidade, fica mais evidente.

Já a terceira ilustração reporta-se, a meu ver, à imagem do professor *online* como um ser criativo, com habilidades artísticas -- um artista das relações humanas, aquele que inova em suas práticas cotidianas e não tem receio de se expor ou ter seu conhecimento posto em xeque pelos alunos, enfim, o que tem a capacidade de desenvolver o lado criativo dos aprendizes.

Nesse sentido, a colega C2 lembrou, em mensagem à Sala de aula, um artigo de Jurema I. F. Sampaio, no qual a autora vê

o artista como a figura exemplar para este novo professor, capaz de transitar por diversos conhecimentos (...)

As ilustrações de A1 foram enviadas com uma lacônica mensagem, transcrita na íntegra:

Vera,  
gosto muito destas três imagens para representar aonde podemos chegar com a EOL...

A1 é graduada e especialista em informática, mestre em educação, assessora de projetos de EaD em uma importante universidade do Sul do país, inclusive coordenando projetos de inclusão digital. Durante o curso, não esteve presente no Cafezinho nem nos *chats*, mas foi muito participativa na Sala de aula.

Concluindo a interpretação dessas representações visuais, o fato de apenas seis alunos terem enviado sua colaboração pode ser creditado à falta de tempo e, provavelmente, à falta de familiaridade com as linguagens artísticas. Mesmo assim, estatisticamente é um percentual relevante, ficando evidente que esses alunos tiveram saídas criativas, ao buscar em diferentes mídias os elementos dos quais necessitavam para expressar o que pensam sobre o tema.

Assim, ao observar essas representações é possível constatar que resultam de idéias que vêm se formando nas mentes dos participantes, graças à vivência pessoal de cada um, como professores e alunos de cursos *online*, e à interação com textos de diferentes autores. Por outro lado, podem constituir também uma espécie de aspiração do que seria desejado.

---

A esfinge, humilhada, se matou. É interessante observar que o termo 'enigma' em grego antigo (*graphoi*)

Enfim, longe de se mostrarem conflitivas, essas representações são coerentes e ratificam as ‘falas’ expressas durante o curso sobre os temas em debate. Embora estas tenham sido extremamente expressivas, as representações visuais revelaram-se um complemento fundamental para a percepção desses diferentes olhares sobre a Educação *Online*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### Dialogismo e intertextualidade

O fato de o curso ter se desenvolvido mediante intensa interação, permitiu que as muitas ‘falas’ e ‘vozes’ construíssem um tecido de significados. Para BAKHTIN, “As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (2002:41).

Com efeito, a metáfora do ‘tecer’ foi empregada algumas vezes pelo professor.

Há algumas agulhas e muitas linhas passando de mão em mão e estamos tecendo em conjunto um hipertexto, uma obra coletiva, de muitas mãos. (...)

No início o que vemos são vários fios e muitas agulhas, mas nada de tecido.../ Com o tempo as linhas se combinam melhor e o tecido se mostra.../ Aliás, ‘texto’ tem esta etimologia, vem de ‘tecer’, é como um tecido que se faz com palavras. (...)<sup>65</sup>

Alguém poderia pegar esta agulha e esta linha e prosseguir o bordado a partir deste ponto? ∅

Esta metáfora acabou sendo incorporada por alguns alunos, conforme estes exemplos de C1:

Talvez nossos amigos possam nos contar como se passa por lá essa discussão, trazendo mais um bordado ao tecido.

Eu gostaria de colocar um ponto no bordado.

Gostaria de tecer alguns pontos no bordado, ou na costura daquelas colchas lindas que se faz com retalhos coloridos.

---

significa um tipo de rede de pescar.

<sup>65</sup> Cf. a esse respeito a concepção de Paulo Freire: “O espaço pedagógico é um texto para ser constantemente ‘lido’, interpretado, escrito e reescrito” (1997 -109).

Gostaria de trazer essas idéias para continuarmos a tecer nossa rede.

e de outros colegas:

Dei minhas bordadas aproveitando colocações do nosso amigo d'a lém mar (C2)

Vou bordar no teu bordado. Como tenho pouca prática vou de ponto de cruz. (A)

Não sei se vou conseguir pegar a linha e a agulha e prosseguir o bordado, mas aí vai: (J2)

Assim, em meio à polifonia, ou seja, 'falas' em que as vozes se mostram, estabeleceu-se a noção de que havia um hipertexto em construção, que mostrou implicitamente a existência de outros discursos. Para BAKHTIN, citado por BARROS (1999:3): 'nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outra voz'. Com efeito, esse hipertexto foi entremeadado muitas vezes por citações explícitas de outros textos, configurando a intertextualidade à qual se refere esse autor.

Nesse caso, encontram-se vários exemplos de 'falas' no decorrer do curso, como esta do colega G, em mensagem à Sala de aula:

A Internet é uma coisa assim... meio movimento hippie anos 60 (talvez, por isso, ela seja tão cheia de 'drug, sex and rock'n roll'). É claro que sempre há um capitalzinho – com seus interesses mercadológicos – por trás de tudo, mas é essa face libertária, revolucionária, da Internet, que nos leva a acreditar que 'daqui pra frente tudo vai ser diferente' (trecho de uma música de Roberto Carlos). E, já que falei de Roberto, volta a repetir Cazuya (já falei isso em algum momento): 'Ideologia, eu quero uma pra viver'.

A aluna T postou emblemática mensagem no Cafezinho, na qual transparecem mais uma vez o dialogismo e a intertextualidade:

A2,  
a julgar pelo que a telenovela 'O Clone' está mostrando da cultura muçulmana, acho que podemos aprender mais sobre interculturalidade consultando um bicho-de-pé! Na verdade, tô pensando agora (neste momento, exatamente) no que Jesus Martin Barbero quis dizer quando colocou como título de um de seus livros 'Dos Meios às Mediações' - vc conhece? Ele faz parte da corrente dos estudos de recepção, bastante discutida agora na América Latina. Neste sentido, os meios de comunicação passam a ser espaços de mediação de nossa vida (como o trabalho, a religião, o lazer) e não apenas canais de informação.  
Tô escutando uns rojões aqui na vizinhança. Espera aí, que tenho que ligar o rádio pr ver se foi o Corinthians que ganhou o jogo. Ainda não terminou o jogo - mas o Corinthians está ganhando por 2 X 1.  
Não é o máximo (e não é estranho) que aqui, sentada na frente da minha janela para o mundo, e sem precisar me levantar da cadeira, eu tenha recebido o sinal comunicativo dos rojões que me alertaram para algum acontecimento no jogo de futebol (ao alcance do meu bairro)e tenha



acionado o rádio (ao alcance de minha cidade) para saber o que estava acontecendo no estádio e esteja me comunicando via internet (ao alcance do mundo)????  
Quem está mais próximo de mim? O rapaz que soltou o rojão, o locutor da rádio ou você?  
E eu fico aqui, feliz de estar escutando o rojão, o rádio e você. E ruminando estes pensamentos com o meu bicho-de-pé...  
Um abraço,

PS - Também estou 'brigando' com o blog. Quero inserir meu perfil, mas não sei como. Acho que ele só quer fotografia de frente...

Nessa 'fala', em meio a uma série de referências culturais, T fez uma série de alusões a diferentes mídias: a uma novela televisiva de grande sucesso na época, a uma obra clássica de estudos de recepção<sup>66</sup>, à emissão radiofônica de um jogo de futebol e à Internet, acabando por constatar que, embora ela se encontrasse no ambiente familiar, ao mesmo tempo, estava conectada ao seu bairro, à cidade e ao mundo.

Durante o curso, o clima de troca e de camaradagem esteve presente não só nas relações entre os alunos, conforme evidenciado nas diversas 'falas' do curso selecionadas e interpretadas nesta dissertação, mas também entre o professor e os alunos, exemplificando a concepção dialógica do 'escutar', contrária ao discurso autoritário. Para FREIRE, o escutar 'significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro' (1997:135).

Isso revelou-se quando o professor compartilhou informações:

Gente

Numa mensagem na sala de aulas virtual eu falei de um capítulo de um livro que falava sobre ensino de matemática numa abordagem colaborativa online. (...) Pois aqui está agora a referência completa<sup>67</sup>:

buscou a ajuda de alunos:

No Brasil, o termo 'animador' está muito colado à uma figura, a do 'animador de programa de auditório' (...) E aí em Portugal, como vocês entendem o termo 'animador' e a expressão 'animador de uma comunidade de aprendizagem'? Ajudem-nos a entender melhor esta expressão que, salvo engano, foi introduzida por Pierre Lévy<sup>68</sup> (...)

socorreu G e os demais colegas na criação do *blog*:

---

<sup>66</sup> Ver Jesús Martín Barbero, *Dos meios às mediações: comunicações, culturas e hegemonia*, Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1997.

<sup>67</sup> Ken W. White & Bob H. Weight, *The online teaching guide: A handbook of attitudes, strategies, and techniques for the virtual classroom*, Boston, Allyn&Bacon, 2000.

<sup>68</sup> Cf. Pierre Lévy, *Educação e Cibercultura*, São Paulo, Editora 34, 1999. (cap. 1 'A nova relação com o saber', p.1) '(...) Nesse quadro, o docente vê-se chamado a tornar-se um animador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos, em vez de um dispensador direto de conhecimentos'.

Coloque sob a forma de endereço completo, tal como ele aparece no seu browser, no campo 'endereço': http://... Quando você não coloca 'http://' a coisa não funciona. Outra informação: para colocar uma foto sua numa mensagem e' precisjá tê-la hospedada em algum endereço web. Então depois é só colocar este endereço de sua foto no campo 'Optional Image URL'.

incentivou a participação, conforme este exemplo do 1º chat:

T: Pois é, eu vou pro cafezinho toda hora e às vezes fico frustrada se não tem mensagem nova...

Prof.: Então, ponha coisa nova lá, menina! ☺

não poupou elogios ao responder a um aluno que havia sugerido que os colegas registrassem no *blog* quanto tempo se demorava para realizar uma tarefa:

Excelente sugestão, A2! Vamos fazer isto então? Registrem no blog, na síntese que vocês farão quanto tempo em média vocês dedicaram por dia a esta unidade.

e foi solidário, ao lembrar uma data importante para os colegas portugueses:

Neste 25 de abril, ninguém melhor que Chico Buarque para uma homenagem brasileira. Esta canção tem 2 versões, uma de 1975 e outra de 1978. Nos dois anos o Brasil vivia uma feroz ditadura militar, como o resto da América do Sul. Vejam estes versos nas duas versões. A primeira foi vetada pela censura e nunca foi gravada no Brasil. A segunda passou por descuido...

Confiram: ((seguem-se as versões da canção 'Tanto Mar'<sup>69</sup>, inclusive em formato Real Player))

levando a emocionadas manifestações de agradecimento de A2:

Professor, como é que você adivinhou? (...) Olhe, assim Obrigado ! Lembro-me perfeitamente como era comovente para nós ouvirmos o Chico Buarque a cantar isso... (...) Nessa altura parecia que as ditaduras militares no Brasil e na América Latina não paravam de se suceder umas às outras ... não sabíamos durante quanto tempo teríamos de guardar esses cravos para vós... Bem, antes de continuar a trabalhar aqui, vou levar a minha filha à rua (...) e continuar a falar com ela sobre isto que é a Liberdade e o que é não ter Liberdade. E pensar quantos milhares de revoluções dos cravos seriam hoje mesmo necessárias no mundo...

e de A4:

Fiquei comovida com o seu presente. (...) Eu fui à rua de tarde e foi bonito ver muito gente a celebrar, com muitos cravos vermelhos. A solidariedade é uma coisa que importa preservar e cada vez mais nos dias de hoje. Um abraço muito grato.

Os exemplos citados demonstram claramente que, sendo um processo social, a educação é uma prática interativa na qual o dialogismo tem papel preponderante. Durante esse

curso, alunos e professor mostraram-se interlocutores atentos e respeitosos com relação à diversidade de culturas e aos saberes de cada um, o que é um ponto favorável para uma educação a distância que se quer fazer cada vez mais ‘sem distância’.

## CONCLUSÃO

O curso *Introdução à Educação Online* que a princípio parecia simples, devido à sua curta duração e ao reduzido número de alunos, mostrou-se no entanto complexo dada a intensidade do processo interativo, do qual participaram atores altamente qualificados, de perfis diferenciados e extremamente interessados no tema.

O curso em si propiciou a quebra na rotina do cotidiano dos alunos, pois nesse *intermezzo* de duas semanas os aprendizes, à semelhança da metáfora de BERGER e LUCKMANN, foram transportados em alguns momentos ‘para um ou tro mundo’, o virtual, onde foi possível, no ambiente de aprendizagem, acessar as mensagens postadas na Sala de aula, via Lista de discussão, comentar as mensagens dos colegas, ir até o Cafezinho, produzir *blogs* e participar de *chats*, levando o grupo a interagir com pessoas que se encontravam distanciadas do ‘aqui’ e do ‘agora’ de cada um.

A quebra dessa rotina levou a maioria dos alunos a sentir dificuldades na assimilação da temporalidade assíncrona, o que ficou claro em representações como ‘um tempo que escorre por uma ampulheta mais torta que os relógios de Dalí’ ou ‘foi um turbilhão’. Embora um dos alunos tenha descoberto vantagens na assincronia, declarando que ‘o tempo no online acaba sendo mais produtivo’, ele mesmo acabou por construir uma interessante representação sobre a falta de tempo, assim expressa: ‘o curso tinha três pernas (as Mensagens, o Cafezinho e o Blog) e eu só consegui andar com duas pernas... Andei sempre a coxear com o Blog...’.

No que se refere ao espaço virtual de aprendizagem, que incluiu oferta e uso de diferentes ferramentas, foram construídas representações que remetiam a um lugar sem fronteiras: ‘no online parece que a aula está sempre aberta...’, onde ‘há uma série de objetos novos a descobrir’. Em relação às ferramentas, houve a criação de imagens diversas, a exemplo destas, sobre o *chat*: ‘tem-se a idéia de que se está a ouvir alguém mudo!’ ou ‘parece que temos dois fios de Ariadne’. O *chat* livre foi associado a ‘uma roda de chimarrão, todos falam com todos ao mesmo tempo’.

---

<sup>69</sup> ‘Eu queria estar na festa, pá/ com tua gente/ e colher pessoalmente/ uma flor do teu jardim’... (1975).

Já o *chat* moderado motivou a criação de conceitos que ora apontavam para uma sensação de tranquilidade, como ‘coração só a 120 batimentos’ ora para uma certa ansiedade, ‘às vezes dá coceira na língua, quer dizer, nas pontas dos dedos, dá vontade de falar, quer dizer, de escrever’. Por sua vez, a criação do *blog* ou caderno virtual dos alunos originou um termo para a terra dos *blogs*, ‘Blogônia’. Essa ferramenta chegou não só a ser personificada, desafiando o aprendiz (‘Agora quero ver. Te vira!’), como foi associada a uma certa inaptidão tecnológica, de que é exemplo a constatação ‘somos disblógicos vertiginosos’.

Quanto à interação social, alguns alunos elaboraram representações que demonstraram alguma dificuldade em não ter contato face a face com o ‘outro’, tal como: ‘pensar argumentos para um muro azul é bem mais complicado’, embora o fato de não ver e não ser visto praticamente não tenha alterado o ânimo dos participantes. Além disso, apesar de o curso ter contado com a participação de alguns alunos que se mantiveram em *off*, isso não impediu que o processo fluísse a contento.

Com relação à utilização da linguagem escrita, algumas representações apontaram para uma certa dificuldade, de que é exemplo ‘é difícil escrever à velocidade síncrona do *chat*’. Por outro lado, a produção de um conteúdo com signos que substituíram os elementos afetivos e emocionais presentes na fala oral, remeteu freqüentemente a citações literárias, musicais e visuais, além de dialogar com os textos orientadores, vindo ao encontro das teorias de Mikhail Bakhtin e Paulo Freire, no que se refere à intertextualidade e ao dialogismo.

Nessa microcomunidade, houve a formação de um sub-grupo, constituído por alunos mais participantes que, talvez pela ansiedade -- ou necessidade -- de demonstrar conhecimento, numa espécie de competição sutil, produziram textos mais longos, com ‘falas’ mais elaboradas. Essa demonstração de conhecimento provocou, por parte de alguns aprendizes não afeitos à área educacional, a elaboração de representações que apontavam para uma certa admiração, como ‘que agilidade nos dedos (...) e nas cabeças também’ e também alguma inibição, como em ‘dá uma certa paralisia’, inibição essa dissipada com o desenrolar do curso.

Além disso, questões apontadas neste estudo podem servir de ponto de partida para futuras pesquisas, tais como:

- 1) até que ponto um curso *online* é flexível, já que existem diferentes tempos -- o tempo do calendário e do relógio; o tempo do aluno; o tempo do curso -- e diferentes ritmos:

o ritmo do curso; o ritmo do aluno; o ritmo da turma e o ritmo do professor (que tem de estar disponível todo o tempo)?

2) que motivos levam um aluno a ser um 'lurker' -- considerando, entre outros, problemas como a nova temporalidade, o ritmo do curso e a falta de conhecimento dos temas em discussão?

3) o 'blog' ou caderno virtual constitui ferramenta efetiva para a aprendizagem dos alunos? De que forma pode ser melhor utilizado em cursos *online*?

4) até que ponto o dialogismo das 'falas' nesses ambientes expressa o que realmente se pensa/sente, não se classificando como 'falas' prontas, mecânicas, chavões?

É importante ressaltar que a utilização de diferentes procedimentos contribuiu para responder às perguntas exploratórias e atender o objetivo deste estudo, ou seja, identificar e interpretar algumas representações que estão sendo elaboradas por aprendizes de cursos *online* sobre educação via Internet. No entanto, as conclusões deste estudo não podem ser generalizadas já que se tratou de um universo restrito de aprendizes.

Por fim, este estudo sinalizou também que as representações que os alunos vêm construindo sobre educação *online* estão certamente vinculadas à forma como um curso é produzido e mediado, a começar pela existência de objetivos claros e definidos, considerando não apenas fatores tecnológicos, mas sobretudo o processo interativo e a qualidade dessas relações, que se almeja sejam efetivamente dialógicas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEVATO, Hilda Maria Rodrigues. Qualidade: um mito pós-moderno. In: *Representação social em educação: temas e enfoques contemporâneos de pesquisa*. TEVES, Nilda; RANGEL, Mary (orgs.). Campinas, SP: Papirus, 1999. p. 79-114 (Magistério: formação e trabalho pedagógico).

ARAÚJO, José Paulo de. *O que os aprendizes esperam dos professores na educação a distância on-line?*. Disponível em: <[http://www.abed.org.br/texto\\_37.doc](http://www.abed.org.br/texto_37.doc)> . Acesso em: 3 nov. 2002.

ARETIO, Lorenzo García. Para uma definição de educação a distância. In: *Tecnologia Educacional*. RJ, v. 16, n. 78/79, pp. 55-61, set/dez., 1987.

AZEVEDO, Wilson. *EAD: 100% não funciona?* Disponível em: <<http://widebiz.com.br/gente/azevedo/ead100.html>> . Acesso em: 8 maio 2001.

\_\_\_\_\_. *Panorama atual da educação a distância no Brasil*. Disponível em: <<http://www.aquifolium.com.br/educacional/>> . Acesso em: 3 mar. 2002.

\_\_\_\_\_. *Como detonar um projeto de educação online*. Disponível em: <<http://www.projeto.org.br/abed/azevfuks.htm>> . Acesso em: 13 nov. 2002.

\_\_\_\_\_. *Para não chamar urubu de 'meu louro': afinal, o que é um curso online?* Disponível em: <<http://www.aquifolium.com.br/educacional/artigos/louro.html>> . Acesso em: 5 mar. 2002.

\_\_\_\_\_. Longe dos olhos, perto do coração: reflexões sobre distância e proximidade na educação online. In: *Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância*, ABED, vol. 1, n.2, 30 ago. 2002.

BAKHTIN, Mikhail. (V. N. Volochínov). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 10 ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2002 (Linguagem 3).

BARBERO, Jesús Martín. *Dos meios às mediações: comunicações, culturas e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. 2 ed. BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (orgs.). São Paulo: Edusp, 1999. pp. 1-9.

BATISTA, Wagner Braga. Educação a distância e o refinamento da exclusão social. *Conect@ - Revista On-line de Educação a Distância*, n. 4, pp. 1-9, fev. 2002,. Disponível em: <[http://www.revistaconecta.com/conectados/wagner\\_refinamento.htm](http://www.revistaconecta.com/conectados/wagner_refinamento.htm)> Acesso em: 15 out. 2002.

BEHRENS, Marilda Aparecida. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 2 ed. Campinas, SP: Papirus, 2001, pp. 67-132 (Papirus Educação)

BELLONI, Maria Luiza.. Ensaio sobre educação a distância no Brasil. *Educação e Sociedade*, ano XXIII, n.78, p.124, abr. 2002.

\_\_\_\_\_. *Educação a distância*. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2001 (Educação Contemporânea)

BERGER Peter, LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado da sociologia do conhecimento*. Trad. Floriano de Souza Fernandes. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002 (Antropologia, 5).

BORTONI, Stella Maris. *Rotinas de trabalho etnográfico*. 2000 (mimeo).

BUNGE, Mario. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Gita Guinsburg. São Paulo: Perspectivas, 2002, p. 343 (Big bang).

BURKE, Peter. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*. Trad. Maria Luiza X. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

CHAVES, Eduardo. *A virtualização da realidade*. Disponível em: <<http://edutec.net/Textos/Self/COMPUT/virtual.htm>> . Acesso em: 20 jul. 2002.

\_\_\_\_\_. Tecnologia na educação, ensino a distância e aprendizagem mediada pelas tecnologias: conceituação básica. *Educação* – Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, ano III, n. 7, nov. 1999.

\_\_\_\_\_. *Administrar o tempo é planejar a vida*. Disponível em: <<http://www.chaves.com.br/TEXTSELF/MISC/timemgt2.htm>> . Acesso em: 18 abril 2002.

CHAUÍ, Marilena. *O mito da caverna*. Disponível em: <<http://www.odialetico.hpg.ig.com.br/filosofia/cavernamito.htm>> . Acesso em 4 fev. 2003.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELORS, Jacques (org.). *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. São Paulo: Cortez/Unesco, 1998.

DICIONÁRIO HOUAISS DE SINÔNIMOS E ANTÔNIMOS DA LÍNGUA PORTUGUESA. 1 ed. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2003.

ERICKSON, Frederic. *Qualitative methods in research in teaching and learning*. Vol. 2 New York: Macmillan Publishing Company, 1990. Trad. provisória Stella Maris Bortoni (xerox).

EVANS, Terry. Educação a distância, tecnologia, interação e globalização. (As origens da educação a distância). *I Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância, I EsuD*. Petrópolis, Rio de Janeiro, 26-28 de março 2002. Disponível em: <[http://www.sead.ufrj.br/esud/material/T\\_Evans\\_I\\_EsuDport\\_ppt.ppt](http://www.sead.ufrj.br/esud/material/T_Evans_I_EsuDport_ppt.ppt)> . Acesso em: 4 jan. 2003.

FOLHA DE S. PAULO. E-mail, 30. Caderno Folha Informática, p. F1, 10 out. 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 32 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987 (O mundo, hoje, 21).

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Trad. Adriana Lopez. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986 (Educação e Comunicação, 18).

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Bakhtin e a psicologia. In: *Diálogos com Bakhtin*. FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de (orgs.). 3ª ed. Curitiba: Ed. da UFPR, 2001, p. 165-187.

GÊNEROS NA PINTURA. [Editor] Instituto Cultural Itaú. São Paulo: ICI, 1995 (Cadernos história da pintura no Brasil; 8), p.28.

GURZE'EV, Ilan. É possível uma educação crítica no ciberespaço? Austrália: *Educational Philosophy and Theory*, v. 32, n. 2, jul. 2000 Trad. Newton Ramos de Oliveira. Disponível em: <<http://www.revistaconecta.com>> . Acesso em: jul. 2002.

HEIDE, Ann; STILBORNE, Linda. *Guia do professor para a Internet: completo e fácil*. Trad. Edson Furmankiewz. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

JAPIASSÚ, Hilton, MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996, p. 235.

JOFFILY, Olívia. *Letramento digital abre portas para o conhecimento*. Entrevista com Marcelo Buzato. Disponível em <<http://www.icoletiva.com.br>>. Acesso em: 15 mar. 2003.

KELLNER, Douglas. *Novas tecnologias, novas alfabetizações: reconstruindo a educação para o novo milênio*. Trad. Newton Ramos de Oliveira. Disponível em: <<http://orbita.starmedia.com/outraspalavras/trad.5htm>> . Acesso em: 25 fev. 2003.

KENSKI, Rafael. Ouro de Minas. *Superinteressante*. São Paulo: Ed. Abril, n. 182, pp. 78-83, nov. 2002.

KENSKI, Vani. O que é mesmo um curso online? *Seminário Virtual Educação Online: a perspectiva do aluno*. Rio de Janeiro: Aquifolium Educacional, 8 a 15 de mar. 2002.

KURZ, Robert. A ignorância da sociedade do conhecimento. São Paulo: *Folha de S. Paulo*, Caderno Mais! pp. 14-15, 13 jan. 2002.

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1997.

LAPLANE, Adriana Lia Friszman de. *Interação e silêncio na sala de aula*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2000 (Educação).

LÉVY, Pierre. *Educação e cybercultura*. Disponível em: <<http://www.portoweb.com.br/PierreLevy/educaecyber.html>> Acesso em: 18 mar. 2001.

\_\_\_\_\_. *O que é o virtual?* Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1999 (Trans).

\_\_\_\_\_. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

\_\_\_\_\_. *As inteligências coletivas*. SESC/SP, set. 2002, bloco 1, p. 6.

LITWIN, Edith. O bom ensino na educação a distância. In: \_\_\_\_\_. (org.) *Educação a distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa*. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2001, pp. 9-11 (Tecnologia Educacional).

\_\_\_\_\_. Das tradições à virtualidade. In: \_\_\_\_\_. *Educação a distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa*. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2001, pp. 13-22 (Tecnologia Educacional).



LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U., 1986 (Temas Básicos de Educação e Ensino).

LUKOWIECKI, Adelaide Letícia Saad. *Aprendizagem baseada na web: a perspectiva do aluno*. Disponível em:  [<www.abed.org.br/antiga/htdocs/paper\\_visem/adelaide\\_leticia\\_saad\\_lukowiecki.htm>](http://www.abed.org.br/antiga/htdocs/paper_visem/adelaide_leticia_saad_lukowiecki.htm) . Acesso em: 1º jan. 2003.

MAGALHÃES, Maria Izabel Santos (org.). *As múltiplas faces da linguagem*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

MAIA, Carmen. (coord). *Educação a distância no Brasil na era da Internet*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2000 (série Universidade Virtual).

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 2001 (Série Princípios).

MATTELART, Armand. *História da Sociedade da Informação*. 5 ed. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2002.

MOORE, Michael. *Teoria da distância transacional*. Publicado em Keegan, D. (1993) *Theoretical Principles of Distance Education*. London: Routledge, pp. 22-38. Trad. Wilson Azevedo. Disponível em:  [<http://www.abed.org.br/>](http://www.abed.org.br/). Acesso em: 24 fev. 2003.

MENA, Marta. *A EaD na América Latina: tendências, realizações e desafios*. Disponível em:  [<http://www.projeto.org.br/abed/mena.htm>](http://www.projeto.org.br/abed/mena.htm) . Acesso em: 13 nov.2002.

MORAES, Raquel de A. Interatividade e Potencialidades da EaD. (dia 28/03/2002) *I Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância, I EsuD*. Petrópolis, Rio de Janeiro, 26-28 de março. Disponível em:  [<http://www.sead.ufrj.br/esud/programacao.html>](http://www.sead.ufrj.br/esud/programacao.html) Acesso em: 20 jan. 2003.

MORAES, Raquel de A.; SILVA, Henderson L. Aula Virtual e Democracia. Disponível em:  [<http://www.pedagogia.pro.br/aula%20virtual%20e%20democracia.htm>](http://www.pedagogia.pro.br/aula%20virtual%20e%20democracia.htm). Acesso em: 20 jan. 2003.

NEVES, André Menezes Marques das; CUNHA FILHO, Paulo Carneiro da (orgs.). *Projeto Virtus: educação e interdisciplinaridade no ciberespaço*. Recife: Editora Universitária da UFPE; São Paulo: Editora da Universidade Anhembi Morumbi, 2000 (Universidade Virtual).

NISKIER, Arnaldo. *A EAD é o melhor canal de interação entre professor e aluno*. Disponível em:  [<http://www.iuvb.edu.br/atualidades/artigos/>](http://www.iuvb.edu.br/atualidades/artigos/). Acesso em: 20 jan. 2003.

NOVA ENCICLOPÉDIA ILUSTRADA FOLHA: a enciclopédia das enciclopédias. São Paulo: *Folha de S. Paulo*, vol. 2, p. 877, mar. a dez. 1996.

NUNES, Ivônio Barros. *Noções de Educação a distância*. Disponível em: <[http://www.intelecto.net/ead\\_textos/ivonio1.html](http://www.intelecto.net/ead_textos/ivonio1.html)> Artigo publicado originalmente em: Revista Educação a Distância, Brasília: Instituto Nacional de Educação a Distância, n. 4/5, pp. 7-25, dez. 93-abr.94. Acesso em: 23 set. 1999.

PALLOFF, Rena M.; PRATT, Keith. *Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço: estratégias eficientes para salas de aula on-line*. Trad. Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PIMENTEL, Maria da Glória. *O professor em construção*. 7 ed. Campinas, SP: Papirus, 1993 (Magistério: formação e trabalho pedagógico).

PINTURA COLONIAL. [Editor] Instituto Cultural Itaú, São Paulo: ICI, 1994 (Cadernos História da Pintura no Brasil;7), pp. 9-12.

RAMAL, Andrea. *Tecnologia com alma*. Disponível em: <[http://www.sectec.go.gov.br/artigos\\_publicações/artigo018.htm](http://www.sectec.go.gov.br/artigos_publicações/artigo018.htm)>. Artigo publicado originalmente em O Globo, 1º jul. 2002. Acesso em: 18 jul. 2002.

REALIDADE. 'O que ela vai pensar?', São Paulo: Ed. Abril, ano II, nº 24, pp. 77-92, mar. 1968.

\_\_\_\_\_. 'Por que os computadores Burroughs são mais inteligentes', São Paulo: Ed. Abril, ano II, n. 18, p. 54, set. 1967.

RHEINGOLD, Howard. Entrevista in: *PopTech*, 12 set. 2002. Disponível em: <<http://radio.weblogs.com/0113598/2002/09/19.html#a4>>. Acesso em: 4 out. 2002.

RIZZO, Sérgio. Mal traçadas linhas. In: *Educação*. São Paulo, ano 27, n. 240, pp. 40-51. abr. 2001.

SAMPAIO, Marisa Narcizo; LEITE, Lígia Silva. *Alfabetização tecnológica do professor*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SARMENTO, Maristela Lobão de Moraes. O percurso da aprendizagem dos alunos em educação a distância. In: *Educação a distância: formação de professores em ambientes virtuais e colaborativos de aprendizagem – Projeto NAVE* (coord. Fernando José de Almeida). São Paulo: s.n. 2001.

SÊNECA. *As relações humanas: a amizade, os livros, a filosofia, o sábio e a atitude perante a morte*. Trad. Renata Maria Parreira Cordeiro. São Paulo: Sandy Editora, 2002.

SILVA, Marco. *Interatividade requer a morte do narcisista investido do poder*. Entrevista à IUVB. BR. Disponível em: <<http://www.iuvb.edu.br/br/atualidades/entrevistas/marcos.htm>>. Acesso em: 4 abr. 2001.

TESTA, Maurício; SCHULER, Maria. A educação a partir de sua representação social: subsídios para o estabelecimento de estratégias no ensino através da Internet. In: Congresso de Educação da COPPEAD, 8., 2000, Rio de Janeiro, *Anais...*

WEISS, Ana. *A construção coletiva dos conhecimentos*. Entrevista com Michael Authier. Disponível em: <<http://www.icoletiva.com.br>> . Acesso em: 28 fev. 2003.

## ANEXOS

### ENTREVISTAS

#### **Entrevista com um lurker**

Esta entrevista foi realizada em 17 de fevereiro de 2003, a partir das 14h40, com J1, na biblioteca do seu local de trabalho, em Brasília, DF. A entrevista teve a duração de 23 minutos e esclareceu uma série de dúvidas quanto à participação dos chamados ‘lurkers’. O aluno J1 foi um dos últimos a apresentar-se à turma e em sua ‘fala’ já deixava nas estrelinhas alguns traços de sua personalidade ao declarar que “Aliás, às vezes acho que nasci para viver no meio do mato” ou “Não gosto de barulho”. J1 criou um weblog (onde deixou duas páginas de texto) e depois não enviou mais nenhuma mensagem à Lista, não participou dos chats e nem do Cafezinho. Daí, nosso interesse em entrevistá-lo.

Pesquisadora – J1, boa tarde, é um prazer estar aqui entrevistando você no ((instituição)). Eu queria saber um pouco mais sobre aquela sua participação no curso de Introdução à Educação Online. Então, eu gostaria de saber o seguinte: se foi essa a sua primeira experiência como aluno online.

J1 – Foi a primeira experiência.

Ps – E... outra coisa: o que levou você a fazer o curso?

J1 – Olha, é... de fato ter começado a participar do projeto de estruturação de Educação a Distância aqui no ((instituição)). Então ... a idéia inicial era que eu participasse de todos os módulos, mas como a gente tinha alguns produtos a realizar, eu só fiz o módulo inicial... a introdução. A minha intenção era essa: apreender a perspectiva de um aluno online, já que eu ia trabalhar com EaD.

Ps – Certo... e qual era a sua expectativa ao iniciar o curso? O que você imaginava, como é que seria esse curso... você tinha altas expectativas...

J1 – Olha, a expectativa geral, de que fosse proveitoso, antes de mais nada. Eu já tinha informações muito boas sobre a ((empresa promotora)), o professor... Então, na verdade não havia assim... nenhuma expectativa maior, a não ser saber que estava participando de um processo sólido, que já vinha sendo desenvolvido por ele há mais tempo, etc. E acho que

atendeu e muito. Eu ali aprendi muito sobre a situação de um aluno online e as dificuldades e facilidades. Acho que tive uma visão boa, mesmo tendo participado só desse módulo.

V – Agora, eu observei o seguinte: você se apresentou como todos nós, no 1º dia, no 2º dia nós fizemos nossas apresentações individuais e depois eu percebi que você não mandou mais nenhuma mensagem durante o curso...

J1 – Só as obrigatórias...

Ps – Isso, você criou seu weblog que eu até visitei e imprimi, está aqui, ((risos)) para ler, achei muito interessante o que você considerou aqui. Agora, eu fiquei muito curiosa e fiquei pensando assim: ‘Por que será que ele não participou da Lista de discussão, por exemplo, mandando mensagens, trocando idéias com a gente, por que não teria participado dos chats e nem do cafezinho...’. Você não tomou um café com a gente!

J1 – Não tomei... Olha só, os chats assim da forma como eles se apresentam para mim, é desestimulante, porque a seqüência se perde, é...eu não me senti atraído, embora devesse ter ficado atraído, para saber se ele também seria como outras experiências anteriores, mas a questão da não participação, eu posso colocar em dois pontos. Primeiro, características minhas: eu sou assim em aula presencial, eu falo o mínimo, em geral, se não me perguntar, eu não sou muito participativo.

Ps – Ah... você é assim no presencial também, é caladinho?

J1 – Calado...

Ps – Quietinho...

J1 – Um quê de timidez, características minhas....

V – Você sempre sentou no fundo?

J1 – Sempre no fundão, historicamente no fundão...((risos))

V – Platéia... você não participa como ator, você fica mais assim ...observando, é isso?

J1 – É... eu... como eu definiria isso aí? Porque eu não me coloco muito na situação do aluno tradicional que fica ali apenas sofrendo. Mas eu aprendo com as discussões, com o que o próprio responsável pelo encaminhamento das aulas, mais ou menos tradicionais, tem a dizer, como as observações dos outros, em geral tem pessoas que têm manifestações, colocações que são bem pertinentes e... de forma que me satisfaz a minha necessidade, então eu colocaria assim... primeiro essa característica, que é minha em qualquer situação, online ou não e...acho que é isso, em relação à minha participação é isso... e acaba por falta de tempo, é um monte

de coisa. Hoje, depois disso, eu já fiz dois cursos online. Hoje, eu já participo mais, talvez porque o tema dos outros, por exemplo, um foi “Iniciando um pequeno grande negócio”.

Ps – Foi aquele do ((instituição))?

J1 – Foi aquele ...gostei... material muito bom...

Ps – E você participou mais neste?

J1 – Deste eu participei mais, mesmo assim eu não fui a um chat...

Ps – Você não participou de nenhum chat?

J1 – É... diretamente não. Eu ia lá depois para consultar as conversas...

Ps – E é justamente quando a gente está síncrono. Nós estamos quase que em presença no chat. Você não está vendo o colega, mas você está ali teclando, o colega responde na hora, é muito legal, é muito interessante.

J1 – É... Ali eu vi que de fato aquela seqüência de... alguém fez uma manifestação aqui, outro faz, ela entra, essa primeira foi direcionada a A, e muitas vezes o A só vai responder aqui ((aponta para a mesa)).

Ps – É verdade...

J1 – Essa forma acho desagradável demais, porque demanda, toma muito tempo de você, é desgaste mesmo por motivo de tentar perceber a seqüência. E pode ver que numa sala de aula, não é bem assim. A não ser que as pessoas não estejam bem instruídas sobre as regras, esperar falar, pedir a voz antes de falar etc. Nessa forma de chat, as mensagens vão chegando e vão entrando, eu acho muito chato, eu acho... é um verdadeiro chato, é um chat, ele é chato na maioria das vezes... ((risos)) Então, eu me identifiquei, por exemplo, em alguns momentos, tinha tempo, ficava com o e-mail ligado, percebendo a ida e vinda de mensagens, quando era na sala de aula, porque ali as pessoas são ordenadas, se você quiser, você vai lá...

Ps – Na Lista...

J1 – Você vai lá... ‘quero ver, gostei da fala dessa pessoa, que mais ela falou?’ Vou lá em cima e peço para ele organizar as mensagens por remetente, aí eu tenho condições de rapidamente ver as manifestações daquela pessoa e compreender a disposição dela, depois eu volto o e-mail pela hora e posso voltar a acompanhar. Eu acho difícil que um chat me conquiste um dia, a não ser que essa característica, essa bagunça seja eliminada, eu não gosto...

Ps – É... eu queria fazer uma observação: durante o curso os chats que nós tivemos com o professor que foram aqueles três... dois no primeiro dia, naquele primeiro dia que ele fez um à

tarde e um à noite, e um outro, ele fez um só à noite, que foi o último, só que ele utilizou aquela outra modalidade que é o chat moderado. A gente pedia para falar, ele dava, passava o turno, você fazia a sua pergunta, a sua consideração, ele respondia e aí ele passava a voz para outro colega, entendeu? A gente fez, você perdeu o chat moderado, inclusive... lembra que nós tivemos aquele preparo, que ele dizia como é que ia ser o curso, ele falou que ia haver chats e depois na Lista ele explicou que os chats seriam moderados e até explicou como é que seria, ele deu uma explicação na Lista, talvez você não tenha acompanhado isso então...

J1 – Porque eu imaginei que fosse o de sempre...

Ps – Não, não, ao contrário. Inclusive ele mostrou a diferença entre o chat comum e o moderado e porque ele ia utilizar o moderado. Então, tinha 5 minutos antes, que era a bagunça, a gente entrava no chat moderado e os cinco minutos finais ele dava também para liberar geral, a gente podia falar o que quisesse, era piada, era brincadeira...

J1 – Ah, um detalhe: acho que mesmo que eu tivesse percebido essa diferença, por não ter mais informações, porque embora eu venha da área de educação (eu me formei em Educação Física na UnB, essa é a formação acadêmica que eu tenho), então eu já vinha da área de educação, mas logo em seguida eu vim trabalhar na administração pública comum, então acho que de qualquer maneira, eu não me manifestaria no chat apenas por perceber que as pessoas ali todas eram da área, trabalhando já há algum tempo... conhecimento consolidado, acho que eu não me sentiria muito estimulado a falar não, eu não gosto de falar se eu não tenho, se eu não achar que aquela informação que eu tenho a dar, aquela observação é boa, que vale a pena oferecer. Uma chance que eu tive de ver um chat diferente e eu não percebi esse detalhe...

Ps – E... então já que você tocou nessa questão do conhecimento, das pessoas, que havia no curso, nesse curso, pessoas com bastante conhecimento e experiência de educação online, não é? E no seu caso, como você estava pela primeira vez fazendo esse curso, então você acha que um dos motivos talvez para você não ter mostrado assim... a cara, tenha sido esse, a questão do conhecimento?

J1 – Eu acho que isso, somado a essa característica minha que já é de falar pouco, com certeza eu é... cristalicei a forma como eu ia participar, com certeza. Porque, embora eu tenha essa característica, mas quando eu tenho algum domínio sobre o assunto, eu faço uma manifestação, mas com certeza bem menos do que eu vejo. Tem gente que, vamos dizer

assim, fala pelos cotovelos... não que não seja bom falar pelos cotovelos, mas essa é a característica de cada um...

Ps – É... e no caso do curso, isso se manifestava naquelas longas mensagens. Havia gente que falava muito, falava como você disse pelos cotovelos, embora com umas considerações bem interessantes, não é?

J1 – Eu tenho muita coisa guardada daquele curso...

Ps – Certo... agora, outra coisa: a questão de só ser utilizada a linguagem escrita, de certa forma isso te inibiu também, de você ter de redigir, você gosta de redigir?

J1 – Não, eu não tenho nenhum problema não. Eu redijo, principalmente se eu tenho conhecimento a respeito. Eu tenho muita facilidade de escrever. E... as pessoas criticam às vezes que eu sou muito prolixo quando vou escrever e a forma que eu escrevo é muito diferente da forma como eu falo normalmente, vício dessa vida de administração pública, mas a escrita em si, o expressar pensamentos e idéias, o concatenar seqüências de pensamentos e idéias por escrito não me causa nenhum problema.

Ps – E o fato de você não ver os colegas, isso de alguma forma te afetou?

J1 – Um sujeito arredio ele até se identifica com esse tipo de coisa. Eu sou arredio, tanto que tenho poucos amigos, frequento casas de pouquíssima gente para não dizer quase ninguém, então isso que para muita gente é um fator dificultador, desestimulador, porque as pessoas gostam de olhar nos olhos, eu gosto de olhar nos olhos, mas não me sinto... não acho que se torne algo muito impessoal e distante pelo fato de não ver, de não ver e conhecer as pessoas. Esse meu jeito arredio encaixa perfeito...

Ps – Não seria motivo para não participar...

J1 – Não seria de forma alguma...

Ps - ...de você não estar vendo o colega ...

J1 – Isso favorece até, porque não tem timidez, não tem... sabe...eu posso até ficar com vergonha de alguma coisa, mas ninguém tá vendo se eu fiquei vermelho, tá vendo como que é um negócio que favorece esse lado ((risos)), essa capa... ((risos))

Ps – Que ótimo, isso mesmo. Outra coisa que eu gostaria de saber de você é... você nunca esteve no Cafezinho, você nunca entrou assim... para ver que estava super animado...

J1 – Uma vez eu entrei lá, só para ver se eu podia é... olhar pela janela, de forma que não quer entrar, mas quer ver o que está acontecendo lá dentro... eu cheguei a olhar...

Ps – Buraco da fechadura... de repente...



J1 – Só olhando pela janela... ‘está rolando aula... eu quero ir lá, mas eu quero ir lá ver o que está acontecendo...’ Eu acho que uma vez eu fiz isso... quase fiz isso... mas entrar mesmo... faz tempo que... era o início do Projeto, a gente está terminando o projeto agora... está fazendo um ano agora...

Ps – Está fazendo um ano que a gente fez o curso, vai fazer um ano em abril. E você gostou das ferramentas que eles ofereceram? Você fez o weblog, você começou o seu weblog...

J1 É... eu... mas nunca mais mexi nele...

Ps – Foi só isso mesmo... isso que eu imprimi aqui..((mostra o impresso))

J1 – Mas teve um trabalho também... Tinha que fazer... tinha que registrar algo no weblog e, no final, tinha que fazer ...

Ps - ... uma avaliação...

J1 – Acho que é ... trabalho final que ele chamava... eu fiz um outro texto... Aí eu ainda pensei... eu me lembro que foram duas, dois trabalhos...Tinha um outro texto... eu sei que foram dois trabalhos que a gente tinha que fazer: um do blog lá... e esse outro texto. Você falou das ferramentas... Olha só, hoje bem mais que naquela época... hoje já vi outras coisas, mas eu diria que... essa forma, pelo menos a forma utilizada lá ...Eu não quero falar nem do chat nem do cafezinho, que nem lá eu fui, mas da sala de aula, aquela coisa... tudo por e-mail, vinculada a um grupo de pessoas numa suposta sala virtual. É tão simples que ela me surpreende pelo poder que ela tem de estimular a aprendizagem mesmo, você começa a ficar querendo...’alguém falou alguma coisa... que diabo é isso...’ você busca aquela informação, aí depois você percebe que aquilo que você acha que encontrou sobre aquilo outra pessoa acaba falando, ela é simples demais e eficiente demais, eu acho... sabe... se uma empresa... se algum dia eu virasse um consultor ... sei que tem mil coisas por aí...talvez se eu virasse um consultor eu ia fazer outras propostas também, mas como eu não cheguei lá ainda, eu vou fazer nesse limite que eu estou agora, se alguém chegasse para mim, uma empresa de médio porte, querendo criar uma comunidade de aprendizagem e pedindo minha ajuda como consultor, esta é uma das ferramentas que eu colocaria com das mais eficientes...

Ps – Seria a Lista de discussão, ter uma Lista...

J1 – É... acho que a base é essa...usar o e-mail...

Ps – ...em torno de determinado tema, começar a discutir, é o que eles chamam de sala de aula, na verdade era isso, a gente ia mandando mensagens, discutindo as idéias dele, os textos, aliás, com relação a esses textos, vou pegar esse gancho. E...você achou, assim... no final teve

um colega nosso que levantou essa questão, ele achou que todo mundo tava sempre muito de acordo...com tudo. Era um tal de ‘concordo com Fulano, concordo com Beltrano...’ um consenso ... Aí, eu queria te perguntar: você acha que a autoridade... nós ainda nos sentimos inibidos diante de haver uma autoridade maior num curso desse tipo e você não ir contra as idéias do professor porque ele é uma autoridade, você sentiu isso?

J1 – É...não autoridade no sentido de um poder e mando, mas acho que a autoridade dele vem da referência que ele é na área. E aí alguém que é uma referência (não quer dizer uma referência unânime), mas é uma referência, poucas pessoas tendem a ter coragem, vamos dizer assim, de argumentar contra, porque você vai ter de estar muito bem preparado, já você sabe que o outro é muito bem preparado. Acho que dessa perspectiva pode intimidar, porque se o curso é curto, eu entro com pouquíssimo conhecimento, não dá nem tempo... a não ser que eu faça dedicação exclusiva, de eu me colocar em situação de debater.. Eu acho assim... que muita coisa é questionável, porque nessa área de EaD, EOL, não que seja novo, mas com esses recursos de informática eu diria que é algo relativamente recente, então há um debate muito grande em cima do que deve ser, do que não deve ser etc. Gente que cria um preconceito com tutorial, a EOL eu acho que com certeza haveria algo a se questionar nas argumentações do professor, mas com certeza isso vai se resumir a uma perspectiva diferente ou detalhes que não comprometem a argumentação dele como um todo. O que seria o joio? O joio seriam esses materiais que são colocados com um capa de EOL, síncrona ou assíncrona, seja lá o que for, e na verdade é um conjunto de informações quase lineares que são colocadas lá à disposição é como se eu chegasse para você: ‘Ó, Vera, esta semana você vai ler o volume número 44 da Consulet, a revista jurídica Consulet. Daqui a 10 dias, a gente discute’. É uma forma? É uma forma.

Ps – Após esse curso, a concepção que você tinha de EOL mudou de alguma forma, você tinha uma idéia antes e depois de fazer o curso...

J1 – A idéia mais geral é a que eu tinha, se alguém chegasse para mim e perguntasse: Você sabe alguma coisa de EaD, EOL, com certeza eu teria algo a dizer, mas sem grandes aprofundamentos. Então, ali, eu adquiri realmente uma visão mais consistente, mais definida do que seria EOL, de lá para cá tenho lido muita coisa, fizemos um tutorial agora, estamos fazendo um tutorial, é... tudo em nome desse projeto, fizemos um curso também sobre um sistema daqui, muito interessante com a ((cita o nome da responsável)), ela fez um tratamento pedagógico. Como eu era neófito, na verdade adquiri ali uma visão definida do que seria EaD

ou EOL nas diversas discussões que estão se processando, estão se dando ao redor desse tema que é muito complexo, como a própria educação como um todo, EOL, EaD, a discussão via correspondência seja lá o que for na verdade a gente tá tratando de educação, muitas das reflexões que estão surgindo agora fortemente na questão da EaD sempre aconteceram na educação. Porque eu passei pela Faculdade, saí da UnB em 1986, lá no Departamento de Educação a gente já tinha essas discussões entre as teorias mais tradicionais e as que vieram com o construtivismo e o que veio depois disso aí... O repensar a educação, aquela visão histórico-social do processo educativo... Isso foi muito anterior, só que antigamente em situação presencial, a gente na verdade é ... pode prescindir dessa riqueza toda. Como? Sendo muito bom no conteúdo, tendo um jogo de disciplina muito rígido, vamos dizer assim, alunos relativamente conscientes, eu dou minha aula, dou meu recado, sem precisar gastar muito tempo criando essa riqueza, só que online ou a distância só vai funcionar para pessoas que já têm o hábito de pegar material por mais árido que seja e estudar. Tem gente que é assim, eu sou um pouco assim, se eu pegar esse Código Civil, que não é a minha área eu bato boca com as pessoas depois, em termos de discussão, de debate, então eu acho que essas questões todas estão mais realçadas porque a EaD ela exige muito mais que haja toda uma preocupação com planejamento, com organização, com o encaminhamento disso tudo, tem de haver dinamismo se não você se sente só, se não você se perde naquele monte de informação e por aí vai... então, acho que isso é muito mais antigo do que EaD ((risos)).

Ps – Então, está bom, J1, obrigada, foi um prazer estar aqui com você, ouvir suas idéias sobre EOL, espero que você tenha sucesso com seu projeto...

J1 – Ah, estou gostando... eu não sou o responsável pelo projeto, não sou coordenador, eu sou um membro só da equipe, mas quero continuar trabalhando com EaD, depois de ter passado tanto tempo com preocupação bem administrativa, acho que eu cheguei num lugar bom de trabalhar, estou me identificando muito ...

FIM

## **Entrevista com C2**

Esta entrevista foi realizada na cidade goiana de Pirenópolis, a duas horas de Brasília, para onde nos deslocamos no chuvoso domingo de 15 de fevereiro. O primeiro contato havia sido

feito via e-mail, quando avisamos que iríamos no final de semana. Chegando à cidade pela manhã, fizemos contato telefônico, mas C2 não pôde nos receber pois estava ocupada produzindo um site. Às 14h45, fizemos novo contato telefônico quando ela disse ter se atrasado, estar ainda ocupada com o almoço e que só poderia nos atender no final da tarde. Como pretendíamos regressar a Brasília às 15h30, combinamos fazer a entrevista no fim de semana seguinte, por telefone. Sugerimos, então, passar rapidamente na casa de C2 apenas para nos conhecermos pessoalmente. No entanto, quando lá chegamos, ela mudou de idéia e gentilmente nos recebeu, enquanto sua família almoçava. A entrevista foi feita com um gravador AIWA/Micro Cassette Recorder – V- SENSOR e durou 30 minutos.

Pesquisadora – Então, C2, você fez o curso Introdução à Educação Online... eu queria saber: foi o primeiro curso que você fez a distância?

C2 – Não, eu fiz um curso de tutores pela Faculdade... é... ((instituição)), de São Paulo.

Ps - Então já tinha uma experiência... só esse que você fez?

C2 – Só... e agora estou fazendo outro também, estou fazendo pós-graduação...

Ps – Que bom... como é que se chama?

C2 – É... ‘Tecnologias na Educação’, na ((instituição)), foi indicação inclusive do pessoal da EOL ((lista de discussão de ex-alunos de cursos da empresa promotora do curso)) ... da...

Ps – Ah... eu me lembro... alguém chegou a falar...

C2 - ...acho que foi a ((fulana)), não foi?

Ps - É... chegou a comentar... e por que você fez o curso? Você estava interessada, queria começar a trabalhar com Educação a Distância?

C2 – É... meu interesse era esse... Como eu não estava lecionando há algum tempo já... e estava trabalhando muito com desenvolvimento de páginas na Internet, eu tinha interesse em montar cursos, para trabalhar com educação, é... juntando, aliando a educação com a tecnologia...

Ps – Certo... E o que você achou dessa questão do ritmo? Por exemplo, tem horas que a gente está juntos nos chats, tem horas que a gente não..., está na Lista, está só lendo as mensagens. Você conseguiu... acompanhar bem?

C2 – Eu senti uma dificuldade grande no começo, até porque eu vinha dessa outra experiência que foi completamente diferente, entendeu? Não tinha, eu acho... essa questão de interação,

quer dizer...em determinados momentos, a pessoa tem de acompanhar o curso junto com os outros alunos, como se fosse uma sala de aula que você tem num determinado momento, você tem um processo que todo mundo vive coletivamente e precisa ter... você estar acompanhando a turma... e no outro curso não havia essa interação, esse quesito... você podia estar fazendo o curso... neste também acontece a mesma coisa... você pode estar fazendo o curso, independente do teu ritmo, você tem 2 anos para completar, você só vai desenvolver esse projeto... e tudo..., então, eu achei... foi uma adaptação difícil, você ter que ler correndo todos os e-mails e ter que se colocar um horário para estudar, para leitura mesmo do material que estava chegando...

Ps – Tem que ter disciplina...

C2 – É... mas eu achei muito positivo...

Ps – Exige disciplina do aluno...esse tipo de curso...

C2 - Com certeza exige até mais do que qualquer outro curso, porque a coisa tá acontecendo, você está vendo aquilo acontecer...

Ps – Você está vendo os colegas interagirem... eu lembro uma coisa muito interessante que eu achei no curso com você..., a C2 teve vários problemas tecnológicos ((o comentário é feito para a pessoa que assiste à entrevista)), foi assolada por vírus, o computador...

C2 – Foi... tive que formatar tudinho...

Ps – Você confessou para a gente ((risos)), mandou várias mensagens... toda angustiada no Café...na Lista de discussão..., não é?

C2 – Mas foi mesmo... foi difícil mesmo de superar... você vê, depois que você entra, tem cento e tantos e-mails para você ler e você não está interagindo, você se sente... ‘poxa, não falei nada nessa discussão aqui’. Aí, para você voltar à discussão, o pessoal já tá lá avançando e você tá lá atrás... é chato...

Ps – Mas, no final, deu tudo certo...

C2 – Deu tudo certo, graças a Deus... Eu me apaixonei pelo trabalho do professor, achei muito interessante... achei muito bom. Por isso, eu acho que a diferença que existe entre um curso a distância e a dificuldade que você sente, inclusive com essa questão da evasão, é justamente a falta de interatividade. Se você está na sala de aula, você tem uma pessoa sentada do teu lado e você conversa com ela e fala ‘Ah, vamos estudar junto porque esse professor tá meio complicado e tal’, é uma coisa que você não sente num curso a distância. E se você tem essa... maneira como o professor coloca, de estar colocando sempre alguns assuntos em debate para

você estar sempre interagindo, a coisa fica diferente. Eu até achei... os meninos aqui na sala...teve um dia que a gente fez um chat, acho que foi o único que eu participei, nos outros eu estava com problema...((na verdade, C2 participou de 2 chats: do último chat com o professor, dia 3 de maio e do chat entre alunas))

Ps – Aquele entre alunas?

C2 – Foi muito legal...

Ps - Eu cheguei atrasada... a A4 já tinha saído... uma colega de Portugal que participou... ((o comentário é feito para a pessoa que assiste à entrevista)). Ela tinha começado a conversar com a A, aí quando eu cheguei já estavam as duas... Logo depois, chegou você. Mas foi tão bom aquele dia... Isso eu queria te perguntar também: você achou que naquele chat entre alunas, a gente ficou mais livre do que com o chat moderado? Qual a diferença que você acha entre os dois?

C2 – É... acho que não tinha a pretensão de você estar cumprindo determinado roteiro que o professor acaba colocando...

Ps – Colocando... ele tinha um caminho determinado, umas perguntas para a gente...

C2 – É... e você fica até meio assim... preocupada em ter o ritmo, não vou escrever muito porque vou pensar o que é que eu vou falar, porque senão ultrapassa o tempo.

Ps – É... e no nosso não, foi muito tranquilo, a gente conversou de vários assuntos...

C2 – É... foi muito gostoso...

Ps – Tocamos muito na EOL ((educação online)), mas falamos de outras coisas também...

C 2 – O que eu achei interessante nisso, inclusive, foi um dia que acho que estava tendo Copa... Estava tendo jogos...

Ps – Foi o 1º de Maio...foi feriado...

C2 – Foi... isso mesmo... e os meninos estavam em casa assistindo o jogo e tal... e eu falando... ‘ah, mas Fulano é muito engraçado...’ e a gente interagindo com essa coisa do sotaque português... E os meninos: ‘mãe, mas parece que é teu amigo...’ porque é engraçado mesmo, você acaba ficando próximo mesmo... com a pessoa...

Ps – E então você acha na questão do chat moderado, por exemplo, a figura do professor ainda é muito forte... Você acha que aquela questão da autoridade ainda tá presente...

C2 – É... tá...

Ps – Mesmo online? A gente ainda sente aquela figura como...

C2 – O professor... mas acho que tem um sentido diferente, porque na verdade você o vê como um moderador, como uma pessoa que de certa forma tá organizando o caminho, podando algumas conversas paralelas, essas coisas todas, mas não tem a postura de ser... o dono da verdade... eu acho isso muito importante, de certa forma, nas intervenções dele... fora o fato de ele estar tentando fazer o encaminhamento das coisas, mas você não vê... você vê ele nivelado, a intervenção dele é igual à de todo mundo, o que ele coloca tem o mesmo peso do que o restante do grupo, não sei se é porque o grupo também estava muito bem formado, todo mundo tinha muita coisa para dizer, eu acho que aprendi muito com todos os participantes.

Ps – E o espaço? Você sentiu algum problema com relação ao desenho do curso, as ferramentas...

C2 – Não... perfeito... até porque nos outros cursos eu tive dificuldade, então eu fiquei assim... maravilhada com o ambiente.

Ps – Claro... tudo muito claro para a gente, não tinha problema de você ter um labirinto para chegar naquele lugar...

C2 – É verdade... e também muitos espaços interativos, que eu acho muito legal, todos eles funcionando adequadamente, a coisa estava correndo bem ali...

Ps – E o que você sentiu por não poder interagir face a face? Você teve algum problema...tipo assim: ‘Bom, eu vou agora então imaginar...’, ficava imaginando como é que era Fulana...

C2 – Eu cheguei a imaginar... é o que eu te falei, a relação é tão boa... parece que... tanto é assim...agora ... a gente conversando no telefone, nossa... parece que é uma velha amiga... ((risos)) ((C2 refere-se à ligação telefônica que tivemos um pouco antes para confirmar o endereço da casa dela)). A gente se cruza na EOL((lista de discussão)) também... Nesse espaço que a gente tá sempre se encontrando. Então, fica parecendo uma coisa, o professor também... parece que é uma pessoa que eu conheço há anos... Aquela coisa... não sinto nenhuma dificuldade de estar lidando... alguém que tem domínio de como preparar o ambiente, de como preparar o aluno para o curso e tudo o mais... Essa preparação, aquela coisa da pré-escola é muito importante.

Ps – É... nós tivemos um preparo...

C2 - Eu estou fazendo um curso agora de pós-graduação, inclusive eu mandei o texto do professor para o coordenador do curso ((risos)) porque ele me respondeu assim... grosseiramente falando: ‘porque, porque provavelmente você não conhece nada, isso é EaD, não é ensino por Internet, a gente não tem que criar nenhum ambiente de relacionamento entre

vocês'. Eu falei: ((inaudível)). Vai ter um encontro presencial, quer dizer...vai ter de trabalhar 1 dia, quer dizer são 5 dias, para fazer um trabalho de grupo para valer nota, com um pessoal que eu nem conheço...eu não sei nem o nome...porque não foi divulgada a lista das pessoas que participam do curso... eu achei horrível... eu falei: 'Bom, seis meses fazendo um curso... e eu não conheço minha turma, não tem nenhum ambiente que seja nosso ali... de interação.' Daí, depois eu criei um grupo...((inaudível))

Ps – E... C2, como é que você se sentiu por ter de utilizar só a linguagem escrita, por exemplo nós não tivemos aqueles altos recursos multimídia nesse curso. Então, como você sentiu? Você gostou... você gosta de escrever... você tem facilidade...

C2- Eu gosto...

Ps – Então, para você não teve nenhum problema...

C2 - Eu acredito que seja a maioria da população brasileira, acho que não usa nem cartas, uma coisa realmente de ... há uma dificuldade...

Ps – Inclusive carta... a gente tinha parado de escrever há muito tempo... esse negócio da Internet é que a gente recomeçou...

C2 - A enviar e-mail...a se comunicar via...

Ps – Eu não escrevia para ninguém .... Interessante...

C2 – Pois é... tinha parado mesmo... essa relação.

Ps – E você... teve algum problema com relação aos outros colegas revelarem muitos conhecimentos sobre EOL ((educação online)) e que tinham muita experiência, você sentiu assim... de repente...

C2 – Não...

Ps - Como alguns colegas até demonstraram, diziam: 'Não... mas eu não entendo nada de educação...', você sentiu por algum momento isso...

C2 – No início, aquela dificuldade.... de se colocar: 'não é minha área...', mas depois foi um ambiente tão agradável... que depois a coisa começou a fluir normalmente...e aí todo mundo colocava de certa forma isso... quem estava se aprofundando um pouquinho mais noutro assunto, falava: 'olha, minha área é técnica, então eu não sei muito sobre isso...'

Ps – É... eu me lembro disso...até o professor mandou uma mensagem dizendo: 'eu estou percebendo que vocês tão com medo uns dos outros...', lembra disso? Aquela mensagem...

C2 – É... foi...

Ps – E depois daquilo... acho que... a coisa...



C2 – Para quebrar a ..... ((inaudível)) ((risos)). Foi muito bom... nesse sentido também... acho que a troca... é muito interessante essa idéia de que existem várias áreas de interesse ali, que todo mundo estava se favorecendo, cada um sendo de determinada área..((interrupção para C2 desligar a máquina de lavar roupa, que começou a fazer um enorme barulho))

Ps – Então... e aí nós vimos, além da questão da diferença de conhecimento... e eu achei muito positivo que nós tivéssemos técnicos, professores, gente com mais experiência, gente sem muita experiência que estava ali para aprender... eu achei muito interessante... esse perfil...

C2 – Foi... foi uma troca rica...

Ps – Não é...? Eu acho que um curso assim, fica mais interessante...

C2 – Fica...muito mais...quando é só especialista, quase sempre você deixa uma área... de perceber uma parte da coisa que você vai fazer... Por exemplo, na experiência com o grupo de discussão, de EaD, você sente muito que começa um assunto muito técnico, o pessoal começa a falar, é aí você... o pessoal que é mais educador mesmo...mais conteudista fica... voa na discussão... É... porque não entende... e um relacionamento dessas áreas todas é interessante...

Ps – Agora, no final, você lembra...acho que foi no último chat, não sei se você participou... o A2 lembrou um fato... que ele achou que havia um consenso ali, que todo mundo concordou com as idéias, os alunos concordavam muito entre si... você sentiu isso?

C2 – Senti...

Ps – E você achou isso positivo, negativo... e... vamos dizer... que a gente de certa forma concordava também com as idéias do professor...

C2 – É...

Ps – Você já pensou sobre isso... você acha que isso se deve a quê? Ainda é a questão da autoridade? Por exemplo, dele ser uma autoridade em EOL e aí a gente ficou... muito assim...bebendo na fonte...

C2 – Era um pouco também assim... como se a gente estivesse convivendo com o papa do assunto, uma sumidade...mas eu acho... não só por isso. A experiência que a gente estava passando era assim como se a gente estivesse fazendo um trabalho em cima...você tá mexendo com um assunto, lidando com esse assunto... como é que se chama isso mesmo... ‘para...’ ((C2 tenta se lembrar)) você tá fazendo um curso online, fazendo um questionamento, usando como objeto de estudo um curso online... ((provavelmente C2 quis dizer metalinguagem, mas na hora ninguém se lembrou do termo)). E como o curso era muito positivo, no sentido de que ele estava funcionando, estava fluindo de uma maneira legal...é mais do que claro que as

idéias, os recursos que estavam sendo utilizados a gente tivesse tirando o chapéu mesmo... eu senti um pouco assim...

Ps – Havia uma reverência...

C2 – É... em função do próprio...

Ps - ... às idéias dele...

C2 – E também pelo fato da idéia estar dando certo com a gente... como se a gente estivesse experimentando, sendo cobaia de um determinado tipo de experiência que era o nosso objeto de estudo, então como a gente estava estudando, no caso, como se dá o ensino online, e ao mesmo tempo a gente estava praticando isso, de certa forma a gente estava concordando, automaticamente, com o fato de que aquilo funcionava: ‘ah, não...legal, realmente, se for fazer a pré-escola, funciona, se for...’

Ps – Havia um consenso quase que o tempo todo, todo mundo concordando: ‘realmente, tem que ter uma pré-escola...’((risos))

C2 - Mas eu acho que o que a gente conversou é isso...uma coisa assim... de estar vivendo...a coisa...

Ps – E ali, você sentiu o papel dele como professor ...você sentiu mais como moderador, animador...

C2 – Como um animador de uma comunidade....

Ps – Então, você acha que ele desempenhou bem o papel dele...

C2 – Com certeza...

Ps – Estimulando...

C2 - Ele nunca teve esse tipo de intervenção assim... nem crítica... no sentido de podar, em nenhum momento ele foi... às vezes a gente saía um pouquinho do assunto e ele não colocou a coisa como se fosse autoridade... e quando ia morrendo, ele vinha e atiçava o fogo ou redirecionava o assunto...

Ps – Então... a gente já está concluindo, eu só queria saber qual o teu grau de expectativa quando começamos o curso, você tinha um grau ... tua expectativa era alta...você estava bem animada... ou você estava assim: ‘ah, vou fazer esse curso para ver...será...duas semanas só... introdução...’

C2 – Foi muito assim... por conta do outro curso mesmo... eu estava assim: ‘ vou fazer mais para ter uma experiência’, dizer que eu tinha uma experiência em EaD, outra experiência...

Ps- Então, era uma baixa expectativa...

C2 – Baixa...

Ps - E depois que a gente concluiu o curso...qual a idéia que você tem hoje da EOL... só pra gente concluir...

C2 – Eu tenho uma idéia...agora, aqui morando em Pirenópolis, é a coisa mais interessante ainda...((risos)) Porque realmente...

Ps – Você se afastou do grande centro ...

C2 – É...

Ps – Isso que eu ia te perguntar... É uma coisa interessante... ao mesmo tempo você está ligada...se quiser fazer um curso em Nova York...

C2 – Estou fazendo o curso em ((instituição)), estou fazendo minha pós-graduação sem me preocupar muito com isso...então, meus meninos estudam aqui numa escola pública...e é um ensino muito... vai muito aquém das expectativas, por mínimas que sejam...mas usam a Internet, tem muito site de educação que você já pode se inscrever, então realmente...acho que é o futuro...

Ps – Vocês complementam a educação deles com a Internet...

C2 – A gente ((inaudível)) que seja exclusivamente assim... A interação com crianças... com essa coisa que a gente fala de ter um relacionamento, isso a gente tem o tempo todo numa cidade pequena... a coisa da escola, a gente pensa muito nisso...porque a Internet chegou, é o caminho, um canal muito promissor mesmo, mas eu acho que cada vez mais, eu acho que ainda existe muito trabalho sendo feito com uma visão antiquada, realmente é um recurso que você tem de pensar. ..A primeira coisa que você tem de pensar é no grande paradigma da educação moderna, de que realmente não existe mais essa coisa conteudista, de que você vai passar uma apostila pela Internet e pronto, não funciona...

Ps– A interação é fundamental...

C2 – Fundamental...

Ps- E a educação online é o futuro...

C2 – É o futuro... ((risos))

Ps - C2, obrigada, a tua entrevista foi ótima... então...já deu para esclarecer muitas coisas... eu precisava disso, logo, logo, você vai ter os resultados...

C2 – Ah, jóia...

FIM

## Entrevista com M1

Esta entrevista foi realizada via ICQ, no dia 27 de fevereiro de 2003, a partir das 21h, conforme combinado dois dias antes, quando fiz contato telefônico com M1, que reside no Rio de Janeiro e escolheu ela mesma a data e o horário. O diálogo escrito durou 30 minutos e transcorreu normalmente, com objetividade e sem queda da linha.

M1 é graduada em História e especializada em Jornalismo e Administração Pública. É mestranda em Educação pela UFRJ e coordenadora de um centro de pesquisa social aplicada.

M1: Olá, Vera! Já está pronta?

Pesquisadora : Sim, M1. Vamos começar?

M1: Vamos. Claro!

Ps: Vamos combinar o seguinte: ao finalizar as frases colocamos um f, ok?

M1: Ok

Ps: Bem, a minha primeira pergunta é: este foi o seu primeiro curso online?

M1: Não. Já tinha feito outro, antes, do Projeto ((cita o nome)).

Ps: Ah, sim... E o que levou você a fazer o curso Introdução à Educação Online?

M1: A proposta do curso. Eu estou interessada nestas questões de EAD, queria me capacitar para ser uma...animadora/professora/facilitadora on-line e segui minhas pesquisas que me conduziram do ((curso já citado)), para a ((consórcio de universidades)).

Ps: Bem, observei que no primeiro chat você deixou clara a questão de não estar acompanhando o curso....

M1: Verdade. Eu superestimei a minha capacidade de administrar meu tempo...

Ps: E verifiquei que você realmente enviou poucas mensagens à Lista. Fale um pouco sobre isso...

M1: Estava fazendo mestrado, com trabalhos a entregar, trabalhando em expediente integral...

Ps: Compreendo... E o que achou das ferramentas disponíveis: chat, Lista, Cafezinho?

M1: A questão é que quando percebi que não ia conseguir acompanhar, fiquei com vontade de desistir e sair... mas ao mesmo tempo, achei que poderia pelo menos aprender algo da própria experiência digamos de 'ausência' e da troca entre os alunos. Chamam de learker, não é? Acho a estrutura montada pelo professor maravilhosa, muito bem montada, isto dito comparando com outras experiências. Esqueci de dizer que tinha feito outro com o ((cita o nome de um professor da USP)) ...

Ps: Sim, são os lurkers.... Tivemos alguns casos assim no curso. Creio que o seu pode se enquadrar também...Você chegou a fazer seu blog?

M1: Certo...também, mais do que o conteúdo em si, que eu já de alguma forma dominava por causa de minhas leituras, do mestrado, e dos outros cursos, interessou-me observar a dinâmica do curso, a atuação do professor e dos participantes...isto foi excelente para mim. Cheguei a começá-lo, sim, ((o blog)) e parei quando me ‘desliguei’ do curso

Ps: E que tal é ficar só olhando?

M1: Dá muita frustração. Eu entrei com a intenção de participar, mas me deu a sensação que o meu ritmo estava diferente dos outros, e por mais que se diga que em EAD você tem a oportunidade de imprimir seu tempo, acho que isso só é verdade quando se trata de um tutorial. Com turma, tem um ritmo.. eu sentia como se estivesse correndo atrás de todos... teve alguns momentos em que eu achei que ia dar conta, tirar o atraso, mas aí todas as reflexões que eu produzia estavam como que a retardo dos demais...e eu fui desistindo.

Ps: É verdade...Você comparou no primeiro chat o espaço de aprendizagem com um namorado novo, lembra-se? Gostaria de comentar sobre isso?

M1: Nem lembro mais... Foi a sensação do momento. Você quer me lembrar o que eu disse?

Ps: O professor havia falado da sensação do matuto na cidade nova e você fez a comparação com o namorado...

M1: Talvez fosse esta minha sensação/experiência do momento, mas não dá para comentar porque não me lembro e não consigo resgatar a sensação.

Ps: E... como se sentiu por não poder interagir face a face com todos nós?

M1: Face a face? quer dizer...ao vivo e a cores? ou no mesmo ritmo?

Ps: Ao vivo e em cores...

M1: Não tenho o menor problema com isso... trabalho por computador há muito tempo...trabalhei como assessora de imprensa da ((cita a instituição onde trabalha)) (durante seis anos). Fui contratada e fiz todo meu trabalho sem nunca ter encontrado face a face com alguém da empresa...nos primeiros três anos... Acho interessante esta nova interação, dá margem à imaginação, a você construir digamos...uma imagem da pessoa, de seu temperamento, sua personalidade não através de símbolos conhecidos, expressão corporal, tom de voz, mas inteiramente através da palavra escrita...da escolha deste discurso...

Ps: Você tocou na questão da sincronia... Gostou do chat moderado?

M1: Eu gosto muito de chat moderado, para fins acadêmicos... acho uma forma mais ...segura de se produzir algo...senão fica uma cacofonia...

Ps: Você acabou de falar da comunicação por meio da escrita... então para você não houve nenhuma dificuldade, não é?

M1: Não, nenhuma... tem que se ajustar a estas limitações...você está falando do chat moderado...claro que tem limitações...lentidão...até que chegue sua vez, o fio da meada se perdeu, o tema já foi pro espaço, etc (não falo aqui da limitação da escrita, mas do meio e da dinâmica...acho que estou misturando coisas...) Voltando à escrita, eu gosto do idioma e de seu uso, gosto de comunicação e de observar como ela se dá nos grupos.

Ps: Observei que no chat você também disse ao professor que, no princípio, achava que sua experiência não teria valor para o grupo... Como viu a diferença de conhecimento por parte dos alunos do curso?

M1: Acabo valorizando e gostando da diversidade... acho que é sinérgico! Uma pergunta: tudo isso é memória sua, ou você tem o transcript do chat?

Ps: Tenho todo o material... ∅ .E um colega lembrou que o tempo todo estávamos mais ou menos de acordo com as idéias um do outro... Na sua opinião, a que se deve isso?

M1: Acho que formávamos um grupo de alguma maneira homogêneo na medida em que nosso campo de interesse era igual: a EAD. Não pensei muito sobre isso...estou refletindo agora...

Ps: Veja bem, parece que houve uma certa acomodação nossa... todo mundo concordando com as idéias dos textos...

M1: ...e tínhamos cacife para discordar? Estamos todos engatinhando neste assunto...

Ps: Sim, mais ou menos... Eis uma boa razão... E qual a sua expectativa ao iniciar o curso?

M1: A minha expectativa era, como te disse, de observar uma experiência bem estruturada de EAD, de aprender com ela, como modelo, e de aprender também graças ao conteúdo e a interação entre as pessoas.

Ps: Ok, estamos acabando... E após esse curso a sua concepção de EOL mudou?

M1: Não... não mudou...mudou minha concepção de mim mesma...aprendi a baixar a bola....e não achar que consigo assobiar e chupar cana ao mesmo tempo ∅

Ps: Ao final, na avaliação, você chamou o professor de Mestre/Maestro. É assim que vê o papel do professor online?

M1: ...desculpe a brincadeira...mas é isso...EOL ((educação online)) tem vantagens e desvantagens, limitações e qualidades, mas o que percebo é que exige um certo tipo de 'aptidão' ... Sim, vejo -o como um maestro encarregado de uma sinfonia...sinfonia é o que a palavra expressa...sons em harmonia... Para voltar ao que eu dizia, acho que EAD, EOL exige disciplina e a capacidade de aprender não digo sozinho, mas em solidão...

Ps: Que bela imagem...Gostaria de acrescentar algo mais sobre o curso, a interação...?

M1: Não, Vera, já passou muito tempo, e a memória foi se apagando. O que ficou para mim foi a imagem de um belo modelo de curso...quero também destacar o papel do mestre/maestro digamos off the records, e isso me encantou: ele acompanhou minha dificuldade, não me deixou sozinha, foi digamos...'me buscar' e perguntar o que estava havendo e qual a minha dificuldade...mais uma vez um belo exemplo...

Ps: M1, obrigada pela entrevista. Foi bom estar aqui com você e... bom carnaval...! ☺

M1: Muito obrigada a você por ter querido me entrevistar e fazer parte da sua pesquisa. Bom carnaval para você também...e bom trabalho! Vamos ter acesso à tese ao final, quando você a defender? ☺

Ps: Sim, com certeza... a partir de junho... Abraços...☺

FIM

## **Entrevista com A2**

Esta entrevista foi realizada no domingo 23 de fevereiro de 2003. A sugestão do dia, horário e de ser realizada via ICQ, programa para emissão de mensagens, partiu do próprio A2, conforme mensagem enviada por e-mail, na véspera. A entrevista teve início às 15h30 (hora de Brasília), quando em Lisboa eram 18h30 e durou cerca de uma hora, com uma interrupção na metade, devido à queda da linha. O texto foi enriquecido por ambos, aqui e ali, com o uso de 'emoticons', cabendo esclarecer que, na transcrição, respeitamos o português de Portugal.

Pesquisadora: olá, A2, já cheguei...tudo bem?

A2: oi , Vera?

Ps.: olá, podemos começar?

A2: ok.

Ps.: bem, minha primeira pergunta é... o curso Introdução à Educação Online foi o seu primeiro online?

A2: não foi o meu primeiro online. Tinha feito um em 1996 com a Open University (UK) utilizando o First Class

Ps.: E o que levou você a fazer o curso?

A2: o facto de ter encontrado os textos do professor, os ter lido e achado cheios de qualidade e originais na perspectiva que apresentavam, assim ... se estava aberto um curso de uma pessoa que me parecia saber muito sobre o assunto, porque não fazer? Ainda por cima em português e com o Brasil, era uma forma interessante de ver se algo de qualidade se passava fora do hegemónico mundo anglo-saxónico.

Ps.: como você lidou com o ritmo síncrono/assíncrono do curso?

A2: não quer especificar mais a pergunta? Fico um bocado aflito para responder a uma coisa tão genérica...

Ps.: bem, você viu que havia colegas que tinham dificuldades com a nova temporalidade, por exemplo, não ter tempo para ler tudo... E, ao mesmo tempo, estar em presença virtual... nos chats, por exemplo...

A2: bom... o tempo síncrono não pôs muitos problemas...bastou acertar o relógio com o Brasil. O tempo assíncrono foi muito interessante, sentir que se está a frequentar um curso 'situado noutra Continente' e poder interagir com as pessoas como se estivessem todas à mesma distância...foi uma experiência subjectivamente muito interessante.; no que diz respeito ao tempo das aprendizagens foi também muito interessante, a tentativa de regularmos e coordenarmos o nosso tempo de estudo com o dos outros, de regularmos e coordenarmos as nossas intervenções /mensagens, depois há sempre a sensação da falta de tempo... mas toda a intervenção preparatória do professor sobre isso foi muito importante e foi feita com muita qualidade, conseguiu adequar as expectativas iniciais das pessoas e dar-lhes indicações preciosas de como proceder, nomeadamente no Manual do Aluno e nas mensagens iniciais que mandou preparando-nos para o curso.

Ps.: e... que tal lhe pareceu o espaço de aprendizagem, as ferramentas e recursos: blog, chat, lista, café...?

A2: pareceram-me excelentes excepto o Blog. Nunca me adaptei ao Blog, parecia-me que o curso tinha três pernas (o mail, o cafezinho e o Blog) e a mim dá-me mais jeito andar em cima de duas pernas... quanto à importância do Cafezinho acho que nem vale a pena falar...



é uma componente fundamental para criar um espírito de grupo uma verdadeira classe ainda assim não sei se terá grandes vantagens em relação ao Fórum tradicional... isso é uma coisa que uma dia ainda gostaria de discutir com ele... aliás isso daria um excelente tema de pesquisa, imagine o mesmo tópico estudado por um grupo através da lista/mail e outro grupo através do fórum, haveria diferenças importantes? quais as vantagens e desvantagens? Ainda está aí ? ;-)

Ps.: Bem, quanto ao blog seria como o nosso diário, se não temos o hábito ... fica difícil. Também ele não me atraiu, ainda mais que era apenas para colocar os resumos... Quanto a sua última questão, seria realmente uma boa pesquisa. E... como se sentiu por não poder ver o professor e os colegas? Isso te afetou de alguma forma?

A2: não nenhuma. Nunca vi o professor mas acho que ficámos amigos... e com os colegas também... não me afectou nada não os ver, acho até muita piada a isto de as pessoas se poderem relacionar sem se verem... alô?

Ps: olá, estou de volta... ((a linha havia caído)). Como se sentiu por utilizar somente a linguagem escrita?

A2: óptimamente, a linguagem escrita permite uma reflexividade por vezes muito superior à linguagem oral, o inconveniente é que demora muito mais tempo que a oral (você está salvando a conversa ? é que às vezes a ligação cai...)

Ps: sim, estou salvando... tomara que agora dê certo...

A2: ok.

Ps: e você percebeu que alguns alunos utilizaram a escrita de forma bem criativa?

A2: bom... a criatividade atribui-a à vossa criatividade genérica com a linguagem e não especificamente à escrita, o que me pareceu mais importante

Ps: eu percebi isso... principalmente no Cafezinho... Lembra da T?

A2: foi o modo específico como a escrita teve de ser usada para simular um diálogo através do mail. Ah sim! A T era muito criativa com a linguagem! Mas não o será também no oral? O modo como as mensagens tinham de ser organizadas citando primeiro o que queríamos comentar ((A2 refere-se às instruções dadas na fase preparatória do curso, quanto ao uso da Lista de discussão)) é que me pareceu mais específico do online e deste curso em particular: coloca dificuldades a que temos de nos adaptar, daí que o professor tenha dado logo instruções quanto a isso nomeadamente no Manual do Aluno e nas mensagens que precederam o curso

Ps: sim, isso vem um pouco contra a nossa cultura, pelo menos aqui no Brasil, falamos ao mesmo tempo e o que ele colocou exige uma organização... Por falar nisso, o que você achou do chat moderado?

A2: achei ótimo! nunca mais deixei de utilizar aquelas regras!

Ps: como você percebeu os minutos antes e depois do moderado?

A2: de grande convívio e descontração...complementando perfeitamente o papo do Cafezinho! O Cafezinho e o chat contribuíram muito para a criação de um grupo, de um ambiente de turma.

Ps: e a questão do conhecimento... havia pessoas de áreas técnicas que pareciam um tanto inibidas diante dos alunos/professores, dos que já trabalhavam com Educação Online...

A2: a princípio talvez ...mas depois estavam perfeitamente integradas... tinha a ver também com os assuntos discutidos... se eu estivesse num fórum a discutir engenharia também ficaria inibido... mas também isso não achei que fosse específico do online, num contexto presencial aconteceria o mesmo...

Ps: você levantou, no chat final, que todos os alunos estavam muito de acordo, que houve um consenso geral...A seu ver, isso se deve ao fato de o professor ser uma autoridade no assunto e nos sentirmos inibidos?

A2: parece-me que isso se deve essencialmente ao facto de o professor ser uma pessoa muito carismática e muito conhecedora do assunto, isso talvez inibisse as pessoas de dizerem que não estavam de acordo... coisas como o carisma também se sentem online...e, essa questão da autoridade do professor ainda é muito forte, não?;-) ... é muito diferente a autoridade e o ter uma presença muito forte... é uma autoridade intelectual... mas possivelmente essa questão põe-se acentuadamente no contexto de um curso mais institucional. Possivelmente você tem razão noutro contexto mas com o professor não me parece ser esse o caso...

Ps: e ainda quanto à interação, tivemos três colegas lurkers, que se apresentaram, mas não participaram do curso. Como você vê essa participação silenciosa?

A2: a seguir a esse curso frequentei outro também com o professor em que por razões de vária ordem externas ao curso me comportei muito como um lurker, aprendi bastante na mesma acompanhando pela leitura as discussões, acho que se pode ser um lurker activo ....∅

Ps: bem, estamos com mais de 1 hora de entrevista e gostaria de saber qual a sua expectativa ao iniciar o curso?

A2: mas isso torna muito difícil a tarefa do formador porque nunca sabe o que está a acontecer do outro lado... expectativas... como lhe disse tinha muita curiosidade pelos textos do professor...uma das principais expectativas era ver como funcionava um curso sem uma plataforma, também expectativas quanto ao funcionamento com pessoas que estão noutra continente... também quanto à tal vivência do tempo assíncrono.

Ps: após esse curso, a concepção que você tinha de Educação Online mudou de alguma forma?

A2: pode-se dizer que consolidou firmemente algumas concepções que eu tinha já previamente! nomeadamente quanto à importância da interação e da aprendizagem colaborativa, também me fez ver melhor que um curso online não é necessariamente uma coisa fria, antes pelo contrário, mostrou-me o quanto as pessoas se podem sentir envolvidas a aprenderem umas com as outras mesmo sem nunca se terem visto

Ps: queria agradecer o desenho enviado, de autoria de sua filha, já fiz a análise, você colocou um ponto importante ali: a questão da falada flexibilidade em EaD.

A2: Gostaria de pôr em prática o que aprendi, mesmo que por vezes o faça de uma maneira diferente. Achei também muito importante toda a fase pré-curso, o Manual, as mensagens que o professor ia mandando, a contratualização que ele foi fazendo com as pessoas...

Ps: uma curiosidade... por que escolheu o nickname ((digo o nome))? Algo a ver com o 'Mar Português', do Fernando Pessoa? ∅ Comecei a ler a Chuva Obliqua, ao qual você se referiu... É um longo poema...

A2: ah.. foi uma amiga minha que me introduziu no ICQ há uns anos e quando estávamos a instalar isto ela escolheu este nick, ela gosta de coisas assim, mar, lua etc... ∅ não teve a ver com o Fernando Pessoa... ∅ já agora o que é que acha de entrevistar uma pessoa assim? Acha que o telefone tem vantagens em relação a isto? Como está a fazer com os outros colegas? Bom... tenho de ir dar o jantar à minha criança.... ainda aí está???? :-O

Ps: Sim, gostei do ICQ, foi a primeira vez que utilizei. Já fiz duas entrevistas pessoalmente, com a C2 e com o J (que foi um lurker...). Acho que a coisa corre mais descontraída...cara a cara, não? Obrigada pela entrevista, logo darei os resultados. Até...

A2: sim, cara a cara, mais descontraído, mas também acho que a investigação sobre o online deveria começar ela própria a utilizar os recursos online...;-) ok.. espero que a entrevista tenha servido os seus objectivos.

Ps: muito bem observado, como sempre....

A2: uma das vantagens disto é que pode ser recursivo... você pode pegar e voltar a aprofundar certos pontos e evita os escolhos da distância... bom ... agora me vou, tá?

Foi um prazer voltar a falar consigo...

Ps: ok, bem, quem sabe da próxima podemos fazer via telefone para ouvir os sotaques...

A2: a Vera era a pessoa do curso que já conhecia Lisboa, não era?

Ps: sim, eu mesma...

A2: ok... ficam então os sotaques para a próxima...;-)

Ps: tchau.. e bom Carnaval...

A2: tchau....pois ...a minha filha é que se vai mascarar de fada...eu vou ficar eu mesmo...rsrsrs

:-P

FIM